



FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

David Clamote Nogueira

A CERÂMICA MEDIEVAL DO CASTELO DA VILA DO TOURO: OS SECTORES VI E VIII

Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território, orientado pelo
Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva, apresentado ao Departamento de
História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da
Universidade de Coimbra

Janeiro de 2024

FACULDADE DE LETRAS

A CERÂMICA MEDIEVAL DO CASTELO DA VILA DO TOURO: OS SECTORES VI E VIII

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	A cerâmica Medieval do Castelo da Vila do Touro: os sectores VI e VIII
Autor	David Clamote Nogueira
Orientador	Doutor Ricardo Costeira da Silva
Júri	Presidente: Doutora Raquel Maria da Rosa Vilaça Vogais: 1. Doutor Marcos Daniel Osório da Silva 2. Doutor Ricardo Costeira da Silva
Identificação do Curso	2º Ciclo em Arqueologia e Território
Área científica	Arqueologia
Especialidade/Ramo	Arqueologia Medieval
Data da Defesa	15 – 03 – 2024
Classificação	16 Valores

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a possibilidade de realizar este estágio na Câmara Municipal do Sabugal, devido ao protocolo celebrado entre a mesma e a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

De seguida expresso o meu sincero agradecimento aos meus orientadores: ao Doutor Ricardo Costeira da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, que sempre recebeu as minhas dúvidas atenciosamente, orientando-me ao longo da execução deste trabalho de forma sábia e prudente; e ao Mestre Paulo Pernadas, da instituição de acolhimento, que me acompanhou durante esta etapa e que constantemente me desviou para o caminho certo.

Um agradecimento especial ao Doutor Marcos Osório pelos seus ensinamentos, pela sua sabedoria e pela excelente ajuda que me prestou.

Um grande obrigado à minha família e amigos, pois foram quem sempre me proporcionaram as condições necessárias.

Em último lugar, mas não menos importante, agradeço a todos aqueles que de uma e de outra forma colaboraram neste relatório de estágio.

Resumo

O seguinte relatório de estágio é o produto de um trabalho realizado no Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal, proporcionado pelo protocolo existente entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal do Sabugal, no âmbito do 2º ano do Mestrado em Arqueologia e Território.

O objectivo geral do nosso trabalho era contribuir, a partir da análise de um conjunto de cerâmicas medievais exumadas nos sectores VI e VIII do Castelo da Vila do Touro, para adensar o conhecimento sobre este edifício militar desde a sua fase de construção (séc. XIII).

Para tal seleccionou-se a colecção de cerâmicas provindas dos sectores VI e VIII recolhidas durante os trabalhos arqueológicos realizados entre 2014 e 2018 pelo Gabinete de Arqueologia do Sabugal (em colaboração com alunos e professores da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra), que não tinham ainda sido objecto de estudo.

Neste trabalho realizaram-se todas as etapas de um estudo cerâmico, iniciado com a remarcação de algumas peças, a colagem, o registo gráfico e, por fim, a inventariação dos fragmentos. Seguidamente, procedeu-se à sua análise tecnológica e morfo-tipológica, tendo também sido consultada bibliografia sobre diferentes estudos de cerâmica com vista ao estabelecimento de paralelos tipológicos e decorativos.

Perante esta análise foi possível identificar um conjunto de fabrico local de cerâmica comum feita a torno, com cozedura principalmente redutora, onde constam panelas, potes, cântaros, pucarinhos, entre outras formas e onde predominam as decorações incisas e impressas. Com este estudo procurou-se contribuir para o conhecimento da produção cerâmica na raia portuguesa em período baixo medieval, a partir do século XIII.

Palavras-chave: Vila do Touro (Sabugal); castelo; cerâmica medieval; estruturas habitacionais.

Abstract

The following internship report is the product of a work carried out in the Archaeology Office of Sabugal, provided by the protocol between Faculty of Arts and Humanities of University of Coimbra and the Câmara Municipal of Sabugal, under the 2nd year of the Master in Archaeology and Territory.

The general objective of our work was to contribute, from the analysis of a set of medieval ceramics exhumed in sectors VI and VIII of the Castle of *Vila do Touro*, to increase the knowledge about this military building since its construction phase (13th century).

To this end, the collection of ceramics from sectors VI and VIII collected during the archaeological works carried out between 2014 and 2018 by the Archaeology Office of Sabugal (in collaboration with students and teachers of the Faculty of Arts and Humanities of University of Coimbra), who had not yet been studied, was selected.

In this work, all stages of a ceramic study were conducted, starting with the remarcation of some pieces, the collage, the graphic record and, finally, the inventory of the fragments. Then, we proceeded to its technological and morpho-typological analysis and was also consulted bibliography on different studies of ceramics in order to establish typological and decorative parallels.

In view of this analysis, it was possible to identify a set of local manufacture of common ceramics made around, with cooking mainly reductive, where there are pots and jars among other forms and where the incised and printed decorations predominate. This study sought to contribute to the knowledge of ceramic production in the Portuguese streak in medieval low period, from the 13th century.

Keywords: Vila do Touro (Sabugal); castle; medieval ceramics; habitational structures.

Índice

I. INTRODUÇÃO	5
II - A VILA DO TOURO	8
II.1 O presente e o passado	8
II.2 O castelo.....	11
III - A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA	16
III.1. Metodologia	16
III.2. Sector VI	17
III.2.1. Sondagem 1	19
III.2.2. Sondagem 2	29
III.3. Sector VIII.....	35
III.3.1. Sondagem 1	36
III.3.2. Sondagem 2	38
IV – O ESTUDO DAS CERÂMICAS	51
IV.1. Metodologia	51
IV.2. Os fabricos (análise tecnológica).....	54
IV.3. O repertório morfológico e funcional (análise morfo-tipológica).....	58
IV.3.1. Recipientes de cozinha	58
IV.3.2. Recipientes de cozinha e de mesa	60
IV.3.3. Recipientes de armazenamento, transporte e serviço de líquidos	62
IV.3.4. Recipientes de preparação de alimentos/higiene pessoal	63
IV.3.5. Recipientes de uso complementar.....	65
IV.4. Técnicas, motivos e esquemas decorativos	66
V. CONCLUSÃO	69
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71
ANEXO I - (Estampas 1-35)	77
ANEXO II - Inventário	112

I. INTRODUÇÃO

Com o desenvolvimento e aperfeiçoamento da disciplina arqueológica, tornou-se cada vez mais claro que os sítios arqueológicos são profundamente influenciados pelo contexto onde estão inseridos e pela sua paisagem envolvente. Durante a ocupação humana e social de qualquer sítio arqueológico, estão obrigatoriamente presentes relações de simbiose entre as pessoas e o espaço que ocupam, o que em muitos casos, quando alteradas, podem determinar o abandono do sítio. As actividades e interacções sociais de um sítio habitado são moldadas consoante o espaço onde têm lugar, assim como a própria economia, pelo que o conhecimento do território envolvente de um sítio é de vital importância. Esta perspectiva é defendida e consolidada pela Arqueologia Processual, na qual o território adquire valor, é uma fonte de recursos e informações e consequentemente parte integrante de um sítio (Matos, 1980: 15).

O trabalho que se apresenta surge no âmbito do segundo ano do 2º ciclo de estudos no curso de Arqueologia e Território da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Este estágio teve lugar no Gabinete de Arqueologia do Município do Sabugal, e foi possível devido ao protocolo que se celebrou entre a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e a Câmara Municipal do Sabugal. Este prevê igualmente a colaboração em contexto de trabalho de campo (escavação arqueológica) que reúne, habitualmente durante os meses de Verão, estudantes e professores do 1º e 2º ciclo de Arqueologia. Foi neste contexto que se desenvolveram os principais trabalhos arqueológicos realizados no castelo da Vila do Touro e que enquadram este estágio.

O presente relatório de estágio foi coordenado e orientado cientificamente pelo Doutor Ricardo Costeira da Silva da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, e supervisionado pelo arqueólogo Mestre Paulo Pernadas do Gabinete de Arqueologia da Câmara do Sabugal, a entidade de acolhimento. O referido trabalho tem como objecto de estudo as cerâmicas de cronologia medieval exumadas nos sectores VI e VIII do castelo da Vila do Touro.

Os trabalhos arqueológicos neste sítio foram iniciados em 2014 e motivados pela criação de um projecto, por parte do Município do Sabugal, com o objectivo de

melhorar o acesso entre a porta e o topo do castelo, mediante a construção de uma escadaria por módulos, adaptando-se ao terreno íngreme. Desta forma o Gabinete de Arqueologia agiu rápida e prudentemente, ao abrir sondagens de diagnóstico em diferentes pontos do percurso da obra.

Ao longo das centúrias anteriores o sítio foi sucessivamente adaptado à prática agrícola, pelo que nas prospecções arqueológicas foram detectados, à superfície, materiais cerâmicos de cronologia proto-histórica e medieval, o que corroborou o que já se desconfiava, uma ocupação inicial do sítio durante a proto-história e uma reocupação posterior já em época medieval.

Os materiais objecto deste estudo tinham sido devidamente tratados e inventariados pelo Gabinete de Arqueologia municipal e encontram-se, guardados no arquivo do gabinete, onde foi possível aceder e proceder à selecção dos fragmentos do lote que estudámos.

O principal objectivo deste estágio prendeu-se com a aquisição de novas capacidades práticas em arqueologia, nomeadamente em contexto de trabalho profissional. Em consonância com este objectivo, o estágio foi realizado na Câmara Municipal do Sabugal por ser uma instituição da minha zona de naturalidade. Esta escolha permitiu assim uma consequentemente facilidade de deslocação, quer para o local onde se desenvolveu o estágio quer para o castelo de Vila do Touro, o objecto de estudo.

No que toca em particular com a análise dos materiais, a cerâmica foi considerada como primordial documento arqueológico que torna possível a recuperação de aspectos concernentes à construção, ocupação e abandono do castelo medieval. O material foi também analisado em função dos seus contextos de recolha o que, por sua vez, sustenta a determinação e interpretação das transformações do espaço construído em época medieval. Para esse fim, procedeu-se à inventariação da colecção cerâmica, (inventário que consta, em anexo, no final do trabalho) realizando-se de seguida a sua caracterização e descrição. O registo, tanto gráfico como fotográfico, incidiu especialmente nas peças mais significativas e representativas.

Desta forma, o trabalho estrutura-se do seguinte modo: em primeiro lugar começámos por enquadrar a Vila do Touro nas suas vertentes histórica e geográfica. Passámos depois ao capítulo que explica o porquê de se ter intervencionado este local, mostrando as principais linhas orientadoras que guiaram a escavação. Desta forma analisaram-se mais detalhadamente os sectores que forneceram os materiais cerâmicos estudados (sectores VI e VIII), uma vez que o estudo da cerâmica só pode trazer novos conhecimentos quando associado ao seu contexto de proveniência. Importa, antes de começar o estudo cerâmico propriamente dito, explicar qual a metodologia e os procedimentos que foram aplicados nesse trabalho, e que são descritos no terceiro capítulo. No capítulo seguinte procede-se então à análise da cerâmica no seu domínio tecnológico, morfo-tipológico, funcional e decorativo. Seguem-se a conclusão, as referências bibliográficas e o conjunto de anexos - gráficos, cartográficos e fotográficos, bem como o inventário da colecção cerâmica analisada.

II - A VILA DO TOURO

II.1 O presente e o passado

Situada entre dois outeiros, num dos quais fica a cidadela e no outro a ermida de S. Gens, esta tão antiga povoação localiza-se a norte do Sabugal, de que dista 7 km. Do cimo dos dois serros descortina-se um vasto horizonte e pode contemplar-se a cidade da Guarda, que oferece um aspecto imponente, alvejando ao longe, a desmentir a fama de feia, que se honra de ter perdido segundo Joaquim Manuel Correia (1946: 283). Esta localização corrobora o que foi publicado nas Memórias Paroquiais de 1758, onde o vigário da vila Frei António Duarte refere que está em altura entre dois rochedos e montes de pedra com pouco préstimo, onde do topo se observa além da Guarda, a Serra da Gata, a Penha de França, os cabeços das Fráguas e de Caria Talaia, o Jarmelo e o Sabugal Velho entre outras referências na paisagem. Apesar do epíteto de vila é actualmente uma aldeia, e a bibliografia do século XVIII acrescenta ainda que Sortelha está a sul 2 léguas, a Guarda a 3, o Porto a 30 e Lisboa a 50 (Costa, 1708: 400; Jorge, 1990: 15) (Est. 1 e 2).

Relativamente às origens medievais são poucas as informações que conhecemos, o que se deve não só às insuficientes intervenções arqueológicas no núcleo urbano, como também pela inexistência de documentação antiga. Sabemos que a cidade da Guarda recebeu foral de D. Sancho I nos finais do século XII (1199) e que esta aldeia de Touro estava no seu termo, que para ocidente coincidiu com o percurso do rio Côa. As Inquirições de D. Dinis à região da Beira e Além-Douro (1314) revelam que: «Dizem as testemunhas que ouviram dizer que o concelho da Guarda dera ao Mestre Dom Pedro Alvites, ali hu ora é Touro, herdamento em que lavrassem seis jugadas de bois, e que fizessem hi granja» (Castro, 1902: 34, nota 1; Gomes, 1996: 16; Osório, 2021: 33-35). No Foral Novo de D. Manuel I, outorgado à Vila do Touro em 1510, vem referido o privilégio gozado pelos seus habitantes de estarem isentos do pagamento de portagens em todo o território nacional, afirmando ainda que esta isenção vigorava desde antes

«da era de myl et duzentos et cinquenta et dous anos» (que corresponde ao ano de 1214 do nosso calendário) corroborando a ideia de que o núcleo habitado teria já alguma relevância nos inícios do séc. XIII (Osório, 2021: 34-35).

A Carta de Foral assinada por D. Pedro Alvites em 1220 insere-se na estratégia nacional de criação de núcleos populacionais fortificados que controlassem o vale do Côa, uma região fronteiriça que desencorajava o fixamento de novos habitantes. O próprio rei D. Sancho II apostou nesta medida, deslocando-se à Vila do Touro em 1229 onde redigiu e assinou o foral de Sortelha (Osório, 2021: 35).

O núcleo habitado adquire tal importância que passa em 1319 para a tutela da Ordem de Cristo, mantendo-se sede concelhia, e controlando o território contíguo nas sete centúrias seguintes, até à extinção deste concelho nos inícios do século XIX em 1836, por força das reformas liberais, passando a integrar desde então o concelho do Sabugal (Dórdio, 1998: 68; Osório, 2021: 35; Osório, 2012: 48).

O seu casario desenvolve-se estruturado principalmente pela Rua Direita, construído sobretudo em granito aproveitando por vezes barrocos que lhes servem de parede (Est. 3 e 4). É genericamente humilde, dominado pelo estilo beirão no qual as casas se servem de um balcão exterior para aceder ao segundo piso sem, contudo, grandes ornamentos, apenas à excepção de uma varanda com colunas de ordem dórica que se via no início do século passado e uma ou outra janela de requintado estilo Manuelino. Vêm-se sobretudo nas ruas Direita e D. Pedro Alvites que ainda hoje se podem contemplar, não obstante os edifícios estarem já descaracterizados (Correia, 1946: 283).

A mesma simplicidade já não se reflecte de forma tão austera nos imóveis de carácter público e religioso. A igreja matriz como hoje a temos é do século XVI, com obras e remodelações nos séculos seguintes, e invoca ‘Nossa Senhora da Assumpçam’ (Luís e Lajes, 1979: 94; Jorge, 1990: 15). Ergue-se no arranque da Rua Direita, num largo ainda chamado do Reduto, pois segundo a tradição aqui foi construído (um reduto), pensa-se que talvez no seguimento das Guerras da Restauração (1640-1668) ou até das Guerras Peninsulares do século XIX (1807-1811), do qual resta apenas a memória de ali se ter conservado até mais tarde. O adro serviu de cemitério até à década

de 1930, preservando-se visíveis nessa época duas sepulturas escavadas na rocha (Correia, 1946: 284-86; Luís e Lajes, 1979: 94; Osório, 2021: 49). O campanário é também quinhentista com adaptações no século XX, com vista à colocação do relógio, estando por isso já bastante diferente daquilo que seria originalmente (Correia, 1946: 286; Luís e Lajes, 1979: 95).

A fundação da paróquia de Vila do Touro é para nós um enigma sabendo apenas que deve ser pelo menos do tempo do primeiro foral, dado que nesse ano os templários reconhecem pertencer à Sé da Guarda os direitos episcopais da diocese, entre os quais «et in villa que vocatur Caput Tauri sive Bovis» (Luís e Lajes, 1979: 60). Após 40 anos, em 1260, a igreja de Tauros vem já referida num documento que divide a renda desta e doutras igrejas da diocese da Guarda entre o bispo D. Rodrigo Fernandes e o Cabido da Egitânia (Castro, 1902; Luís e Lajes, 1979: 60). Em 1758 são já mencionadas as 4 capelas que ainda hoje se podem ver: Nossa Senhora do Mercado, S. Gens, S. Sebastião e S. Lázaro.

O pelourinho, verdadeiro símbolo do poder concelhio, fica no largo junto da igreja sendo a construção dos inícios do século XVI, altura em que D. Manuel, o venturoso, renova o foral à vila (1510). A sua arquitectura compara-se ao de Alfaiates aqui bem perto, e está protegido ao abrigo da classificação como Imóvel de Interesse Público, pelo decreto n.º 23122 de 11 de Outubro de 1933. Nas Memórias do Concelho do Sabugal, o autor elogia os vizinhos da Vila do Touro por terem respeitado e preservado este símbolo (Correia, 1946: 285; Malafaia, 1997: 422; Osório, 2021: 51).

O fornecimento de água canalizada aos edifícios foi inaugurado na Vila do Touro em 2 de Setembro de 1956. Desta forma, e como todos sabemos, antes desta data a obtenção e recolha deste bem tão precioso era feita essencialmente nos chafarizes e fontes, que jorram água pura e fresca. Distinguem-se o chafariz do jorro ou chorro (séc. XVI), o chafariz do carvalho (séc. XVIII) e a fonte de Paio Gomes (Luís e Lajes, 1979: 92-93)(Est. 5).

No antigo e actual caminho que segue em direcção à cidade da Guarda preserva-se no esquecimento uma ponte «de pedra de hum só arco» sobre a ribeira do Boi, cuja cronologia de construção não se pode precisar (Jorge, 1990: 17) (Est. 6).

II. 2 O castelo

O castelo fica no sítio da Pena Alta e vem representado na Carta Militar de Portugal (1:25 000) número 215, com as coordenadas: 40° 25' 05.30" N e 7° 06' 23.93" O (Est. 2). Do topo deste cabeço, a nordeste e sobranceiro ao povo, alcança-se uma cota de 830 m no marco geodésico, e fornece um controlo completo do território em redor.

Contrariamente à vontade do concelho da Guarda, os Templários, na pessoa do seu mestre Pedro Alvites outorgou a Touro Carta de Foro no 1º de Dezembro de 1220 expressando a intenção de expandir, povoar e fortificar o território que lhes tinha sido cedido pelo município da Guarda. O objectivo foi sendo cumprido como bem mostram as inquirições de 1314 de D. Dinis, que dizem «os freires foram acrescentando, de guisa que moram ora hi bem 500 homens, entre a Vila e uma aldeia chama Rapoula, que pobraram» (Castro, 1902: 34; Gomes, 1996: 16; Osório, 2021: 35).

No documento de 1220 o termo é o seguinte: «Estae som os termos assinaados os quaes don Pedro Alvaris maestre do Templo da cavalaria em espanha deu aos poboadores de Touro também aos presentes como aos que ande vir que hi morar quiserem per mandado de nosso senhor el Rey Dom Afonço de Portugal e aprazimento do Concelho da Cidade de guarda. In primeyramente pela água de boy e dezende pela garganta de Saguarzades e dezende pela corneeyra como vai a Cornudela e dezende como vai ao termo da Cidade da Guarda contra Elgiam e doutra parte pelo rio de Cola.» (Luís e Lajes, 1979: 11-12). Temos, portanto, o limite norte coincidente com o de hoje, na Ribeira do Boi. A nascente seguia pelo rio Côa integrando no seu termo a Rapoula do Côa e as Quintas de S. Bartolomeu. A poente segue pelos mesmos topónimos e referências na paisagem do termo de 1186 da Covilhã, passando pela garganta dos Sargaçais - termo que designa o vale ou passagem da actual Ribeira da Paiã. Já a sul são bem evidentes as pretensões de expansão territorial, uma vez que o termo não vem bem explícito na Carta de Foro, dizendo apenas pelo termo da Guarda até ao rio Erges, e o

mestre do Templo diz mesmo «quanto chus podermos hi guaanhar» (Luís e Lages, 1979: 11).

A localização desta povoação junto da fronteira que ora avança ora recua, permitiu a desejada margem de expansão, e simultaneamente justificou a construção de um castelo na Pena Alta, o que além de proteger e defender os habitantes, reforçava o estatuto militar da Vila. Na mesma altura, outras povoações entenderam estabelecer o seu termo oriental na linha do Côa, nomeadamente a Guarda em 1199 e Castelo Mendo em 1229, numa tentativa de acalmar a pressão exercida pelos leoneses que construía um castelo no Cabeço de Nossa Senhora das Preces (Caria Talaia), num importante e antigo local de travessia do Côa. Esta fortificação dista uns escassos 6 km da Pena Alta e pensa-se que o seu termo extravasasse o rio, ficando o limite das duas terras perigosamente perto (Osório, 2010: 64; Osório, 2016: 97; Osório, 2021: 36).

A fortificação militar que hoje se conserva fica muito aquém daquilo que terá sido o projecto inicial, restando apenas 2 troços de muralhas. Estas apresentam paramentos aprumados constituídos por silhares de granito de dimensões regulares, desprovidos de qualquer marca de canteiro, e encaixados entre os penedos. Um destes troços delimita a vertente nordeste enquanto que o outro fecha o lado meridional e ocidental do cabeço. O seu traçado curvilíneo adapta-se às encostas e aos acidentes do terreno (Osório, 2016: 97).

Acedia-se ao castelo na encosta sul onde se rasga a única porta da fortaleza, que se compõe de um arco ogival com 2,75 m de largura e impostas salientes molduradas, a uma altura de 2,20 m (Est. 7). A ombreira direita foi parcialmente esculpida directamente na rocha. As sondagens neste local não mostraram qualquer pavimento, mas foi identificada lateralmente a cota da soleira granítica, que perfaz uma altura de 4 m no centro do arco. A entrada era fechada originalmente por portas de madeira de dupla folha sendo visíveis os respectivos encaixes nas pedras furadas na abóbada. Igualmente visível é a solução da tranca que seria encastrada nas laterais. Este método de fecho foi comum nas fortificações medievais da Beira Interior (Gutierrez González *et al.*, 1994: 394; Monteiro, 1999: 83).

Até às últimas décadas do século XX esta primitiva entrada estava tapada, sendo desobstruída no ano de 1994, o acesso era feito por meio de uma quelha na encosta oriental, numa zona onde não existe qualquer muro defensivo. As muralhas do castelo, tal como se conservam, definem-se pela irregularidade na espessura, que oscila entre 2 e 3 m, sendo particularmente largas na zona da porta. Nalgumas partes a muralha ainda mantém 4 m de altura máxima. Parte dos restantes blocos graníticos encontram-se derrubados nas encostas enquanto outros foram reutilizados ao longo do tempo na edificação das casas e dos muros de propriedade, o que indicia que as mesmas seriam na origem mais imponentes (Luís e Lajes, 1979: 74).

Estes velhos muros estão já desprovidos de ameias, contudo perduram ainda 2 escadarias embutidas na muralha e que levavam ao adarve (Est. 8). Vêem-se junto à entrada a sul, e na parte mais elevada a norte, tendo ainda na zona sudoeste uma seteira rectangular, que se identifica na face externa estando já entupida na face interior (Osório, 2021: 41).

Uma das principais questões no estudo do castelo de Vila do Touro que permanece por responder é: estaria inicialmente prevista a construção de uma torre de menagem? Joaquim Manuel Correia é o único autor que defende esta ideia, que não se conseguiu confirmar (1946: 284). Se assim foi, crê-se que esta estaria na zona norte, no espaço onde foram identificadas as construções habitacionais, dado que se encontraram barrocos afeiçoados com marcas em negativo do assento de silhares para a construção de muros que levantam a hipótese de aí ter sido começada a construção de uma estrutura robusta nunca concluída. Desta forma almejava-se estabelecer contacto visual quer com a Guarda quer com outras fortificações leonesas a nascente do Côa como Caria Talaia.

Este castelo enriquecia e completava a linha defensiva do vale do Côa no século XIII, ajudado por Sortelha (1229) e Castelo Mendo (1229) na manutenção do domínio do território Português. Foi esta a resposta Portuguesa aos castelos leoneses do Sabugal (1196-1197), de Caria Talaia (1209), Alfaiates (1226), Vilar Maior (1227) e Castelo Bom (1225) (Barroca, 2008-2009: 231; Rêpas, 2008: 130).

Com o passar dos tempos e a conquista por D. Dinis de terras leonesas a nascente do rio Côa, e que viriam a culminar na assinatura do Tratado de Alcanizes em 1297, o panorama político e conseqüentemente militar mudou irreversivelmente a disposição estratégica de forças dos dois lados da fronteira, pois com o avanço da mesma estes povos fortificados despiram-se das suas funções militares, mantendo apenas o estatuto social. E é por estas alturas que o nosso rei D. Dinis confirma os forais anteriormente outorgados às vilas do Sabugal, Sortelha, Guarda e Castelo Mendo, deixando de lado Vila do Touro que não viu o seu foral templário confirmado (Marques, 1998: 535; Moreno, 1998: 646; Osório, 2016: 99).

Apesar do «aprazimento do Concelho da Cidade de guarda» ao tempo do foral de 1220, sabemos pelas posteriores Inquirições de 1314 que a Guarda professava um grande desagrado sobre a construção deste castelo, que inevitavelmente traria autonomia no controlo territorial à Vila do Touro. Desta forma, os da Guarda deslocaram-se ao local e interromperam definitivamente as obras, como se depreende da seguinte passagem: «E dizem que sabem e viram quando os freires hi quiseram fazer castelo, e que foi ala o concelho da Guarda derriba-lo» (Pereira, 1988: 60; Gomes, 1996: 16).

Decorrente desta destruição protagonizada pela Guarda os habitantes da Vila desprovidos de qualquer barreira defensiva, encontraram refúgio no castelo do Sabugal sempre que necessário, criando e fortalecendo ligações. Este desentendimento fez com que o povo da Vila do Touro deixasse de ir à Guarda pagar os impostos e colaborar na vigilância e manutenção do castelo, desagradando a este município de forma agora justificada. Em 1395 queixavam-se nas cortes que «Qaumdo vem guerra vão-se todos ao Sabugall. E toda esta guerra estiverom alla e nom querem aquy vir velar nem roldar nem querem pagar em finta nem em talha ho que he contra direito estarem em nosso termo e nom usarem comnosco como usam os lugares do termo desta cidade no que recebemos com agravo» (Coelho e Rêpas, 2006: 102-103; Rêpas, 2008: 141).

Apesar de estar no termo da Guarda a Vila do Touro não quis mais pagar nem servir esse concelho, justificando pertencer à Ordem de Cristo, pelo que a Guarda

reclamou novamente « N'este logar pagavam e faziam em todollas outras cousas como faziam os de Germello, mas desde então nada d'isso fazem » (Castro, 1902: 34 nota 1).

A par com outras fortificações pertencentes à Ordem do Templo, no século XVI restavam apenas ruínas, acontecendo isso em Vila do Touro, mas não só, a Bemposta (Penamacor), o Rosmaninhal e Idanha-a-Nova encontravam-se no mesmo estado (Gomes, 1996: 69). Esta ideia é defendida pelo tombo dos bens herdados pela Ordem de Cristo de 1508, que diz o seguinte: «sobre a dicta villa contra o norte tem a hordem huu castelo em huu çerro de penedia alto. O qual estaa de todo derroído e as casas delle todas em pardieiros honde se mostra aver em outro tempo oito casas, e tem huua çerca arredor que da banda do norte tem ajnda huu laço de muro forte e boom de cantaria e asi ao sul tem outro e nelle huu portal forte e bem obrado» (Gonçalves, 2010: 156; Osório, 2021: 43).

Passados dois séculos, o vigário frei António Duarte escreve nas Memórias Paroquiais que « Nesta terra junto a esta villa há umas paredes, ou reductos entre uns rochedos já muyto antigos que dizem serem feitos pelos mouros» (Jorge, 1990: 18). Isto mostra como a memória popular se perde facilmente, pois no século XVIII já se não tinha ideia da história que ali teve lugar, atribuindo-se esta construção aos mouros. Este terreno foi então sendo socalcado para fins agrícolas até à segunda metade do século XX, tendo hoje um ar de parque natural pelas suas árvores.

III - A INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA

Os trabalhos arqueológicos no castelo de Vila do Touro decorreram no âmbito das medidas de minimização de impacto de um projecto do Município do Sabugal que tinha como objectivo melhorar o acesso entre a porta e o topo do cabeço. O projecto traduziu-se na construção de uma escadaria composta por vários módulos, com início e término em pontos distintos do relevo, que serviam para ultrapassar o desnível e os terraços existentes de forma directa, para que os visitantes possam chegar mais comodamente à parte superior do recinto. Sabia-se de antemão da relevância históricopatrimonial deste local que apresentava vestígios materiais à superfície (cerâmica) de cronologia medieval e proto-histórica

Nesse ano, 2014, o Gabinete de Arqueologia da Câmara Municipal do Sabugal abriu as primeiras sondagens de diagnóstico em diferentes pontos do percurso da obra, visando uma diminuição dos impactos que esta poderia exercer sobre eventuais testemunhos arqueológicos que aqui existissem.

Estas campanhas ocorreram entre 2014 e 2018 e contaram com a colaboração de alunos e professores do curso de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e distintos funcionários municipais. Criou-se sucessivamente um ambiente de campo arqueológico multidisciplinar e internacional.

III.1. Metodologia

A intervenção arqueológica pautou-se pela criação de sondagens arqueológicas nos sectores mais afectados pela obra, especialmente nos pontos onde assentavam os pilares da escadaria. Sendo uma intervenção que abarcava praticamente toda a encosta meridional deste relevo, numa área de 2400 m^2 , foram criados vários sectores de intervenção arqueológica separados e distinguidos segundo a numeração romana (**Est. 9**). Nestes espaços constituíram-se áreas distintas que mereciam ser abordadas em

separado, quer em termos da metodologia utilizada e da quadriculagem empregue, quer em termos do estudo dos indícios ocupacionais que viessem a ser encontrados.

Foram criados 8 sectores distintos, em diversos patamares do relevo, desde a entrada sul (sector V) até ao topo mais elevado (sector II) (Est. 9). Alguns destes sectores proporcionaram informações específicas sobre a 1^o fase de ocupação do castelo de Vila do Touro, datada do I milénio a.C. (sectores II e III), enquanto outros sectores incidiram especificamente sobre as estruturas militares e habitacionais construídas durante a 2^a fase ocupacional de Vila do Touro, em época medieval (Sector IV, V e VIII) (Est. 9). O sector VI constitui uma das áreas com indícios mais diversificados de ambas as fases ocupacionais e a sua transição cronológica.

O conjunto de cerâmicas de cronologia medieval estudadas neste trabalho provém apenas do sector VI e do sector VIII, de contextos associados a 3 estruturas arqueológicas detectadas nesses sectores. São estruturas de planta rectangular e de prováveis funções habitacionais, com cronologia do século XIII, contemporâneas do período de fundação da Vila e do seu castelo.

O edifício 1 foi identificado no sector VIII e é o que se encontra mais bem conservado e estudado nos trabalhos arqueológicos; a estrutura 2 corresponde ao edifício parcialmente descoberto na sondagem 2 do sector VI; e a estrutura 3 corresponde ao resto dos muros, do piso, da lareira e do derrube de telhado encontrados nas sondagens 1 e 4 do sector VI.

III.2. Sector VI

O sector VI abarcava a área da encosta meridional do Alto da Pena, entre a entrada no recinto amuralhado e a cumeada da formação topográfica (Est. 9). Este sector contemplava uma das áreas de maior afectação do empreendimento pela colocação de vários troços de escadarias que melhoraram o acesso dos visitantes ao castelo.

É também uma zona de grande pendente com desníveis de cerca de 20 m. Isto é, dada a elevada pendente do terreno, tínhamos uma diferença entre a cota da sondagem mais alta (sondagem 2) e a cota da sondagem mais baixa (sondagem 3) na ordem dos 20 m. A ocupação deste sítio verificou-se nos espaços residuais dos patamares topográficos naturais ou construídos pelo homem, segundo terraços artificiais.

Por esse motivo foram escavadas quatro sondagens em distintos patamares da encosta, com uma distância máxima de 30 m entre si, e a cotas que diferiam aproximadamente 10 m.

A primeira sondagem foi aberta na parte intermédia da encosta enquanto a segunda sondagem foi na extremidade norte do sector, no ponto com cota mais alta e encostada à muralha, que nesta zona perdia a sua face com silhares bem aparelhados de dimensões regulares. Por sua vez, a terceira sondagem foi aberta num patamar inferior e meridional deste sector, sendo a que se localizava à cota mais baixa do sector VI. Ambas as sondagens permitiram estudar os vestígios habitacionais do povoado da Idade do Ferro bem como os edifícios medievais existentes no interior do castelo, que foram erguidos a diferentes cotas, em diferentes patamares naturais desta vertente do relevo.

Este sector encontra-se hoje afectado pela construção de vários muros em socalco, formando pequenos patamares mais ou menos nivelados para cultivo. Em séculos recentes e já após o abandono do castelo, estes terraços artificiais podem, de alguma forma, ter dado continuidade aos patamares existentes no I milénio a.C. e na Época Medieval. Contudo terão certamente, em grande parte dos casos, afectado e alterado a fisionomia do declive do terreno condicionando não só a localização das sondagens como a própria estratigrafia e a leitura e registo dos vestígios arqueológicos soterrados. Os trabalhos agrícolas realizados nestes terraços também deixaram vestígios e registo de afectações, quer nos níveis medievais, como aconteceu na sondagem 1 deste sector VI, quer nos níveis proto-históricos, como aconteceu na sondagem 3 do sector VI.

III.2.1. Sondagem 1

A sondagem 1 foi aberta a meia encosta, na zona intermédia do sector VI, num dos pontos onde estava prevista a passagem de um dos módulos da escadaria, e teve como objectivo a identificação de eventuais estruturas arqueológicas, num patamar genericamente nivelado e limitado a leste pelo afloramento rochoso que ultrapassa a superfície e se desenvolve sobre ela (Est. 9). Abriu-se de início uma quadrícula (A1) de 2 x 2 m, orientada segundo a quadriculagem estabelecida de acordo com a porta de entrada do recinto muralhado.

Após a decapagem da camada superficial atingiram-se níveis de enchimento e nivelamento do terreno para o seu uso agrícola. Desde logo apareceram os primeiros vestígios cerâmicos de cronologia medieval, associados na u.e. 3 a uma possível estrutura de combustão ou lareira, com restos de cinza e barro. Nas camadas inferiores começaram a revelar-se os primeiros fragmentos de cerâmica manual de cronologia proto-histórica, ao mesmo tempo que se punha a descoberto o afloramento rochoso que, seguindo a pendente, reduz praticamente a sondagem à sua metade sul.

Posteriormente, durante trabalhos de limpeza da sondagem, quando se raspavam os cortes estratigráficos, encontrou-se uma fíbula no corte noroeste que fez com que esta sondagem, que tinha sido já dada como terminada, continuasse a ser intervencionada procedendo-se ao seu alargamento. Estendeu-se 1 m para noroeste e outro para sudoeste, incidindo sobre metade das quadrículas B1 e B2 e parte da quadrícula A2 (Est. 10).

Com a remoção da camada superficial começaram a definir-se níveis com grande concentração de telhas (da u.e. 2 até à u.e. 8), que se interpretaram como sendo os níveis de abandono de uma possível estrutura. A mesma estaria coberta por telhado e eventualmente delimitada por um muro já inexistente, mas do qual há ainda vestígios, ainda que residuais, nomeadamente um alinhamento de pedras (Est. 11). Estes níveis foram cortados por 3 valas relacionadas com a prática agrícola, possivelmente associadas à cultura da vinha pela distância entre si e pela profundidade que alcançaram, que se denominaram u.e.3, u.e.12 e u.e.13 contendo materiais de

cronologia medieval e proto-histórica dado o remeximento que sofreram (Est. 15). Sob as telhas atestou-se a presença de um pavimento em barro argamassado (u.e 9 e 11), nivelado, que se estende para além do corte estratigráfico e que se interpretou como o nível de circulação medieval (Est. 12). O facto do pavimento entrar pelo corte noroeste fez com que a sondagem fosse novamente alargada, e escavou-se a segunda metade das quadrículas B1 e B2 mais metade das C1 e C2 (Est. 13). Com este alargamento pretendeu-se confirmar, ou não, a continuidade do piso argamassado para esta zona mais a ocidente, que acabou por se confirmar.

Os estratos a partir da u.e. 14 revelaram apenas vestígios de cronologia pré-medieval, dispensando-nos de os descrever pormenorizadamente uma vez que excedem a cronologia em estudo. O mesmo acontece para o 3º alargamento, na zona Leste que correspondeu às quadrículas A'1, A'2, B'1 e B'2 encostando à formação rochosa que se vê à superfície (Est. 14).

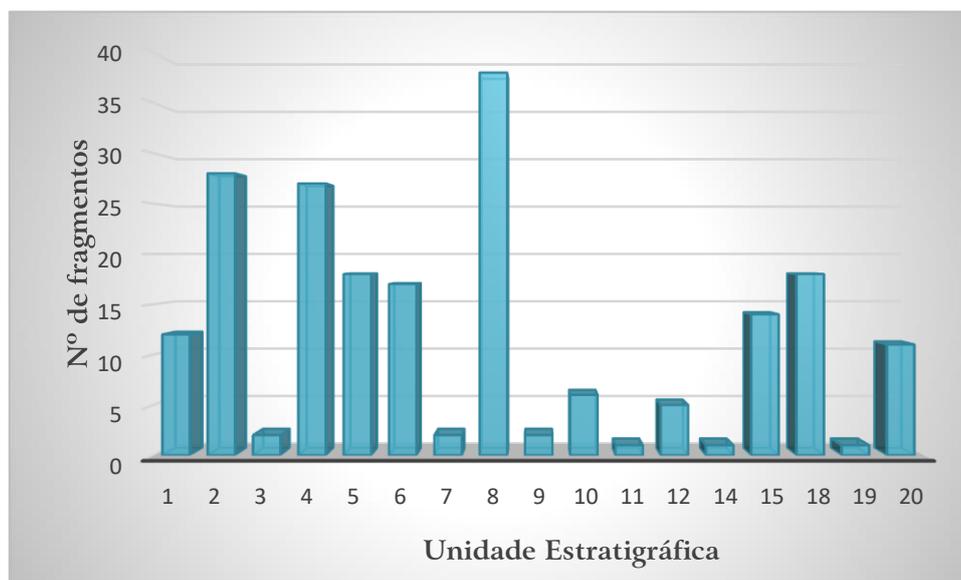


Gráfico 1- Proveniência da cerâmica, sector VI, sondagem 1

Com a análise do gráfico compreendemos de forma mais imediata quais as camadas da sondagem que mais material cerâmico medieval forneceram para o nosso estudo, além do contexto a que se associavam esses materiais. Concluímos à partida

que, de grosso modo, o número de fragmentos vai diminuindo à medida que se avançava na escavação e se atingiam as unidades estratigráficas mais profundas. O número considerável de fragmentos nas duas primeiras u.e.'s pode ser explicado pelo remeximento que estas sofreram devido aos trabalhos agrícolas que aqui tiveram lugar nos últimos séculos, fazendo com que se desconheça o seu contexto de deposição primário. Os fragmentos exumados das u.e.'s 4, 5 e 6 associavam-se a uma mancha de cinza que estaria assente directamente sobre o pavimento em barro argamassado (u.e. 9 e 11). A u.e. 8 distinguiu-se das restantes pelos seus 38 fragmentos, que se encontravam relacionados com o derrube do telhado e vestígios de cinza. Este nível estava assente na denominada pedra circular, que fazia parte do afloramento rochoso natural. A u.e. 15 tratava-se de uma bolsa de terra que correspondia a uma intrusão de cronologia posterior, uma vez que continha cerâmica medieval, no entanto conservava também cerâmica de cronologia mais recente, que se apresentava como *terminus post quem*, daí ter-se atribuído a esta camada uma cronologia posterior. As camadas 18 e 20 voltavam a associar-se com o piso argamassado (u.e. 9 e 11), estando imediatamente sobre ele, mas contactavam também com o próprio afloramento em algumas zonas. Nestas últimas camadas encontravam-se pontualmente fragmentos de cronologia mais recuada, da proto-história.

De seguida apresenta-se uma descrição individualizada das unidades estratigráficas identificadas por quadrícula na sequência em que foram escavadas. Devido aos alargamentos que a sondagem sofreu, a contagem das camadas reinicia-se em cada alargamento (Est. 16). Começamos pela primeira quadrícula escavada, a **A1**:

[01] - Unidade superficial de cor castanha, pouco compacta e de textura fina, composta por pedras de pequena dimensão, alguns fragmentos de telhas e cerâmica de cronologia medieval (bordos e panças, alguns com decoração).

[02] - Camada castanha, solta, com alguma cerâmica de cronologia medieval. Esta unidade terá servido de enchimento para nivelar o terreno para cultivo agrícola.

[03] - Terra de cor cinzento-escura, mediamente compacta de textura fina, composta por alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica, barro, cinza e algumas pedras de tamanho médio. Nível associado a uma lareira ou estrutura de combustão.

-

[04] Camada de terra cinzenta, mediamente solta, muito fina. Trata-se de uma mancha de cinza, composta por material construtivo, como telhas e pequenos fragmentos de cerâmica comum doméstica de paredes pouco espessas.

[05] - Unidade estratigráfica de cor cinzenta, solta, onde apareceram os primeiros fragmentos cerâmicos de fabrico manual de cronologia proto-histórica e várias pedras roladas sem contextualização. Este nível poderá ser de aterro. Alguns dos fragmentos cerâmicos apresentavam decorações brunidas e temos também um bordo com carena.

[06] - Camada de terra cinzenta, muito fina e limpa de materiais. Corresponde a um nível de cinzas sem materiais, nem carvão associado.

[07] - Nível de terra de acastanhada escura, bastante compacta e mediamente granulosa, com fragmentos de granito desfeito, e de cerâmica manual proto-histórica além de uma fíbula de bronze. Corresponde a um depósito na parte sul da quadrícula.

Com a descoberta da fíbula, no canto noroeste da sondagem, na u.e. 7, procedeu-se ao primeiro alargamento da mesma, que correspondeu a metade das quadrículas **B1**, **B2** e parte da **A2** (Est. 16). Descreve-se a sua estratigrafia em conjunto com o 2º alargamento que corresponde à segunda metade das quadrículas **B1** e **B2** e metade das quadrículas **C1** e **C2**.

[01] - Unidade superficial de cor castanha, pouco compacta e de textura fina, composta por pequenas pedras, alguns fragmentos de telha e cerâmica a torno.

[02] - Camada de cor castanha, solta e composta por fragmentos de telha e cerâmica comum doméstica. É um nível muito mexido, possivelmente devido aos trabalhos agrícolas.

[03] - Terra de cor castanha clara, solta e mediamente fina, com raízes, fragmentos de telha e alguma cerâmica comum doméstica. Seriam valas agrícolas, no sentido, este/oeste, preenchidas com terra remexida, eventualmente ligados à plantação de vinhas. Distam entre si cerca de 1,20m e tinham uma espessura de 30-40cm. Estas acções afectaram os níveis medievais de telhas (U.E.06), cinza (U.E.05, 07 e 08) e argamassada (U.E.09/11). Este nível estava circunscrito às quadrículas **B1** e parte da **C1** e **C2**.

[04] - Nível de terra escura acinzentada, de compacticidade média e textura fina, composta por telhas, pedras pequenas e raízes. Nesta camada recolhemos fragmentos cerâmicos claramente de cronologia medieval e algumas mós fragmentadas. Na extremidade norte encosta às manchas de terra mais escura. Esta unidade poderá assinalar a mudança da cronologia moderna para a medieval. Após a escavação da

U.E.03, verificou-se que a U.E.04 estendia-se para debaixo desta, correspondendo às quadrículas A2 e B2. É possível que a encontremos no alargamento, hipótese que se confirmou quando este foi feito.

[05] Camada de terra de cor preta, solta e de grão fino com algumas raízes. Trata-se de um nível de cinzas assente sobre o argamassado (U.E.11). Apresenta poucas afectações. Estará relacionado com uma estrutura de combustão, possuindo fauna carbonizada, cerâmica e fuligem na quadrícula B1. A U.E.11 justificou o alargamento da sondagem para Oeste. Este nível apesar de relacionado com a U.E.07 e 08, sendo mais escura e de grão mais fino, pode ser uma coisa mais localizada, até porque possui carvões.

[06] - Unidade estratigráfica de cor castanha, muito solta e fina composta por muitas telhas, raízes e alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica. Basicamente, este nível corresponde ao derrube do telhado onde distinguimos dois níveis: o primeiro era constituído por fragmentos reduzidos de telhas, cobrindo quase por completo o alargamento (U.E.6a). O segundo, sob este, conservava telhas de maior dimensão, localizadas na parte Oeste (U.E.6b). Este nível parece cobrir um vazio deixado por algo, eventualmente uma vala de fundação, após a remoção do embasamento pétreo, aparecendo nas quadrículas B1, B2, C1 e C2.

[07] - Nível de terra escura, mediamente compacta, composta por fragmentos de telha, raízes e pequenas pedras, alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica, escória e alguns pregos de ferro. Esta unidade foi identificada na zona central do alargamento. Após a escavação completa da U.E.02, verificou-se a sua ligação com a U.E.08, ficando as duas camadas como se fossem a mesma. Durante a escavação, verificou-se uma maior densidade de cerâmica e fauna na parte norte da sondagem, pelo que tivemos de realizar a separação entre a norte e a sul da U.E.03, que as corta.

[08] - Camada de terra de cor cinzento-escura, mediamente compacta, constituída por fragmentos de telha, pequenas pedras e raízes. Apresentava alguma cinza, identificada sobre a “pedra circular” que tínhamos descoberto no alargamento da sondagem. Depois de escavada a U.E.02, verificou-se a sua afinidade com a U.E.07. No decorrer da escavação, deparámos com uma maior densidade de material na zona norte, tendo-se separado a norte e a sul, uma vez mais, pela U.E.03, que as corta.

[09] - Unidade estratigráfica de cor esbranquiçada de compacticidade elevada e friável, composta por argamassa com inclusões de saibro. Trata-se da superfície de nivelamento do terreno (antrópica) com recurso a argamassa, encosta ao afloramento. Foi cortado pela U.E.03, sendo equivalente à U.E.11. possui um pequeno empedrado no meio, aparentemente não foi cortado por nenhuma unidade. Está circunscrita às quadrículas B1, B2, C1 e C2.

[10] - Terra de cor cinzento-escura, mediamente compacta e textura fina composta por rocha fragmentada e alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica.

-
Corresponde a um enchimento do terreno com recurso a terra na quadrícula B1, tapado pela argamassa U.E.09. Esta conclusão só foi tirada após a escavação, onde constatámos esta hipótese, pela presença de rocha partida e mistura de materiais medievais com os da proto-história, através do remeximento e aterro.

[11] Base argamassada e lisa de cor esbranquiçada de elevada compacticidade e grão grosso. Corresponde a um piso ou a base de uma lareira. Poderá ligar à U.E.09, verifica-se esta ligação, pelo que apenas foram cortadas pela U.E.03. Mais tarde, com o avançar da escavação, verificámos que a argamassa não se cinge a este espaço, estendendo-se pelo alargamento. Ao meio apresenta um pequeno empedrado que aparentemente não foi cortado.

[12] - Camada de terra de cor escura, de grão fino, mediamente compacta, composta por raízes e telhas. Recolhemos alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica. Concentrava-se na extremidade norte do alargamento, nas quadrículas B1 e C1. Esta unidade poderá corresponder a uma vala agrícola (possivelmente de plantação de vinha), com 30-40 cm de largura, possivelmente contemporânea com a U.E.03 que dista desta 1,20 m.

[13] - Unidade estratigráfica de cor castanha de grão médio e compacticidade média com pequenas pedras e algumas raízes, limpa de materiais. Junto do corte noroeste, nas quadrículas C1 e C2, esta unidade poderá ser um buraco de poste (?) ou então o arranque de uma vala, à semelhança das U.E.03 e U.E.12.

[14] - Terra de cor castanha-amarelada, muito compacta e de textura fina, com muitas raízes. Revelou bastante cerâmica manual, seixos rolados, um pendente inacabado, um pedaço de mó e um fragmento de mó. Tratava-se de um nível selado de cronologia proto-histórica que se concentrava no lado oposto, a sul - sudeste, do alargamento, nas quadrículas A2, B1 e B2.

[15] - Pequena bolsa de terra de cor cinzenta clara, solta e de grão fino com algumas raízes e telhas. Corresponhia a uma pequena bolsa de terra que poderia ser uma intrusão medieval/moderna/contemporânea, com alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica, um destes fragmentos de cronologia recente, cingindo-se à quadrícula A2.

[16] - Conjunto de pedras em granito que se concentravam junto do corte poente da sondagem, nas quadrículas A1, B1 e B2, e no limite da área definida para o pavimento medieval. As pedras apresentam dimensões variadas, no entanto temos uma, inserida no corte, que se destacou pelas grandes dimensões que apresentava. O facto de aparecerem alguns fragmentos cerâmicos, entre as pedras, poderão apontar para que estas pedras pertençam a um derrube e não sejam uma estrutura efectiva. De salientar que entre estas pedras também apareceram alguns fragmentos de mós facturadas.

[17] - Unidade estratigráfica de cor cinzenta-escura, muito compacta e de textura fina com pedra miúda e algumas raízes. Tratava-se de um nível bem compactado

que apareceu ao centro da sondagem, nas quadrículas A1, B1 e B2, junto do corte que delimitava a zona argamassada do restante espaço. Esta unidade foi registada quando procedíamos à remoção da U.E.14, destacando-se pela elevada compacticidade que apresentava. No decorrer da escavação recolhemos alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica.

[18] Terra de cor escura, pouco compacta e de textura fina com pedras e raízes. Era um nível com muitos materiais cerâmicos e quase todos bem conservados e de dimensões consideráveis. Esta camada encontrava-se bastante solta e era um pouco mais escura que a U.E.14., na remoção deste nível começou a definir-se um piso bem compactado. Em algumas zonas encontrava-se em contacto directo com o afloramento rochoso. No decorrer dos trabalhos recolhemos alguns núcleos de carvão, bem conservados, que foram assinalados em planta, juntamente com fragmentos cerâmicos e uma mó de granito. Este nível ocupava as quadrículas A2, B1 e B2.

[19] - Camada de terra de cor cinzenta-escura, muito compacta de textura fina, com alguma pedra miúda. Trata-se de um nível de circulação ou pavimento da ocupação proto-histórica. Apresentava algumas pedras e fragmentos cerâmicos “in situ” bem preservados e alguns líticos e uma mó, assentes sobre este nível. Está totalmente nivelado. Esta camada limitava-se à parte inferior sul e sudeste da sondagem.

[20] - Terra de cor escura mediamente compacta e textura muito fina composta por pequenas pedras, raízes, núcleos argamassados e alguns fragmentos de cerâmica comum doméstica de cronologia proto-histórica. Este nível concentrava-se na zona poente da sondagem, na quadrícula B2, junto do corte, em contacto directo com o afloramento rochoso a nascente do mesmo espaço.

[21] - Unidade estratigráfica de cor cinzenta-escura, muito compacta e de textura granulada, com algumas raízes e muitos núcleos argamassados, possivelmente pertencentes a uma lareira e alguns fragmentos cerâmicos de cronologia proto-histórica. Tratava-se do nível final que cobria e assentava sobre todo o afloramento, concentrando-se junto do corte poente, na quadrícula B2.

Face às descobertas realizadas para o período da Proto-história, bastante circunscritas às quadrículas A2 e uma pequena parte da A1 e da B2, e perante o aparecimento do piso medieval nas quadrículas B1 e parte da B2, C1 e C2, que se optou por não destruir, a sondagem foi alargada para sudeste, onde existiam alguns penedos rochosos que poderiam, eventualmente, ter servido como barreiras naturais do espaço habitado. Este alargamento foi escavado até encontrar o afloramento natural e coincidiu com as quadrículas identificadas como A'1, A'2, B'1 e B'2.

[01] - Terra de cor castanha, pouco compacta de textura fina com muita vegetação rasteira, caruma, folhas, raízes, pedras e alguns fragmentos de telha. Esta unidade superficial encontrava-se coberta com vegetação rasteira que se prolongava por toda a sondagem. Na remoção deste nível, recolhemos alguns materiais cerâmicos de

-
diferentes cronologias. Na parte norte desta sondagem apareceram dois grandes afloramentos graníticos, quase à superfície, que surgiram na sequência dos que já aqui existiam. Estes acabaram por não se prolongar para o centro da sondagem, delimitando a extremidade para norte e nordeste.

[02] - Camada de terra de cor castanho-escura, pouco compacta de textura fina, composta por raízes, algumas pedras pequenas e telha fragmentada. Correspondia a um nível mais escuro que o superficial onde apareceram vários fragmentos de cronologia

proto-histórica bem conservados, juntamente com outros de cronologia medieval. Começaram também a aparecer os primeiros metais, muito forjados. Na parte nascente da sondagem, tínhamos uma grande concentração de raízes e pedras soltas.

[03] - Pequeno murete que surgiu na parte intermédia da sondagem, era constituído por pedras de tamanho médio e grande, em granito. Aparentemente tinha duas fiadas de pedras, uma formada por pedras maiores, que lhe davam sustento, e anexado tinha outro de menor tamanho. As pedras não se encontravam faceadas nem apresentavam qualquer tipo de trabalho. Junto deste muro foram aparecendo algumas pedras soltas que não sabemos se fariam, ou não, parte do derrube. Depois de contornado, verificámos que o muro apenas tinha uma fiada de pedras não aparecendo mais nenhuma por baixo. Esta estrutura depois de devidamente registada graficamente e fotografada, foi removida. Na remoção das terras onde assentava este muro, foram recolhidos alguns fragmentos cerâmicos. Não conseguimos datar, nem encontrar uma funcionalidade para este muro.

[04] - Unidade estratigráfica de cor escura, mediamente compacta de textura muito fina, composta por raízes, telhas muito partidas e algumas pedras pequenas. A cerâmica que foi recolhida, correspondia aos períodos medieval e proto-histórico. Este nível encontrava-se nos dois lados do muro, ocupando a totalidade do alargamento.

[05] - Camada de terra de cor muito escura, mediamente solta e de textura fina, composta por raízes, pedras de granito soltas de tamanho pequeno e médio, cerâmica comum, fragmentos de quartzo e uma mó dormente em granito. Nível de deslizamento e abandono com espólio cerâmico e lítico de cronologia proto-histórica. Esta camada também ocupava a totalidade do alargamento e sobre ela assenta a estrutura que descrevemos na U.E. 03.

[06] - Terra de cor muito escura, solta e fina, com algumas raízes, pedras soltas em granito de vários tamanhos. Nesta unidade estratigráfica tínhamos a continuação do nível de deslizamento e abandono que registámos na u.e.05, mas com menos cerâmica. Descobrimos dois possíveis buracos de poste escavados no afloramento na extremidade nascente do alargamento. Estes eram muito idênticos e tinham cerca de 13cm de diâmetro e 10,5cm e 14 cm de profundidade. Recolhemos alguns elementos de carvão e um conjunto de possíveis bolotas/sementes carbonizadas com cerâmica comum adjacente em volta. Dos fragmentos cerâmicos recolhidos, ganhou destaque um que apresentava uma carena e outro fragmento grosseiro em bom estado de conservação, junto ao afloramento.

[07] - Conjunto de pedras em granito, de grandes dimensões que se concentram junto ao afloramento na quadrícula A'1, no lado nascente, e ladeiam os buracos de poste descobertos.

[08] - Estrutura em negativo, de forma subcircular, escavada no afloramento rochoso, encontrava-se coberta pelas pedras que descrevemos anteriormente. Apareceu junto dos buracos de poste, com um diâmetro de 37cm e uma profundidade com 18,5cm. No interior desta estrutura encontrámos terra cinzenta-escura, pouco compacta, com alguns fragmentos cerâmicos. No exterior, junto dos buracos de poste, apareceu um “corredor” em negativo escavado na rocha, no sentido leste - oeste, com a terra da mesma cor e compacticidade da que encontrámos no interior da estrutura subcircular, mas sem fragmentos cerâmicos. Estas estruturas estavam circunscritas à quadrícula A´1.

[09] - Unidade estratigráfica muito escura e bem compactada. Trata-se de um possível piso de circulação onde apareceram muitos materiais cerâmicos in situ que colavam entre si e num bom estado de conservação. Recolhemos, também, alguns núcleos de carvão, bolotas carbonizadas (?), quartzo e o fragmento de uma mó dormente. Ocupava a totalidade do alargamento, encontrando-se contornado por afloramentos rochosos a norte, nordeste e leste.

[10] - Novo conjunto de pedras em granito de pequeno e médio porte, sem qualquer orientação e relação entre si, que se concentravam na segunda metade leste do alargamento, na parte nascente, junto do afloramento rochoso, nas quadrículas B´1 e B´2. Depois de devidamente registadas, foram removidas.

[11] - Grande núcleo argamassado com forma oval que se concentrava na segunda metade do alargamento, no corte sul, na quadrícula B´2. Apresentava uma cor alaranjada, bastante compacta e barrenta com alguns fragmentos cerâmicos na sua composição.

[12] - Camada de terra de cor muito escura, mediamente compacta e de textura fina. Composta por muitas raízes e pedras de grande e médio porte. Esta unidade era uma bolsa de enchimento natural, de terra escura com alguma cerâmica comum e um fragmento de mó. Foi detectada junto da u.e.11 e circunscrevia-se às quadrículas B´1 e B´2, a nascente era o afloramento rochoso que a delimitava.

[13] - Terra amarelada, muito fina, tipo saibro solto que se encontrava adjacente ao afloramento rochoso sem materiais arqueológicos. Esta unidade, resultou da remoção das unidades 11 e 12, circunscrevendo-se às quadrículas B´1 e B´2.

[14] - Unidade estratigráfica de cor cinzenta, textura fina e bastante compacta, possivelmente argamassada que se concentrava junto ao afloramento na parte nascente do alargamento, correspondendo às quadrículas A´1 e A´2. Poderia estar associada às estruturas em negativo que foram definidas no afloramento rochoso. Acabámos por não perceber a sua funcionalidade.

[15] - Terra de cor cinzenta pouco compacta e muito fina, composta por raízes, pedra miúda e alguns fragmentos cerâmicos. Esta unidade estratigráfica estava associada à anterior exceptuando na compacticidade, com maior concentração junto do afloramento. Tratando-se de um nível final, assenta quase todo sob o afloramento rochoso, ocupando as quadrículas A'1 e A'2.

III.2.2. Sondagem 2

A sondagem 2 foi aberta mais a norte, na parte mais alta do sector VI, num ponto onde se previa desembocar um dos módulos da escadaria, junto da muralha (Est. 17). Esta sondagem tinha como principal objectivo confirmar, ou não, a existência de uma possível estrutura construída nesta zona e adossada à própria muralha. Com este objectivo abriram-se neste local duas quadrículas de 2x4 m, com uma respectiva banquette de separação e seguindo o mesmo alinhamento da primeira sondagem (1) deste sector VI, transversal ao traçado da muralha, ligeiramente orientada a NNO (Est. 17). A quadrícula A1 ficava na parte mais a norte e encostava ao traçado da muralha, enquanto a quadrícula B1 situava-se imediatamente a sul da A1. Com o decorrer da escavação a banquette que separava as duas quadrículas foi retirada e a área de intervenção ficou-se praticamente nos 2x5 m.

A sul, a sondagem coincidia com o alinhamento superficial de pedras de grande dimensão, e a norte com a linha defensiva setentrional do castelo que nesta zona está apenas ao nível dos alicerces.

Após serem retirados os níveis superficiais, de enchimento e nivelamento do espaço, foi sendo gradualmente posta a descoberto a face sul da edificação, a eventual parede ou delimitação oriental e todo o muro coincidente com a linha de muralha, a norte. Foram sendo atingidas as unidades estratigráficas correspondentes ao derrube do telhado e ao nível de abandono, as u.e.'s 1 a 6. Sob estas unidades detectaram-se vestígios de um pavimento e de uma estrutura de combustão com cinza associada, que correspondem às u.e.'s 7, 8 e 9. Sob

estes níveis ocupacionais encontraram-se apenas bolsas de enchimento das cavidades naturais rochosas desta área, que preencheram e nivelaram o espaço para a construção da estrutura.

Pensa-se, portanto, que neste local existiria um edifício com uma área a rondar os 9x5 m, de planta quadrangular. Dessa edificação restam hoje apenas os seus alicerces, constituídos por paredes de grande espessura, feitas em blocos de granito semiafeixoados e sem qualquer tipo de argamassa entre eles. A sondagem abarcou apenas a sua extremidade oriental, disposto de forma paralela à muralha no sentido NNO/SSE.

Enquanto a norte o pano de muralha e o muro existente serviriam de limite ao edifício, a sul não foi possível encontrar o prolongamento da parede para noroeste. Eventualmente estava assente nos afloramentos aí existentes, até pelas marcas em negativo do assentamento de blocos graníticos que ainda se observam. A construção está praticamente toda desmontada e demolida, reduzindo-se apenas a alguns troços de paredes, compostas pelos restos de alicerces disformes e mal aparelhados. Supõe-se que grande parte da pedra empregue nestas paredes tenha sido transportada e reutilizada ao longo dos séculos pelos habitantes da Vila.

Sabe-se que foi um espaço construído e habitado, com cobertura em telha, como o próprio derrube do telhado assim o prova. Desconhece-se, porém, em que sítio se faria a entrada no edifício, bem como a função do mesmo, supondo-se que seria de natureza habitacional.

Os resultados da intervenção arqueológica nesta sondagem acabaram por ditar o desvio do traçado prévio da escadaria, alterando o seu percurso ligeiramente mais para ocidente, de modo que a estrutura identificada ficasse incólume.

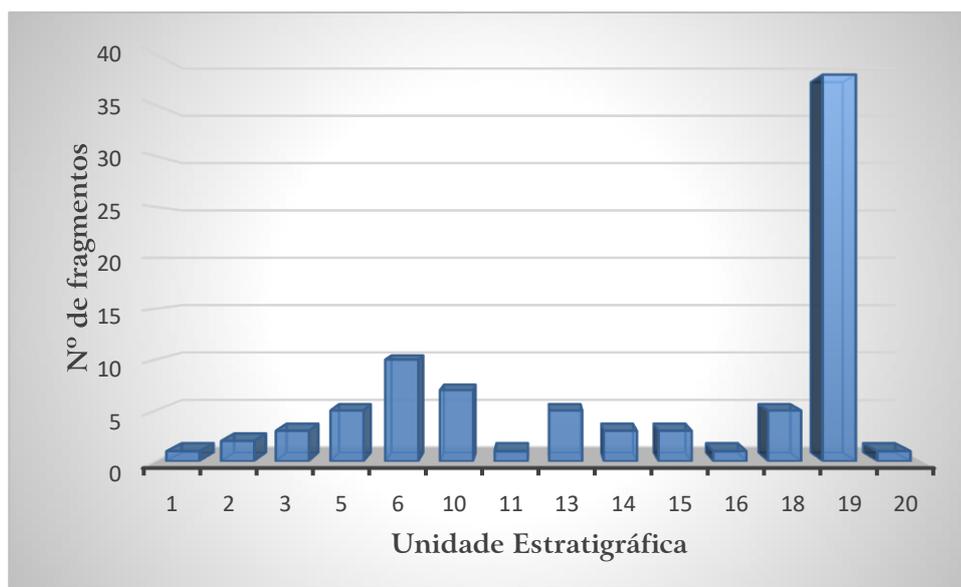


Gráfico 2 - Proveniência da cerâmica, sector VI, sondagem 2

Pela observação do gráfico apresentado concluímos que a cerâmica exumada desta sondagem provém de praticamente todas as camadas em quantidades semelhantes, havendo apenas três que se destacam, ultrapassando os cinco fragmentos. A u.e. 6 forneceu cerâmica que se correlaciona com parte do derrube do telhado, além de materiais diversos e de múltipla natureza, nomeadamente vestígios de argamassa, ossos e carvões, além de um prego e uma ponta de lança. Bastante similar é o contexto da u.e. 10, que embora não contivesse tanto material, associa-se igualmente ao derrube do telhado como demonstram os fragmentos de telha nela presentes. O estrato 19 é o que mais cerâmica continha, tratando-se de um nível de enchimento e nivelamento que serviria de base ao pavimento argamassado, podendo assim considerar-se como o nível de construção do mesmo. Esta unidade estratigráfica encontra-se sobre o afloramento rochoso natural, já na parte mais baixa da sondagem da sondagem.

De seguida apresenta-se a descrição das u.e.'s individualmente, à semelhança daquilo que se fez para a sondagem I do sector VI.

Quadricula A1 (Est. 17):

[U.E. 1] - Terra castanha, muito compacta com vegetação rasteira e pedras. Camada de circulação superficial.

[U.E. 2] - Conjunto de pedras de granito afeiçoadas que poderiam formar um muro no sentido norte-sul, com as dimensões de 0,88cm x 2,02m. Conjunto de pedras irregulares de granito, com orientação aproximada de norte-sul, dispostas lado a lado, formando uma parede com funções diversas. Encontravam-se parcialmente à superfície. Estão localizados na extremidade da plataforma, delimitando-a e marcando o início da encosta.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha, bastante solta, composta por pedras de pequena dimensão, raízes e telhas. Camada de terra com muitas pedras de pequena dimensão, onde foram encontrados alguns vestígios ocasionais de telha. Cobre a U.E.4 com muita telha e pedra (possível derrube).

[U.E. 4] - Terra de cor castanha-escura, medianamente solta, com pedras de pequena e média dimensão, telhas e raízes. Camada escura, composta por muitos restos de telhas (de pequena e grande dimensão) e pedras. Na área paralela à U.E.2 é mais superficial, mas ao longo do corte norte afunda. Possível área de derrube do telhado.

[U.E. 5] - Terra de cor castanho clara/ acinzentada, mais fina e menos compacta que a U.E. anterior, composta por pedras de pequena dimensão, saibro, raízes e telhas. Camada de terra clara, composta por alguns fragmentos de telhas e pedras de pequena dimensão/saibro. Junto á U.E.2 é coberta pela U.E.4. Aparentemente não continua o derrube da U.E.4 ou pelo menos este não é tão representativo.

[U.E. 6] - Pedras de granito disforme e não aparelhado de grandes dimensões, sem faces, com uma orientação paralela à sondagem. Afloramento.

[U.E. 7] - Terra de cor castanho escura com manchas claras ou amarelas, composta por pedras, raízes, telhas, fragmentos cerâmicos, escória e carvões.

Quadrícula B1:

[U.E. 1] - Terra castanha, muito compacta com vegetação rasteira, pedras e telhas. Camada superficial de vegetação rasteira com algumas telhas e pedra miúda. Ocupa a totalidade da sondagem e encosta às pedras grandes que sustentam as terras.

[U.E. 2] - Terra castanha, pouco compacta e granulada, composta por telhas, pedras e raízes. Camada quase superficial onde se encontraram alguns fragmentos cerâmicos. Menos compacta apresenta bastante pedra miúda e algumas raízes. Este nível apresenta muitos fragmentos de telha.

[U.E. 3] - Pedra (Afloramento). Topo de um afloramento que apareceu a uma cota bastante alta. No seguimento da remoção do nível anterior apareceu um grande barroco de granito disforme na extremidade sul da sondagem. Não

sabemos precisar se seria a base da parede sul ou se era apenas o afloramento rochoso.

[U.E. 4] - Conjunto de pedras de tamanho médio e grande, orientadas de NorteSul. Amontoado de pedras que aparecem junto ao corte norte da sondagem.

[U.E. 5] - Terra acinzentada, pouco compacta e granulada com muitas telhas. Camada repleta de fragmentos de telha muito partidas que poderá corresponder ao derrube do telhado. Os fragmentos de telha estão muito partidos, aparecendo um ou outro em melhor estado de conservação.

[U.E. 6] - Terra escura, pouco compacta de grão fino composta por raízes, algumas pedras miúdas, telhas, fragmentos cerâmicos, metais como um prego e uma ponta de lança, ossos, carvões e escória. Camada de terra escura que aparece por baixo do nível das telhas e que se concentra na segunda metade leste da sondagem.

[U.E. 7] - Terra acinzentada com nuances escuras e claras, bastante compacta e composta por argamassas, raízes, pedras e carvão. Camada poderia ser o possível nível de circulação, imposto por barro pisado e alisado na parte superior, bastante desfeito encontrando-se inclinado para leste e a uma cota mais alta a oeste.

[U.E. 8] - Terra acinzentada, mediamente compacta, com algumas pedras e carvão. Camada de cinzas que poderia apontar para o uso do fogo neste espaço junto dos níveis argamassados, não podemos afirmar com toda a certeza que seria uma estrutura de combustão.

[U.E. 9] - Terra castanho amarelada, solta e muito fina, com barro e argamassa, além de cerâmica comum doméstica. Camada que correspondia a um buraco aberto sobre o piso de barro alisado, talvez fruto da destruição que corresponde a restos desse pavimento, causado pela abertura de um rego para a exploração agrícola a que o terreno foi sujeito, está marcado no corte vertical norte.

[U.E. 10] - Terra castanho clara esbranquiçada, pouco compacta de grão fino, composta por pedra, telha, cerâmica comum doméstica e alguns núcleos de argamassa. Camada que designa uma bolsa de enchimento na parte oriental da sondagem com detritos como telhas, pedras e argamassas, também poderia corresponder ao nivelamento do espaço.

[U.E. 11] - Conjunto de pedras em granito disforme de média dimensão, dispersas aleatoriamente que encostavam ao muro. Amontoado de pedras dispostos de forma não organizada, encostada ao muro que poderiam corresponder à sapata de fundação e de consolidação/reforço do muro.

[U.E. 12] - Terra castanha escura, pouco compacta de grão fino composta por pedras de pequena dimensão, telhas em pequena quantidade e cerâmica comum doméstica. Camada que corresponde ao nível de enchimento solto sobre o nível pisado/circulação ou de enchimento/consolidação (u.e.'s 13,14 e 15)

[U.E. 13] - Terra cinzenta e esbranquiçada, mediamente compacta, composta por bastante pedra miúda, fragmentos de telha residual de grande tamanho, cerâmica comum doméstica, argamassa e carvão. Camada que corresponde a um nível argamassado do chão pisado ou do nível de enchimento e consolidação do espaço mais profundo.

[U.E. 14] - Terra com tonalidades variadas (castanho, cinzento claro, branco), mediamente compacta composta por pedra miúda, telha de pequeno calibre, cerâmica comum doméstica e argamassa. Camada inferior à u.e.13, sem homogeneidade de cor, apresenta uma amálgama de tons castanhos. Apresenta igualmente uma concentração de telhas de tamanho reduzido junto ao corte artificial. Este estrato corresponde a um segundo nível de compacto mais compacta que a u.e.13, pois tem muita argamassa. Ou é entulho de anteriores construções ou é propositado para compactar esta depressão no afloramento e a respectiva parede defensiva a norte.

[U.E. 15A] - Terra castanha avermelhada, compacta e fina com muitos fragmentos de telha e pedra miúda. Camada que corresponde a um nível de telhas, tijoleiras e argamassas de enchimento da cavidade rochosa natural correspondente ao derrube de antigas construções do local ou de outra parte.

[U.E. 15B] - Terra preta, castanha alaranjada, compacta e fina, composta por cerâmica comum doméstica, telha e bastantes e grandes núcleos de carvão. Camada que provavelmente corresponde a um fundo de lareira, partido, que terá sido usado como enchimento, assim como as telhas que compõem a u.e.15A. No ponto mais a sul apareceu uma grande concentração de carvões, que se vão prolongando (cada vez menos densamente) por toda a camada.

[U.E. 16] - Terra castanha escura, pouco compacta e mediamente grosseira, limpa de pedras, mas com escassa cerâmica doméstica. Camada do primeiro nível de enchimento da cavidade rochosa natural, de pouca espessura, sendo um estrato muito limpo e quase natural, embora com datação medieval.

[U.E. 17] - Terra preta, muito compacta e fina, encontrando-se praticamente limpa. Camada mais profunda, que ocupava toda a cavidade da u.e. 16.

[U.E. 18] - Terra castanha escura, pouco compacta e mediamente fina, composta por telha partida, pedra pequena e alguns fragmentos cerâmicos. Camada coberta pelas u.e.'s 4, 7 e 9, tratando-se de um nível de enchimento e nivelamento do espaço onde se colocou depois o nível de argamassa (u.e. 7)

[U.E. 19] - Terra preta, compacta e fina composta por pedras, algumas telhas e cerâmica comum doméstica do período medieval. Camada muito idêntica à que descrevemos anteriormente, mas a uma profundidade maior, tratando-se praticamente do estrato final no fundo da sondagem.

III.3. Sector VIII

Este sector, tal como o próprio número indica, foi um dos últimos a ser atribuído, dado que corresponde a uma área que não se tinha, a princípio, previsto intervir. Apesar de tudo, no decurso da limpeza desta zona, verificou-se existir, para além de um bom potencial estratigráfico, vestígios de estruturas arqueológicas que importava registar e conhecer o melhor possível.

O sector VIII demarca o lado ocidental de toda a plataforma interposta entre os dois maciços rochosos que dominam a cumeada do cabeço de Vila do Touro, um deles com o marco geodésico do Alto da Pena, a 832 m de altitude e o outro onde foi aberto o sector II (Est. 9).

Este patamar encontrava-se bastante desfigurado, dado que os penedos graníticos terão sido sucessivamente cortados e rebaixados, principalmente para a obtenção da matéria-prima utilizada na construção da muralha e dos edifícios.

Nota-se perfeitamente no local que esse maciço rochoso estaria mais interligado e contínuo entre os dois topos gémeos e que por acção humana terá sido definida esta plataforma em berço entre os dois maciços. Os próprios afloramentos são aplanados, de fracturas visíveis com arestas vivas, enquanto no sector II, essa ocorrência é menor, e no topo do marco geodésico é mesmo nula, pois estão intactos e formatados pelos agentes erosivos naturais.

O sector aplica-se a este topo intermédio, mais arrimado a noroeste, numa zona de acesso ao topo do marco geodésico, onde se definem vários patamares em cotas diferentes. São áreas pequenas e circunscritas, mas que evidenciam testemunhos de presença humana bastante forte. Um dos que

chamou particularmente à atenção foi uma escadaria talhada no penedo, com os degraus bastante gastos, e que não se justificavam, uma vez que a transposição de cota da parte inferior para a parte superior, era facilmente feita subindo sem grande esforço (Est. 18). Este facto parece demonstrar que a escadaria não foi um recurso de melhoria do acesso, mas antes uma forma de conferir maior importância ao patamar ao qual se acede através dela.

Esse próprio patamar, superior aos degraus, está marcado sobretudo da parte norte, por alguns blocos de granitos partidos e encostados, formando um limite tipo muro ou cerca.

A limpeza do terreno permitiu identificar ainda outras abundantes marcas em negativo associadas aos degraus, sobretudo cavidades, tanto rectangulares como circulares de múltiplas dimensões, ladeando a área rochosa escalonada.

Todo o sector VIII que abrange estes vários patamares distintos tem uma quadriculagem diferente dos restantes sectores, dado que não estava previsto abrir este sector e a anterior quadriculagem não se coadunava ao local.

III.3.1. Sondagem 1

A primeira sondagem que se abriu tinha 4X2 m de área, orientada a norte, e abrangeu as quadrículas E2 e E3 (Est. 19). Após a remoção do estrato superficial e de enchimento (u.e.'s 1 e 2), onde se recolheram fragmentos de cerâmica comum doméstica e cerâmica de construção, atingiu-se um derrube de telhado (u.e.'s 2 a 6) bastante remexido. Com a sua extracção chegou-se à u.e. 5 que correspondia a um empedrado nivelado de 60 *cm*².

Ainda assim não foi possível confirmar se se tratava de um pavimento ou, por outro lado, interpretá-lo como uma estrutura de combustão uma vez que não havia quaisquer cinzas ou carvões associados. A primeira sondagem foi assim dada como concluída, e os resultados não estiveram à altura do esperado,

uma vez que o potencial estratigráfico era bastante reduzido e os afloramentos pré-talhados estavam pouco abaixo do nível de circulação actual. Acabou por não revelar materiais, nem estruturas arqueológicas relevantes. Este espaço talvez fosse um local de armazenamento tendo apenas telhado e o empedrado como a única estrutura identificada sob o derrube das telhas.

Depois foi aberta a sondagem 2, na mesma malha quadricular, mas apenas com 2X2 m, na quadrícula C2. Esta sondagem foi aberta aproximadamente a 2 m para ocidente, num patamar mais elevado, já no extremo do sector, no início da subida entre blocos desconjuntados e disformes para o topo do marco geodésico. Estando a uma cota ainda mais elevada, já próximo desses penedos sem potencial estratigráfico, esta plataforma revelou-se ainda menos importante tanto estratigraficamente, como ao nível das estruturas e dos materiais (consultar gráfico 3).

Mais tarde, a sondagem 2 foi alargada às quadrículas C3, D2 e D3, acabando por se unir à sondagem 1 (Est. 19). Os resultados arqueológicos mantiveram-se aquém do esperado, não tendo sido detectada nenhuma outra estrutura, mas apenas níveis de abandono e telhas revolvidas.

Não obstante, foram exumados materiais interessantes: abundantes cerâmicas medievais, algumas decoradas com incisões e aplicações plásticas, e dois dinheiros de D. Sancho II (1223-1248).

Com a conclusão das sondagens, uma vez que foi alargada e uniu as sondagens 1 e 2, atribuímos a esta área o nome global de sondagem 1, que integra as quadrículas C2, C3, D2, D3, E2 e E3 (Est. 19).

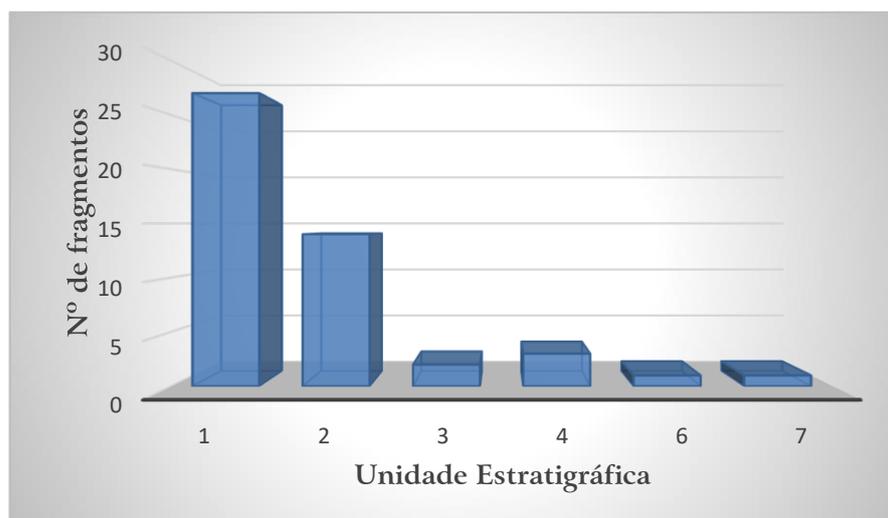


Gráfico 3 - Proveniência da cerâmica, sector VIII, sondagem 1

III.3.2. Sondagem 2

As quadrículas H2, H3, H4, I2, I3, I4, J2, J3, J4, K3, K4 e K5 definem uma área quadriculada dentro do mesmo alinhamento anterior, 5 m para leste (Est. 19). Os trabalhos foram sendo feitos ao longo das várias campanhas, alargando sucessivamente a área escavada de oeste para leste, e não simultaneamente, abarcando uma área total escavada de 6x7 m.

Esta segunda área, aberta posteriormente, passou então a designar-se como a sondagem 2. Deste modo, temos a antiga sondagem 1 e 2, convertidas ambas na sondagem 1, e toda esta área a nascente, definida como a sondagem 2.

Esta área foi aberta num patamar inferior, sensivelmente 1 m abaixo em relação às primeiras quadrículas abertas, numa zona perfeitamente inserida no patamar que medeia os dois pontos mais elevados do Alto da Pena.

Esta sondagem 2 do sector VIII abarcou uma área que também estava compreendida entre duas formações rochosas de granito, com fortes evidências de terem sido talhadas. O desnível entre a sondagem 1 e 2, a oeste deste sector,

era marcado por um grande bloco de granito afeiçoado, com cortes no rochedo de noventa graus e nivelamentos e aplanamentos do topo desse mesmo rochedo, criando diferentes patamares na rocha, a diferentes cotas, que indiciavam uma utilização como níveis de circulação, alicerces ou fundações de muros ou até a própria parede.

Do lado contrário, a 10m de distância, também há um alteamento no afloramento rochoso e que também este se encontra bastante talhado, com marcas evidentes de fractura e abertura de fundações de paredes. A sondagem 2 acaba por abarcar o depósito estratigráfico compreendido entre estes dois maciços graníticos, a oeste e a leste, mais sobrelevados.

Esta plataforma é definida a norte pelos restos de uma parede, que não tem a mesma espessura da muralha situada mais para nordeste, mas que fecha a encosta e delimita o castelo e a área habitada.

Essa parede, que tem de extensão de leste a oeste 9 m, tinha apenas 1 m de espessura, preenchidas no interior com pedras mais pequenas, e as suas faces externa e interna foram identificadas, quer na sondagem 2 do sector VI, a norte, quer nas quadrículas H2, I2 e J2 da sondagem 2 do sector VIII.

Pela própria morfologia e topografia do terreno, pareceu evidente, logo desde o início, que estávamos perante um espaço delimitado por estes afloramentos ocidentais e orientais e pela grande parede norte, que como definia nesta sondagem 2 do sector VIII, um importante edifício do interior do castelo da Vila do Touro.

A abertura das sucessivas quadrículas permitiu analisar esse depósito estratigráfico quanto à sua composição estratigráfica, sequência de deposição térrea e a recolha de materiais, além da definição daquilo que seria o remate da construção a sul.

As unidades estratigráficas 1 e 3 são nitidamente camadas térreas de remeximento recente, ou mais antigo, para trabalhos agrícolas, e níveis de abandono e aterro da primitiva estrutura que aí existia (consultar gráfico 4).

Em simultâneo, nas quadrículas H4, J4 e I4, definiu-se um alinhamento pétreo paralelo, 6 m para sul, ladeado de pedras dispostas irregularmente, interpretadas como parte do derrube desse alinhamento (Est. 20). A unidade estratigráfica 2 corresponde ao topo das pedras dos alicerces dessa parede, que definia a fachada meridional deste edifício, que daria directamente para o espaço de circulação interno do castelo, para onde estaria virada inclusivamente a porta de entrada.

Após a definição do muro, ficou nítido que estávamos perante um edifício de paredes com 90cm de espessura, construído com pedra de razoável tamanho e qualidade, de cantaria, que permitiu desvendar um edifício com 6x10 m, alinhado no sentido NNO/SSE.

No entanto, não é fácil interpretar a planta do imóvel, especialmente a oeste e sudoeste da área edificada. Aí, existem indícios e marcas escavadas no afloramento que permitem supor a existência de alguma complexidade na construção. O muro meridional (u.e. 3) aparece apenas no espaço térreo depressivo entre os dois maciços rochosos, perdendo-se para oeste e para leste, quando encosta aos próprios afloramentos.

Adivinhamos o seu alinhamento e a sua planta apenas por algumas marcas em negativo, talhadas nos afloramentos, que parecem demonstrar a primitiva continuação da parede meridional para leste e para oeste.

No caso nascente, seriam apenas mais 2 ou 3 pedras que fechariam o alinhamento do alicerce, de encontro ao penedo escavado, desenvolvendo-se a parede superior a partir daquela cota para cima, que hoje já não existe e cuja pedra terá sido desmontada e levada. Ela flectiria para norte, assentando nos blocos de granito já talhados, como referimos. Para oeste, a continuação do alinhamento é mais difícil de interpretar, podendo:

1 – Ela ter o mesmo alinhamento directo até ao maciço granítico, numa extensão de 3,5 m de pedra que já não existe.

2 – A possibilidade de haver ali um recanto na parede, flectindo para norte e novamente para oeste, criando um pequeno alpendre ou definindo a possível entrada nesta construção.

Para compreender a forma como o edifício estava construído, a sua planta e o seu alçado, tornou-se extremamente importante a existência no afloramento que fica a sudoeste deste edifício, de uma escada talhada no próprio afloramento. Ela é composta de 6 a 7 degraus, com um desnível pouco elevado, apenas de 1,5 m de diferença entre o topo e a base; os próprios degraus são bastante toscos e quase que sugeridos.

Após várias considerações sobre esta escadaria e a sua cronologia, foi até proposto que pudesse ser um fenómeno dos primeiros níveis de ocupação protohistóricos de Vila do Touro (sendo uma escadaria que daria acesso a um espaço sagrado e votivo). Estamos, no entanto, convencidos que esta será contemporânea do edifício que aqui existia. Permitiria o acesso ao patamar superior onde foi aberta a sondagem I, numa zona onde o espaço seria exíguo, pela presença da fachada desta construção, encostada praticamente a esta escadaria.

Resta a dúvida de onde é que remata o edifício no seu lado a poente, pois existem duas ou três possibilidades, dado que não há evidências claras da utilização de pedra talhada e do seu negativo, para o assentamento de pedra neste afloramento. O que existe realmente são marcas de um afeiçoamento prévio em patamares escalonados e é possível que mais a oeste ou mais a leste, se encontrasse o muro que fechava este edifício.

O limite mais ocidental estaria a uma cota superior, marcado num dos patamares intermédios no afloramento, constituindo um testemunho do primitivo piso de circulação de um primeiro sobrado de madeira do edifício.

O edifício poderia ter dois pisos de circulação: um a cota inferior e outro uma cota superior, ao qual se acedia pela escadaria e por acesso marcado do seu lado poente, que daria acesso a um dos patamares talhados na rocha que constituía o único resto do segundo piso conservado, sendo o restante marcado

por traves e barrotes que suportariam soalhos ou sobrados de madeira, que já não perduram.

Temos a convicção de que o edifício terá sido concluído e até mesmo ocupado e vivido, porque o nível de derrube de telhado é bastante marcado por todas as quadrículas da sondagem 2.

Os *ímbrices* exumados, com grande espessura e sem decoração (tirando alguma impressão digital), estão presentes na unidade estratigráfica 6, por toda a sondagem, e formam um nível de abandono e de derrube explícito. Mesmo revelando alguns sinais de remeximento, encontram-se aglomerados e em grande quantidade permitindo, de forma categórica, estipular que essa unidade estratigráfica é o derrube da cobertura do edifício.

Juntamente com estas telhas de canudo, havia também bastantes fragmentos quadrangulares ou paralelepípedicos de barro cozido que deveriam constituir tijoleiras ou tijolos. O seu aparecimento por toda a área interna da estrutura construída e a sua concentração especialmente na u.e. inferior (u.e. 6) apontam para a possibilidade de existência de um piso de tijoleira no nível interno de circulação deste edifício. Situação que a comprovar-se diferencia este imóvel, indiciando alguma qualidade superior, embora não tenha sido encontrado nenhum troço completamente preservado e *in situ*, que nos desse a primitiva cota de circulação e a certeza da sua utilização como pavimento. Não devemos afastar para já outras hipóteses como a existência de um forno ou a sua utilização em qualquer outra construção de arcos ou abóbadas.

As u.e.'s 9 e 10 são os últimos níveis de ocupação. Têm grande quantidade de cinzas e carvão, que parecem denunciar a presença de restos de uma estrutura de combustão existente no interior da casa que, muito embora, não foi detectada; ou, em alternativa, a existência de um incêndio que terá destruído a cobertura, fazendo cair a telha e terá também queimado grande parte dos barrotes que aqui estariam.

Neste suposto nível de ocupação, recolheu-se alguma cerâmica comum doméstica de cronologia medieval, à semelhança do que sucedeu na sondagem

1, tendo aparecido neste nível (u.e. 9), mais um numisma do reinado de D. Sancho II.

Regista-se ainda a presença de uns alinhamentos de pedras no interior da casa e que encostam à parede meridional (u.e. 8), parecendo sugerir a existência de divisórias internas. Neste caso estamos perante uma nítida separação entre o espaço edificado, a leste, da zona de entrada e de funções mais primárias, a oeste.

Portanto, este muro de divisória interna fica a 5 m do eventual muro oriental que rematava a casa, e que já não perdura. Trata-se apenas de três ou quatro pedras, mas com nítido faceamento interno.

Por sua vez, o lado ocidental do edifício, encosta à possível parede formada pela própria rocha granítica natural, com uma altura máxima de 2,5 m até ao primeiro patamar talhado. Nessa zona deveria localizar-se a entrada do edifício, marcada por um vão que existiria na sua fachada meridional. Aqui verifica-se a existência dum aglomerado de pedras bem assentes e de grande dimensão, estando algumas delas polidas e encostadas umas às outras. Não parece ser uma estrutura murária ou um nível de derrube. Coaduna-se antes a um piso de circulação lajeado (u.e. 4), com uma área de 3x2 m.

Destaca-se a presença nesta área de um bloco granítico de 41x47 cm, que nos parece ser uma pedra usada primitivamente na muralha ou nas paredes (provavelmente na parede ocidental do edifício) que terá caído, tal como ficou assente.

Existe uma outra pedra mais assente no solo e nos níveis que não se removeram, que parece também constituir-se como uma pedra com função especial. Dado que ela se situa praticamente no centro do edifício (das extremidades norte-sul, e leste-oeste) colocamos a hipótese de poder ser a base de um pilar de um poste de madeira de grande envergadura, que também poderia ter as mesmas funções do cubo granítico, encontrado praticamente a 3m para oeste.

Portanto, os dados parecem sugerir que estamos perante uma estrutura de carácter habitacional, com divisórias internas, com falta de indicadores importantes e luxuosos, parecendo não ter sido moradia de gente de estrato social elevado. Não há evidências arqueológicas que denunciem nenhuma actividade concreta associada à estrutura.

Dadas as circunstâncias da escavação em ambiente de emergência e numa zona que não iria sofrer impactos com a construção da escadaria, esta sondagem foi dada como terminada, ainda que não se tenha exposto o afloramento natural em toda a sua superfície.

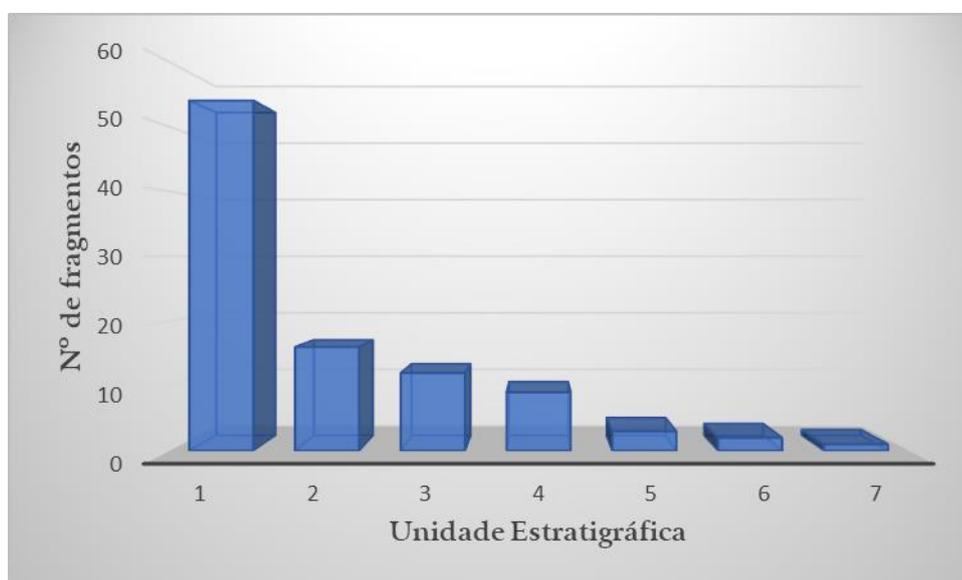


Gráfico 4 – Proveniência da cerâmica, sector VIII, sondagem 2

Infra apresenta-se a descrição da estratigrafia individual das duas sondagens deste sector.

Quadrículas E2 e E3 (Est. 19)

[U.E. 1] - Terra castanha desagregada baixa e média / fina material de construção abundante presença de raízes. Espólio, cerâmica medieval e de construção, cavilha em metal. Relacionada com 02, 03. Camada superficial numa zona de abundante vegetação.

[U.E. 2] - Terra castanha escura solta pouco compacta com algumas raízes localizadas. Espolio associado a cerâmicas finas medievais e material de construção (telha). Relacionada com 01, 03 e 04. Terra que cobre a 03 e se infiltra na 04 (derrube), enchimento do espaço após derrube das telhas.

[U.E. 3] - Sem qualquer descrição, apenas as relações estratigráficas.

[U.E. 4] - Terra de cor castanha escura solta e pouco compacta, raízes localizadas e grande quantidade de telha, espolio associado, material de construção e cerâmica medieval (?), argola e prego de metal e pequenos fragmentos de osso, assenta sobre afloramento (03) relacionado com 02,03. Derrube de telhado concentrada a norte e a sul e pertencente a uma provável estrutura de madeira do qual há vestígios em negativo nos rochedos próximos.

[U.E. 5] - Pequena superfície empedrado de natureza indeterminada tendencialmente nivelada. Pedras com marcas de desgaste/uso/baleadas, com provável argamassa na junta das pedras. Pela dimensão seria o fundo de uma lareira.

[U.E. 6] - Terra de cor castanha escura, pouco compacta fina. relações estratigráficas, coberta por 04, encosta 05/04 cortada por 04, e relacionada com 04/05.

[U.E. 7] - Terra esbranquiçada, grosseira e solta, composta de saibro desfeito Saibro granítico desfeito claro. Nível de desagregação do afloramento granítico, misturada com terra remexida, que ocupa uma depressão no afloramento na parte norte da sondagem.

Quadricula C2

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, pouco compacta, de grão fino, solto. Topo da camada com restos de cimento, poucas raízes topo da camada com restos de cimento, poucas, e grande concentração de fragmentos de telha, vestígios. Cronologia na sua maioria medieval de cerâmica muito fragmentada.

[U.E. 2] - Terra castanha escura compacta de grão médio, topo da camada com fragmentos de telha, algumas pedras pequenas. Camada principalmente perturbada por um monte de entulho situado junto a face norte de sondagem, dado o aparecimento de plástico e de aseia grossa.

[U.E. 3] - Terra de cor castanho-escura, compacta, de grão médio/grosso com fragmentos de telha pequenas pedras soltas e saibro desagregado. Cerâmica com alguma frequência, muito fragmentada com fragmento de peça em ferro e alguns fragmentos em osso, assenta sobre afloramento. Após análise do perfil parece possível que tenha sofrido um processo de formação que a u.e. 2.

Quadrícula C3

[U.E. 1] - Terra de cor castanho, compactidade média com terra solta e fina. Fragmentos de cerâmica medieval, ossos e carvão. Assenta sobre U.E.2, U.E.3, afloramento. Ossos e carvão concentrados na parte Nordeste da quadrícula que podem resultar de actividades recentes na superfície, encontrou-se pouca cerâmica após o declive sul da quadrícula (afloramento), identificou-se algumas “bolas” de cimento recente por toda a unidade, bem como alguns fragmentos de telha por toda a unidade. Nota: para melhor identificação a quadrícula foi dividida em quadrantes (NO, NE, SO, SE)

[U.E. 2] - Terra de cor castanha escuro, terra solta de grão fino. Fragmentos de cerâmica, e possível fivela em bronze com decoração interna. Assenta sobre afloramento e U.E.3, coberta por U.E.1, encosta no afloramento. Continuidade de aparecimento de telhas, ainda que em menor número do que na U.E.1.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha com tons acinzentados, terra solta de grão fino. Fragmentos de cerâmica, ossos e carvão. Assenta sobre o afloramento, coberta por U.E.2 e U.E.1, encosta com U.E.2. Amontoado de pedras que não deram qualquer tipo de interpretação, contam-se alguns fragmentos cerâmicas entre as pedras, carvões e ossos +/- dispersos pelo aglomerado de pedras.

[U.E. 4] - Terra de cor castanha escuro com tons de cinzento compacta com grão médio. Pouco número de fragmentos cerâmicos. Assenta sobre o afloramento, coberta por U.E.1 encostando no afloramento. Reduzido número de cerâmica comparativamente à restante quadrícula.

Quadrícula D2

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, compactidade média e terra fina solta, raízes, pedra miúda e média em pouca quantidade, e ainda fragmentos de telha. Cerâmica a torno fragmentada, fragmento de asa e telha fragmentada de maior dimensão. Assenta sobre U.E.2 e afloramento. Camada superficial com entulho, argamassa, plástico e um prego, abundância de restos de telha e cerâmica. Pedra de forma subrectangular (38x28 cm) afeiçoada a pico com orientação NE.

[U.E. 2] - Terra de cor castanha escuro, solta, composta com pedra miúda e média, um ou outro penedo. Alguns fragmentos de cerâmica. Coberta por U.E.1 relacionada com o afloramento e relacionada com este. Deposição na fractura do afloramento granítico. Presença de fragmentos de telha. As cavidades rochosas resguardaram alguma cerâmica, mais ilustrativa relativamente à camada 1.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha, pouco compacta, com raízes, telha, pedra pequena e média. Alguns fragmentos de cerâmica. Assenta sobre o afloramento, coberta por U.E.1, corta ou é cortada pelo afloramento. Camada com telha frequente e espessura muito variável, devido ao afloramento.

Quadrícula D3

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, solta com grão médio e fino. Fragmentos cerâmicos. Assenta sobre U.E.2 e afloramento. Aparecimento de telhas na parte Noroeste da quadrícula ainda que em pequeno número.

[U.E. 2] - Terra de cor castanha, com telhas misturadas com terra solta e fina. Fragmentos de cerâmica. Assenta sobre U.E.3, coberta por U.E.1 encosta com afloramento. Caracterizada por camada +/- dispersa de telha por toda a quadrícula, é de notar uma maior concentração de telhas nas partes NE e SE da quadrícula.

[U.E. 3] - Terra de cor castanho-escura com tons acinzentados, pouco compacta. Fragmentos de cerâmica e moeda. Um dinheiro no quadrante SO da quadrícula.

[U.E. 4] - Terra de cor castanho claro, compactidade alta e textura grosseira. Assenta sobre afloramento, coberta por U.E.3 encosta com afloramento. U.E.4 designa a unidade estratigráfica de granito desagregado

Quadrícula I2

[U.E. 1] - Terra de cor castanha clara, solta, de grão fino e algumas pedras de várias dimensões, alguma cerâmica comum, telha e faianças, corresponde a uma unidade superficial.

[U.E. 2] - Conjunto de pedras em granito, semi-aparelhado com um metro de espessura que corresponde a uma estrutura de pedras de grande dimensão preenchidos por terras e pedras de pequena dimensão, semelhante a um murete.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha escura, solta, composta por terra misturada com pedra miúda e telha. Corresponde provavelmente, ao derrube do telhado.

[U.E. 4] - Terra de cor castanha clara menos compacta que a U.E. anterior, composta por terra misturada com telha, pedra miúda, tijolo burro, cerâmica e alguns metais.

[U.E. 5] - Terra de cor castanha cinza, compacta e de textura rugosa, com argamassas, telha, pedra miúda e alguns núcleos de carvão.

[U.E. 6] - Terra de cor castanha clara, solta, composta por pedra miúda, raízes, telha e alguns fragmentos cerâmicos.

Quadrícula I3

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, pouco compacta de grão grosseiro, composta por fragmentos de cerâmica e telha de canudo. Assenta sobre U.E.3, corta ou é cortada por U.E.2. U.E homogénea em cor e material por toda a quadrícula. Corresponde a um nível superficial, recente e aterrado, aplanado pela circulação humana.

[U.E. 2] - Conjunto de pedras que formariam possível alinhamento ou piso.

[U.E. 3] - Terra de cor creme avermelhada, muito solta e de textura grosseira, composta por muitos fragmentos de telhas, algumas delas quase inteiras, alguns fragmentos de cerâmica e pedra miúda. Concentração de telhas na parte NE da quadrícula. Denota-se que quanto mais aprofundamos menos fragmentos se encontram. Na parte NE foi encontrado uma cabeça de prego e um suposto “gancho/cavilha com argola”.

[U.E. 4] - Pedras com superfícies afeiçoadas e argamassa, possível derrube para norte. Possível piso ou derrube. Foi identificado partes da quadrícula com argamassa. É identificado um derrube primário de telhas seguido de um derrube das paredes pelo modo como telhas e pedras se dispõem e conjugam.

Quadrícula I4

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, pouco compacta, de composição fina, raízes e fragmentos de telha. Fragmentos de cerâmica e tijolo de burro. Camada superficial, presença de telha, cerâmica medieval e algumas peças metálicas contemporâneas.

[U.E. 2] - Sem qualquer descrição.

[U.E. 3] - Terra de cor castanho escuro, solta, com fragmentos grandes de telha fina. Alguns fragmentos de cerâmica de pequena dimensão, carvão e fragmentos de ossos. Interior de uma possível estrutura. Poderia ser o interior de uma possível estrutura.

[U.E. 4] - Terra de cor castanho claro, solta e fina, composta por fragmentos de cerâmica de pequenas dimensões, e alguns carvões.

Quadrícula J2

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, solta, fina, com pedras, telhas, alguns fragmentos de cerâmica, raízes e ervas secas. Corresponde a um nível superficial.

[U.E. 2] - Conjunto de pedras em granito que seriam silhares com enchimento das juntas com pedra miúda, que se encontravam faceadas e alinhadas no sentido Leste - Oeste. Este nível corresponde a um muro constituído por silhares de granito com faces exteriores e enchimento de pedra miúda/cascalho. Prolonga-se para as quadrículas I2 e K2. Marcam o limite norte da plataforma e início da encosta. Acaba por fazer de muro de suporte de terras. Está paralelo à parede sul, J4/I4.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha clara, mediamente solta e fina, com pedras, telhas e alguns fragmentos de cerâmica. Trata-se de um enchimento sobre o derrube do telhado e paredes, no interior do edifício.

[U.E. 4] - Terra de cor castanha acinzentada, mediamente solta e de textura grosseira, composta por telhas, pedras de tamanho pequeno e médio e tijoleira. Este nível corresponde ao derrube das telhas. Ocupa toda a sondagem. Algumas encontram-se num bom estado de conservação. As melhores foram recolhidas e guardadas. Entre as telhas apareceram algumas pedras pequenas, juntamente com alguns fragmentos cerâmicos, muito poucos. Nota também para o aparecimento de algumas tijoleiras.

Nesta zona de toda a sondagem é onde o nível de telhas é mais evidente.

[U.E. 5] - Terra de cor escura mediamente compacta.

Quadrícula J3

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, muito pisada e de grão fino, constituída por pedra miúda, raízes, telhas e alguns fragmentos cerâmicos. Trata-se da unidade superficial que cobria toda a sondagem.

[U.E. 2] - Terra que corresponde a um enchimento mais recente da depressão interna da construção, com grande quantidade de derrube de telhas e pedra miúda remexida.

[U.E. 3] - Conjunto de pedras em granito, semi-aparelhadas. De média e grande dimensão, faceadas no sentido Norte-Sul, com face a Leste - Oeste, em apenas uma fiada. Corresponde a pedras que parecem definir um alinhamento de uma parede interior no sentido Norte - Sul, apenas com uma face em cada pedra e não têm duplo paramento, mas podem ser todas um derrube no interior da estrutura.

[U.E. 4] - Terra de cor castanha acinzentada, compacta e de grão fino limpa de materiais. Corresponde ao nível de ocupação/abandono do espaço interior do edifício.

[U.E. 5] - Terra de cor castanha escura, mediamente compacta e fina, com muitas pedras miúdas e telhas.

Quadrículas G3, H3 e H4

[U.E. 1] - Terra de cor castanha clara, solta de grão médio com cerâmica comum e telha, corresponde à camada superficial.

[U.E.2] - Terra cinzenta, muito solta de grão muito fino e alguma cerâmica, que caracteriza uma bolsa de rocha desfeita.

Quadrícula K3

[U.E. 1] - Terra de cor castanha clara, solta e fina, composta por pequenos fragmentos de cerâmica. Trata-se de uma camada superficial de terra fina e solta com algumas telhas e cerâmicas fragmentadas dispersas.

[U.E. 2] - Terra de cor castanha que corresponde a um nível de enchimento recente, remexido pelos trabalhos agrícolas.

[U.E. 3] - Nível de enchimento/remeximento e afectação do derrube interno do edifício assente sobre o derrube.

[U.E. 4] - Camada de derrube/abandono, correspondente à queda e remeximento do telhado caído e afectou os níveis do piso com tijoleira.

[U.E. 5] - Lages ou afloramento picado e nivelado correspondente a um provável nível de circulação.

Quadrícula K4 e K5

[U.E. 1] - Terra de cor castanha, pisada, mediamente compacta e pouco grosseira, composta por raízes, pedra miúda e alguns fragmentos cerâmicos, tratando-se de um nível superficial.

[U.E. 2] - Terra de cor castanha, solta e mediamente compacta, composta por fragmentos de telha e alguma pedra miúda. Trata-se de um nível de enchimento do espaço interior da construção, talvez já em época recente após a reutilização das pedras e cultivo do terreno.

[U.E. 3] - Terra de cor castanha escura, mediamente compacta e fina composta com pedra muito miúda. Corresponde ao nível de enchimento da cavidade natural. [U.E. 4] - Terra de cor castanha mediamente clara, relativamente solta e pouco grosseira, composta por telhas, pedra miúda e argamassa. Corresponde ao nível de entulho proveniente do derrube e desagregação do edifício.

IV – O ESTUDO DAS CERÂMICAS

IV.1. Metodologia

O estudo da cerâmica medieval na região é ainda deficitário. Esta falta de conhecimento e de outros estudos comparativos dificultou e condicionou o desenvolvimento do trabalho e, de certa forma, alguns dos objectivos previamente estabelecidos.

Os materiais alvo deste estudo encontravam-se na sua maioria lavados e marcados, estando acondicionados em caixas devidamente identificadas numa das salas do Gabinete de Arqueologia do Município do Sabugal. O primeiro passo foi abrir essas caixas e proceder à selecção e triagem dos materiais que deveriam ser estudados. Este processo consistiu em destacar aqueles que nos dão informação quanto à forma, ou seja, os bordos, as bases e as asas, mas dando igual preferência pelos exemplares que exibiam alguma decoração, fragmentos do bojo na sua esmagadora maioria. Em simultâneo foram-se recolhendo, desde logo, títulos bibliográficos que vão de encontro à temática desenvolvida neste trabalho.

No segundo passo procedeu-se à elaboração de um inventário descritivo (consultar inventário em anexo) do conjunto, e um primeiro olhar sobre o mesmo. Este visou sistematizar informação recolhida nesta primeira análise. Organiza-se de acordo com os seguintes campos: nº de inventário; Sector; U.E.; Decoração; Cozedura; Superfície. Foi nesta etapa de trabalho que se efectuaram algumas remarcações e/ou colagens.

A cerâmica é o objecto de estudo primordial neste trabalho. Com efeito, tornavase imperativo adoptar uma metodologia de análise completa e que permitisse acrescer conhecimento ao actual estado de arte. Escolhemos seguir a metodologia utilizada noutros estudos de cerâmica coetânea, mormente a que

foi seguida por Ricardo Costeira da Silva (2015: 106-110), para o período medieval. Esta metodologia segue o raciocínio de Jorge de Alarcão (1974: 21), distinguindo prioritariamente a cerâmica de acordo com o critério tecnológico. Damos preferência a este critério uma vez que as cerâmicas pertencem única e exclusivamente ao período medieval. Isto é, definiram-se em primeiro lugar grupos tecnológicos ou fabricos, elencando-se posteriormente o repertório formal presente em cada um deles. Estes fabricos foram individualizados principalmente pela natureza da pasta, que por sua vez se subdividiu segundo outros critérios tecnológicos complementares onde se pode incluir a cor, textura, dureza, processo de acabamento (da superfície) ou elementos decorativos (Alarcão, 1974: 2428). Esta distinção baseou-se unicamente na observação macroscópica.

A denominação dos recipientes cerâmicos está condicionada, além da sua forma e função, pelo tipo e tamanho da sua abertura. Atendendo à riqueza do vocabulário português, tornou-se complicado estabelecer classificações definitivas. Por essa razão tomámos como referência a terminologia e nomenclatura presente nos estudos de Helena Catarino (1997-98) por se aproximarem mais dos nossos objectivos, ainda que, pontualmente, tenham de ser adaptados à natureza do conjunto cerâmico em estudo. Sendo o grau de fragmentação bastante avançado em algumas peças, tornou-se por vezes difícil fazerem-se corresponder a uma forma. É o caso da distinção entre panela e pote ou cântaro e bilha. Não obstante, sempre que possível procurou agrupar-se a panóplia formal em grupos funcionais. Nesta fase é importante não esquecer a multifuncionalidade como característica da cerâmica utilitária (Silva, 2015: 157). Posto isto, distinguem-se cinco grupos: recipientes de cozinha/armazenamento (onde constam por exemplo as panelas ou potes); recipientes de cozinha e de mesa (pucarinhos e pratos); recipientes de armazenamento, transporte e serviço de líquidos (cântaros); recipientes de preparação de alimentos/ higiene pessoal (alguidares); recipientes de uso complementar (tampas ou testos). O estudo do conjunto cerâmico exumado nas escavações de

Vila do Touro incidiu desta forma sobre três níveis de análise: a matéria-prima e o seu fabrico (análise técnica), as formas e tipologias (análise morfo-tipológica) e a análise da decoração.

A análise quantitativa da cerâmica, ajustando-se e adaptando-se às suas características, passou pela determinação do número mínimo de recipientes (doravante NMR). Este cálculo foi obtido através da simples contagem dos bordos em consonância com o que foi definido por Patrice Arcelin e Marie Tuffreau-Libre (1998). Apesar das suas limitações esta é a unidade de análise genericamente utilizada no estudo de colecções cerâmicas. É provável que este cálculo possa evidenciar uma certa inflação relativamente ao número real de indivíduos, não obstante, é uma alternativa minimamente fiável na abordagem de conjuntos de cerâmica com elevado nível de fragmentação.

Destacaram-se assim 418 fragmentos cerâmicos para estudo que, por sua vez, correspondem a 126 NMR.

O decorrer do trabalho foi acompanhado de várias leituras que ajudaram, além da caracterização tecnológica, na identificação de paralelos morfológicos. Como é natural procuraram-se estudos subordinados à mesma temática, mas que fossem também geograficamente próximos. Destacamos o trabalho de Helena Catarino (1997/98), Catarina Tente (2010) no Alto Mondego e de Ricardo Costeira da Silva (2015).

Referimos por fim que o desenho das peças mais significativas ou representativas pode ser consultado sob a forma de estampas no capítulo dos anexos. Esta representação gráfica procurou complementar a descrição que se fez, evidenciando pormenores de forma mais clara. Por questões de comodidade todos os desenhos obedeceram a uma escala comum, tornando a comparação das suas respectivas dimensões mais óbvia.

IV.2. Os fabricos (análise tecnológica)

Os grupos tecnológicos foram definidos de acordo com o que se encontra preconizado por Jorge de Alarcão (1974: 24-28). Para tal teve-se em atenção vários critérios como a natureza da pasta, a sua textura e dureza ou os processos de acabamento.

Esta colecção evidencia uma relativa homogeneidade na sua composição petrográfica. Estes elementos dão uma maior resistência à cerâmica e estão disponíveis na região do castelo de Vila do Touro, pelo que inferimos que estas cerâmicas comuns sejam de produção local ou regional. Simultaneamente não se identifica qualquer selecção de pastas organizada segundo os diferentes grupos morfológicos, nem mesmo nos exemplares decorados. Isto faz com que a criação dos grupos de fabrico segundo a natureza da pasta seja improfícua. Assim sendo, ultrapassou-se esta questão formando os ditos grupos mediante outros critérios tecnológicos como o processo de cozedura e a textura das peças. O objectivo da cozedura é desidratar as peças, perdendo plasticidade e ganhando simultaneamente resistência e solidez, adquirindo uma forma que não se altera ou recicla a partir daqui, ficando assim prontas para desempenharem a função para a qual foram produzidas. A passagem pelo fogo, intrinsecamente associada às características da estrutura de combustão, pode ser em dois contextos ou ambientes diferentes que por sua vez reflectem tons igualmente distintos nas pastas e nas superfícies das peças: ambiente redutor e ambiente oxidante. A cozedura redutora, a mais representada neste conjunto cerâmico, dá-se quando ao longo da cozedura existe pouca ou nenhuma entrada de ar no interior do forno e se liberta carbono (Canotilho, 2003: 42) resultando dela peças de tonalidades mais escuras, negras ou cinzentas. Por outro lado, a cozedura em ambiente oxidante acontece quando é permitida a entrada de ar em abundância durante o processo, advindo dela peças de cor mais claras, como

o avermelhado ou o alaranjado. Assumindo isto, a designação de redutora e oxidante advém do tipo de atmosfera criada em torno das cerâmicas durante a cozedura. Na tabela 1 podemos ver os fragmentos da nossa colecção distribuídos segundo estes dois ambientes de cozedura:

Ambiente de cozedura	Nº de fragmentos	Percentagem de fragmentos	NMR	Percentagem NMR
Redutora	304	73%	107	85%
Oxidante	114	27%	19	15%
Total	418	100%	126	100%

Tabela 1 - Distribuição do número de fragmentos da colecção segundo o ambiente de cozedura

Também nesta fase nos deparámos com dificuldades, ao observar que o conjunto (cerâmico) revela um controlo do ambiente de cozedura deficitário. A mesma peça pode apresentar tonalidades diferentes ou manchas. Isto pode resultar de diversas situações entre as quais salientamos: 1) fecho ou abertura do forno durante a cozedura; 2) diferenças na temperatura e/ou na duração do tempo de cozedura; 3) a própria disposição das peças no forno, uma vez que a sua sobreposição pode alterar o contacto com o fogo podendo resultar tons mais claros ou mais escuros; 4) a desigualdade de espessura nas peças, que nalguns casos é responsável pela sua coloração ‘em sanduíche’, sobretudo nas partes mais espessas; 5) a exposição ao fogo durante a sua fase de utilização também poderá ter contribuído para estas alterações na coloração (Pinto, 1999: 71-72; Silva, 2015: 155-157). Posto isto, dividiu-se o conjunto em dois grandes grupos: 1) fragmentos cozidos em ambiente tendencialmente redutor; 2) fragmentos cozidos em ambientes tendencialmente oxidantes (consultar tabela 1). Seguidamente em consonância com a textura das pastas, distinguiram-se dentro de cada um destes grupos os elementos com pastas mais

compactas/medianamente compactas e que revelam um alisamento da superfície (1.1 e 2.1), daqueles com pastas mais friáveis e pouco compactas ou grosseiras, que apresentam geralmente desengordurantes de calibre mais elevado (1.2 e 2.2).

Seleccionaram-se para estudo 418 fragmentos de cerâmica comum, que por sua vez perfazem um total de 126 NMR. Estes foram agrupados segundo os quatro grupos tecnológicos (ou fabricos) supra definidos (tabela 2). Em termos gerais observa-se que a grande maioria do NMR pertence ao fabrico 1.2 (100 NMR). Percebe-se também uma prevalência dos fabricos grosseiros- 1.2 e 2.2 (111 NMR) relativamente aos fabricos mais cuidados- 1.1 e 2.1 (15 NMR). Fazendo agora corresponder o NMR ao respectivo grupo funcional (tabela 3) podemos observar que o mais representado é o grupo dos recipientes de cozinha (95 NMR) sob a forma de panelas/potes. Em segundo lugar surgem os recipientes de uso complementar- tampas/testos (20 NMR) embora já bastante menos numerosos, e que podem complementar o uso dos recipientes de cozinha. Os recipientes de armazenamento, transporte e serviço de líquidos (4 NMR) assim como os recipientes de cozinha e de mesa (5 NMR) e também os recipientes de preparação de alimentos/ higiene pessoal (2 NMR) surgem representados de forma quase residual, com apenas 11 NMR no seu conjunto.

Fabrico	Nº de fragmentos	Percentagem de fragmentos	NMR	Percentagem de NMR
1.1	27	7%	7	6%
1.2	277	66%	100	79%
2.1	13	3%	8	6%
2.2	101	24%	11	9%
Total	418	100%	126	100%

Tabela 2 - Distribuição da colecção por fabricos

Grupo funcional	Forma	Fabrico				NMR	Percentagem de NMR
		1		2			
		1.1	1.2	2.1	2.2		
Recipientes de cozinha	Panelas/potes	7	76	8	4	95	75%
Recipientes de armazenamento, transporte e serviço de líquidos	Cântaros		4			4	3%
Recipientes de cozinha e de mesa	Pucarinhos		2		2	4	3%
	Pratos		1			1	1%
Recipientes de preparação de alimentos/higiene pessoal	Alguidares		1		1	2	2%
Recipientes de uso complementar	Tampas/testos		16		4	20	16%
Total:		7	100	8	11	126	100%

Tabela 3 - NMR identificado pelo fabrico e pelo grupo funcional

IV.3. O repertório morfológico e funcional (análise morfotipológica)

IV.3.1. Recipientes de cozinha

IV.3.1.1. Panelas/potes

Nesta categoria inserem-se os principais recipientes de cozinha (95 NMR) destinados à preparação e confecção de alimentos e/ou recipientes de armazenamento ou transporte (Catarino, 1997-98: 761). Optámos por denominar este grupo de panela/pote dada a dificuldade em distinguir estes dois tipos de recipientes de morfologia muito aproximada. Na tentativa de fazer essa distinção recorreu-se, por vezes, à análise dos motivos decorativos, ou da presença de asas. No entanto, no caso concreto desta colecção, essa análise é difícil de concretizar pois a quase totalidade dos fragmentos está partida pouco abaixo do lábio. Em alguns casos a diferença está apenas na função que desempenharam. Estas peças podem ter sido polivalentes e devem ter cumprido as duas funções (Silva, 2015:157), o que explicaria a sua alta representatividade, tanto na colecção estudada, como em muitos outros conjuntos cerâmicos analisados e estudados no norte e centro de Portugal.

A fragmentação das peças não permitiu reconstituir nenhum perfil inteiro. Contudo, assumem-se como formas fechadas, isto é, o diâmetro da abertura da boca é inferior ao diâmetro máximo do bojo. O seu corpo julga-se de tendência globular ou esférica, frequentemente com perfil em 'S', de fundo plano ou abaulado. Possuem geralmente uma ou duas asas. Os exemplares de dimensão superior deveriam destinarse sobretudo ao armazenamento. Para além da ausência de vestígios de marcas de fogo ou de fuligem exterior, também o seu manuseamento seria mais dificultado nos exemplares de maior porte. Por

sua vez, nos recipientes de menor dimensão encontram-se, por vezes, estas marcas de contacto com o fogo.

Este grupo conta 95 indivíduos dominando largamente toda a colecção, representando 75% da mesma (consultar tabela 3). Este fenómeno não é exclusivo da Vila do Touro mas acontece noutros contextos medievais coetâneos, como por exemplo no castelo de Arouca (Silva & Silva, 2018), no Antigo Paço Episcopal de Coimbra (Silva, 2015), na região de Torre de Moncorvo (Rodrigues, 1994; Rodrigues e Rebanda, 1998), e ainda no Alto Mondego (Tente *et al.*, 2014: 124).

No que respeita aos fabricos, neste grupo funcional domina o 1.2 com 76 NMR que equivalem a 80% dos recipientes de cozinha (consultar tabela 3). O segundo grupo de fabrico mais evidenciado neste grupo funcional é o 2.1 com 8 NMR e que equivale a 8.42% dos recipientes de cozinha. Os restantes (1.1 e 2.2) somam 7 NMR e 4 NMR, que equivalem a 7.36% e 4.2% dos recipientes de cozinha respectivamente

Em termos tipológicos assiste-se à presença exclusiva dos modelos com bordo extrovertido que poderá justificar-se pela maior facilidade de despejo do seu conteúdo (Liberato, 2011: 83). Distinguem-se, no entanto, 3 variantes: A) peças com lábio plano (84 NMR) (Est. 21 e 24); B) peças com lábio redondo (5 NMR) (Est. 22); C) peças com lábio espessado exteriormente (6 NMR) (Est. 23).

Regista-se a presença de peças semelhantes à variante A no Sabugal Velho (Aldeia Velha) (Martín Viso, 2008) e em S. Gens (Celorico da Beira) (Tente, 2010: 252); do modelo B em Coimbra (Silva, 2015) e em S. Gens (Tente, 2010: 252); e do modelo C também no Sabugal Velho (Martín Viso, 2008) e em Lisboa (Silva, 2019: 35-39). Estes recipientes surgem frequentemente em contextos datados entre os sécs. XI-XIV.

Neste estudo apenas temos fragmentos de bordo que conservam o arranque de uma só asa, não sendo por isso possível contabilizar qual a solução

mais representativa. Dos 6 exemplares com arranque de asa no colo ou junto do lábio apenas se evidenciaram asas de secção em fita (**Est. 24**), cuja largura varia entre 34 e 46 mm. Apenas três asas estão decoradas, com linhas incisivas que encontram paralelo em panelas exumadas no pátio do Museu Grão Vasco em Viseu (Rodrigues, 2014: 154) e no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra (Silva, 2014: 89) em contextos genericamente datados dos sécs. XI-XII.

Convém também não esquecer que muitos dos fragmentos de panela decorada, sobretudo com incisões ou cordão plástico digitado, devem pertencer a este tipo de recipientes, mas cuja relação ou correlação com os bordos não se conseguiu estabelecer.

IV.3.2. Recipientes de cozinha e de mesa

IV.3.2.1. Pucarinhos

A principal função do pucarinho é conter líquidos e servi-los à mesa (Catarino, 1997-98: 778). De forma a cumprir eficazmente esta sua função materializam-se sob formas fechadas, com diâmetro da boca inferior relativamente aos potes/panelas, bem como paredes de menor espessura (Tente, 2014: 128). Por vezes apresentam um bordo trilobado (Tente, 2014: 128) que facilita a tarefa de verter o seu conteúdo líquido. No conjunto apenas se identificou um bordo trilobado, com pasta bastante compacta na qual se incluem pequeníssimos desengordurantes, sobretudo mica, identificada pelo seu brilho. Apresenta coloração em sanduíche sendo o seu cerne cinzento escuro e a superfície laranja/avermelhada alisada, que se integra no fabrico 2.1. Dadas as suas características, concretamente a sua reduzidíssima dimensão, torna-se de difícil representação gráfica. Apesar de não se ter evidenciado nenhum exemplar com arranque de asa, sabemos que estas peças seriam manuseadas

através de uma asa diferenciada (Tente, 2014: 128). Os fragmentos desta morfologia são pequenos e estão quebrados na zona do bordo o que faz com que, por um lado, se mantenham algumas dúvidas quanto à sua integração neste grupo funcional, e por outro, não se possa descrever a forma do seu perfil e base. Aliás, dos fundos destacados nesta colecção apenas um se assemelha, quer em dimensões quer em fabrico, aos bordos incluídos nesta categoria. O seu diâmetro aproxima-se dos 10 cm, é plano e as paredes parecem ser esvasadas.

O NMR calculado estima a existência de 4 pucarinhos. Em termos tecnológicos assiste-se ao que se verifica nas outras categorias morfológicas, predominando a cozedura redutora com pastas grosseiras e elementos não plásticos de granulometria média/grande – fabrico 1.2- face ao fabrico 2.2 que apenas se expressa num indivíduo (e em 4 asas de secção em fita que associamos a este grupo formal).

Em termos tipológicos os pucarinhos da colecção apresentam o colo em forma cilíndrica, com bordo vertical ou recto, e lábios boleados, exceptuando um exemplar que apresenta bordo espessado e extrovertido (Est. 26, nº4). Estas peças apresentam paralelos geograficamente próximos. As peças de colo moldurado são reconhecíveis nos contextos datados entre os séculos XII/XIII da estação do Sabugal Velho (Osório, 2001: 792-793; Viso, 2008: 115, peça nº 175).

IV.2.2.2. Prato

Por prato designa-se uma forma aberta que se insere no serviço de mesa. O exemplar que se traz à estampa é o recipiente que se encontra mais íntegro e o único de perfil completo em toda a colecção. Tal como tem sido relatado noutros locais (Rodrigues, 1994: 18) esta forma é pouco usual em contextos desta datação, aparecendo sempre em grupos muito pouco representativos. Este exemplar denota um processo de cozedura em ambiente redutor, com

abundante desengordurante e pasta medianamente compacta, com superfície alisada e tonalidade cinza escuro, integrandose no fabrico 1.2.

Trata-se de uma forma com paredes esvasadas, bordo de lábio boleado e fundo plano (Est. 30). Encontramos alguns paralelos formais em estações com cronologias similares (século XIII), nomeadamente no Castelo de Arouca (Silva, 2018: 79) e no sítio do Baldoeiro em Moncorvo (Rodrigues, 1994: 42).

IV.3.3. Recipientes de armazenamento, transporte e serviço de líquidos

IV.3.3.1. Cântaros

Os cântaros são recipientes com formas e tamanhos variáveis cuja função se prende com o armazenamento, transporte e serviço de líquidos. Estas formas (4NMR) encontram-se neste grupo devido à dificuldade em distingui-las. Possuem em comum o arranque de uma asa de secção em fita, mas com largura muito superior à das panelas/potes, e colo cilíndrico.

Todos os recipientes se integram no fabrico 1.2.

Tipologicamente, apresentam bordos sempre extrovertidos, de lábio plano e colo cilíndrico. As asas partem do colo, junto do bordo, e possuem uma largura entre os 60 e os 66mm. Não se dispõe de nenhum perfil completo, sendo impossível descrever as suas panças e bases. No entanto, foi possível distinguir 16 asas que se associam claramente a esta categoria formal. Estes fragmentos de asa distribuem-se pelos 4 grupos de fabrico, mas com maior incidência no 1.2. Uma curiosidade é apresentarem larguras entre os 41 e os 67mm que supera em muito a das asas de panela, o que reforça a ideia de que

transportariam um peso superior e daí o facto de se partirem com mais frequência.

Destes 16 fragmentos de asa, 7 estão ornamentados com uma incisão digitada disposta longitudinalmente ao longo da mesma (Est. 25) e encontram paralelos em peças exumadas em contextos datados entre os sécs. IX-XI no antigo Paço Episcopal de Coimbra (Silva, 2014: 88, fig. 8).

IV.3.4. Recipientes de preparação de alimentos/higiene pessoal

IV.3.4.1. Alguidares

Os alguidares são peças abertas com paredes rectas e oblíquas, geralmente de forma troncocónica invertida, cuja multifuncionalidade pode explicar a sua alta representatividade em sítios com ocupação medieval. Tal se verifica no período altomedieval não apenas na Vila do Touro, mas também no povoado do Sabugal Velho (Martín Viso, 2008: 113, figuras 162-164), no alto Mondego (Tente, 2014: 131), no baixo Mondego (Silva, 2014: 90) e em Viseu (Rodrigues, 2014: 146). Estas peças podiam assumir funções de lavagem, revelando um fabrico com maior capacidade de isolamento (Rodrigues, 2014: 146), ou por outro lado funcionarem como recipientes de confecção e preparação de alimentos (nomeadamente amassar o pão) ou até mesmo de consumo, revelando desta vez um fabrico mais grosseiro (Rodrigues, 2014: 146; Tente, 2014: 132). Talvez seja também a sua versatilidade que justifica a longa diacronia de produção e utilização que estes recipientes tiveram durante a Alta e Plena Idade Média (Tente, 2014: 132).

Entre o espólio cerâmico estudado destaca-se uma única base em disco, com arranque da parede e sem motivos decorativos (Est. 27). Esta base de disco extremamente pronunciado é de reconhecimento imediato, e sua principal função seria garantir uma estabilidade superior à peça (Tente, 2014: 131). À semelhança das bases similares provenientes do Alto Mondego esta revela na

sua parte inferior uma superfície rugosa, que deixa transparecer os negativos da secagem sobre areia (Tente, 2014: 131). Estas peças são comuns em contextos arqueológicos medievais do Norte e Centro de Portugal, no entanto levantam uma problemática relacionada com a sua datação. Se na Beira Interior- Sabugal Velho (Osório, 2004) e na Guarda (Osório, 2004) a sua datação aponta para os séculos XII a XIV, o mesmo não acontece em Conímbriga, onde Adriaan De Man (2006: 170) os situa entre os séculos VII-IX. Aqui no castelo de Vila do Touro surgem inequivocamente em contextos mais tardios, do século XIII.

No que concerne ao fabrico pode adiantar-se que é grosseiro e com abundante desengordurante, conferindo-lhe boa resistência. É de superfície rugosa e apresenta uma acentuada diversidade na coloração, do alaranjado ao creme, sendo por isso integrado no fabrico 2.2. Dado o seu índice de fragmentação não é possível avançar com uma proposta de diâmetro.

Como o NMR é calculado a partir dos bordos a base em disco é desta forma ignorada nessa contabilização, que eventualmente soma outros dois fragmentos de bordo. Um deles apresenta o bordo ligeiramente extrovertido, com lábio biselado. A sua pasta é igualmente alaranjada, no entanto de uma compactidade muito superior, com desengordurantes menos frequentes e de calibre bastante inferior, observando-se apenas o brilho da mica o que justifica a sua integração no fabrico 2.1. A julgar pela sua pasta presume-se que talvez este alguidar se prenda mais com funções relacionadas com a higiene pessoal. Pouco abaixo do lábio é decorado com aplicação plástica de cordão digitado, encontrando paralelo no Alto Mondego em contextos datados do séc. IX a XI (Tente, 2014: 125, figura 3, peças nº 2 e 3).

O segundo bordo desta classe morfológica é igualmente extrovertido, com lábio biselado e ligeiramente espessado na zona exterior. O seu fabrico é bastante grosseiro, com elementos não plásticos abundantes e de grande dimensão, com superfície rugosa e tonalidade escura, quase preto no lado exterior e cinzento no interior. Esta peça é das que mais evidencia a sua decoração face aos demais elementos da colecção, com motivos digitados no

exterior do lábio e dois cordões plásticos digitados dispostos de forma perpendicular, ou em cruz (Est. 33). Pelo seu fabrico grosseiro, atribui-se a funções mais ligadas à confecção de alimentos, como a preparação da massa do pão ou o fabrico de enchidos. Este recipiente assemelha-se, ainda que com algumas reservas, a um outro proveniente das escavações do pátio do museu Grão Vasco em Viseu, datado do século XIII (Rodrigues, 2014: 155; figura 5, peça 9.1).

IV.3.5. Recipientes de uso complementar

IV.3.5.1. Tampas/testos

As tampas são formas genericamente achatadas cuja função é cobrir a boca ou abertura de um recipiente. No ponto central são rematadas normalmente por uma pega (Torres *et. al.*, 1997: 133). No entanto, nenhum dos exemplares da colecção de Vila do Touro conservou essa pega, pelo que apenas se supõe que a tivessem.

O NMR contempla 20 exemplares, dos quais apenas 4 pertencem ao fabrico 2.2 enquanto os restantes 16 pertencem ao 1.2.

O bordo destas peças pode ser plano, arredondado, triangular ou espessado exteriormente, mas sempre biselado na zona de contacto com a peça que cobriria (Est. 28 e 29).

Devemos sublinhar que é com cautela que denominamos estas peças de tampas, por dois motivos principais: primeiro porque são exemplares bastante fragmentados e pequenos, e dos quais apenas se pode observar a terminação do bordo, e em segundo lugar porque os paralelos encontrados, além de escassos, apresentam algumas divergências ao nível do bordo. Falamos das peças exumadas no pátio do museu Grão Vasco em Viseu (Rodrigues, 2014: 154-155,

peças 10.2) ou no Algarve (Catarino:199798: 800) que apresentam bordos de morfologia distinta, apesar de integrados no mesmo grupo funcional.

Apesar de tudo é coerente o facto de haver peças desta categoria morfológica num conjunto cerâmico dominado pelas panelas/potes, com diâmetros de abertura muito próximos destes exemplares, recipientes cuja funcionalidade seria eficazmente melhorada pelo uso de tampas, quer sejam recipientes de armazenamento ou de uso culinário. Isto não implica, todavia, que não pudessem ter sido utilizadas outras soluções para o fecho de recipientes, as quais, porventura, não terão deixado vestígios.

IV.4. Técnicas, motivos e esquemas decorativos

O conjunto cerâmico estudado é composto por 418 fragmentos. Destes, 159 (38%) apresentam algum tipo de decoração. Do total, 62% (259 fragmentos) não apresenta qualquer motivo decorativo (consultar gráfico 5). A esmagadora maioria dos exemplares decorados revela-se sob a forma de fragmentos do bojo, os quais não se conseguem associar a uma categoria morfológica precisa. Contudo, pensamos que a percentagem de elementos decorados é bastante elevada e um traço identitário desta colecção. Deste modo, e apesar das limitações de classificação formal, determinou-se que seria importante abordar estes fragmentos tendo em conta a técnica decorativa e, por sua vez, os motivos representados e dominantes.



Gráfico 5 – Relação existente entre material decorado e não decorado

Com efeito, os fragmentos decorados repartem-se exclusivamente por duas técnicas decorativas distintas: a impressão (60%) e a incisão (33%), verificando-se, no entanto, casos de aplicação simultânea destas duas técnicas – impressão e incisão (consultar gráfico 6).

Entre os 95 fragmentos decorados por impressão podemos ainda subdividir 3 subtipos: a impressão de motivos ovais ou circulares, que vem representada em 41 fragmentos (Est. 31); impressão desses mesmos motivos, mas sobre cordão plástico - 20 exemplares (Est. 31); e impressão digitada sobre cordão plástico evidenciada em 34 unidades (Est. 32).

A técnica da incisão traduz-se numericamente em 52 exemplares. Assiste-se, neste caso, a uma preferência pelas séries de incisões paralelas horizontais, com excepção de dois casos: um em que a linha incisa se desenvolve em ziguezague e outra que se assemelha a uma palavra escrita (motivo pseudo-epigráfico), mas cujo significado não se consegue decifrar (Est. 34, nº3).

Com menor representatividade, apenas com 12 fragmentos, constata-se a presença de fragmentos com aquilo que designámos de decoração mista, aplicando a impressão e a incisão. As combinações resultam em motivos

variados (**Est. 35**), associando sobretudo bandas paralelas de incisões e cordões plásticos digitados.

Estas técnicas e motivos decorativos exibidos nesta colecção não são exclusivas e permitem estabelecer paralelos com outras colecções de distintos sítios e contextos do país. Em Lisboa (Silva, 2019: 60) a técnica da impressão é igualmente a mais representada numa colecção datada dos séculos XIII-XIV. Também no Sabugal Velho (Martín Viso, 2008: 114-115) se evidencia uma grande semelhança a nível dos motivos decorativos que aqui se incluem cronologicamente entre o séculos XII-XIII. Falamos da técnica da impressão de motivos ovais ou circulares, ora sobre um cordão plástico aplicado ora directamente nas paredes dos recipientes ou da incisão de motivos ondulados, aparecendo também conjugados com impressões.

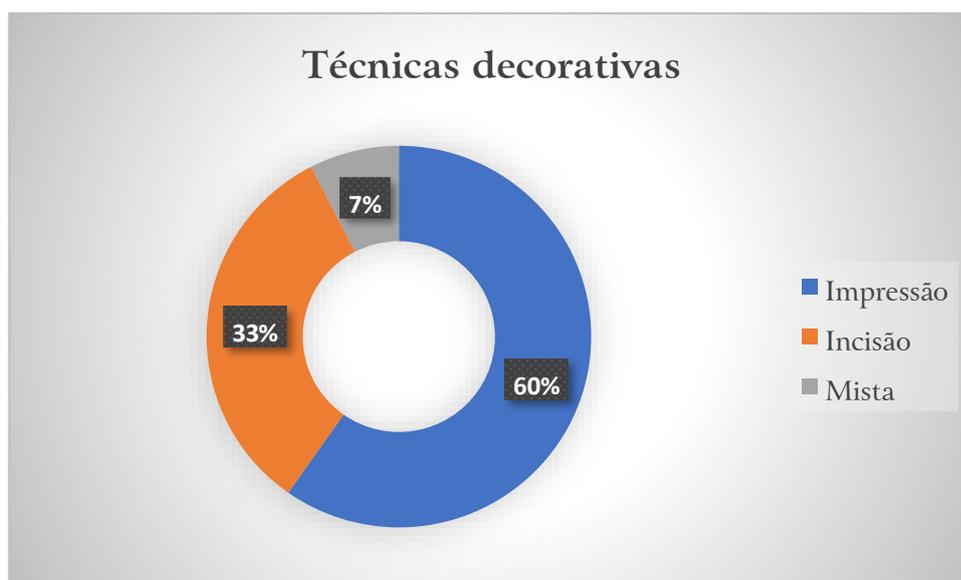


Gráfico 6 – Técnicas decorativas

V. CONCLUSÃO

O estudo da cerâmica exumada durante as escavações arqueológicas realizadas no interior do castelo de Vila do Touro permitiu-nos conhecer um pouco mais sobre a realidade vivida neste espaço durante a sua ocupação medieval. Este trabalho não almeja de forma alguma esgotar o tema a que se dedica, mas antes contribuir para o estudo da cerâmica medieval nesta região da Beira Interior.

Pela análise e estudo desta colecção cerâmica, com paralelos no norte e centro de Portugal, em conjunto com a descoberta dos numismas do reinado de D. Sancho II e cruzando com toda a bibliografia conhecida e relacionada com este sítio arqueológico, parece-nos acertado propor genericamente uma cronologia para a ocupação deste sítio situada nos séculos XII e XIII. Não se conseguiram estabelecer distinções entre as cerâmicas provindas de níveis de construção, ocupação e abandono, pelo que se torna impossível fazer uma abordagem dos ritmos de ocupação deste sítio. Isto leva a concluir que a construção e o abandono do local estão separados por um curto período cronológico. Esta ideia vem reforçada pela homogeneidade da cerâmica, quer em termos tecnológicos, quer em termos morfológicos.

As panelas/potes são recipientes que se destinam à preparação/confecção de alimentos, mas que podem também adquirir funções de armazenamento e transporte dos mesmos. É de salientar que esta categoria é dominante (representa 75% do NMR). Identificou-se um número considerável de tampas que eventualmente cobririam também este tipo de serviço, conferindo-lhe assim uma maior eficácia. Não devemos descartar a ideia de que outras soluções terão sido utilizadas, mas cujos vestígios não chegaram até nós. A prevalência deste tipo de recipientes deixa de alguma forma transparecer qual seria a principal actividade realizada em ambiente doméstico – a preparação e confecção de alimentos. Para esta e outras actividades também os alguidares são necessários,

como denuncia o fragmento de fundo em disco, o qual também nos aponta para uma cronologia no século XIII (Osório, 2010: 70).

Os cântaros, recipientes de transporte e armazenamento de líquidos, terão também assumido uma grande importância (4 NMR). Uma vez que não se conhece nenhuma fonte de água disponível no interior do castelo, seria preciso, através destes recipientes, sair das muralhas para recolhê-la e transportá-la, podendo armazenar-se posteriormente até à sua utilização.

Por sua vez, os recipientes de mesa estão menos representados neste sítio arqueológico (5 NMR), traduzindo-se genericamente em serviços destinados a conter e servir líquidos, nomeadamente os pucarinhos. Embora seja raro em contextos homólogos, contamos neste estudo com a presença de um prato, cujo perfil completo não deixa grandes dúvidas quanto à sua classificação.

Deste modo pensamos que a comunidade que aqui se fixou estaria relacionada com a construção do castelo e que a interrupção das obras, acabaria por ditar o abandono do sítio. Esta comunidade não revela qualquer tipo de luxo, seja ele de índole arquitectónica ou cerâmica. Se por um lado as estruturas não revelaram nenhum elemento arquitectónico mais nobre, o mesmo revelam as cerâmicas, que apesar de serem em parte decoradas, privilegiam sobretudo o seu carácter prático e funcional. Em concordância, não foi descoberto qualquer outro elemento que indicie a presença de indivíduos de classe mais elevada, nomeadamente os serviços importados.

Temos também o testemunho gravado directamente na rocha de quatro tabuleiros de jogo (Osório, 2021: 45-47), onde a população se distraía nos seus tempos livres. Num destes tabuleiros, perto da porta mas na parte exterior da muralha, jogavase o alquerque dos 9, assim como em outros dois exemplares no interior do castelo. O quarto tabuleiro, também ele dentro do castelo permite que se jogue o alquerque dos 12. As próprias peças de jogo poderiam resultar de fragmentos cerâmicos arredondados, embora não se tenha encontrado nenhum destes elementos.

Em suma, resta-nos referir a boa acção da Câmara Municipal do Sabugal em revitalizar o espaço, confirmando a sua importância e apelando à vinda de visitantes, pois um sítio arqueológico continua vivo se for trabalhado, visitado e vivido.

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Jorge de (1974), *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*, Coimbra.

ARCELIN, P. e **TUFFREAU-LIBRE**, M. (dir.) (1998) – "La quantification des céramiques, conditions et protocole". *Actes de la table ronde du centre archéologique européen du Mont Beuvray*, Glux-en-Glenne (7-9 avril 1998). Bibracte – 2. Mont Beuvray.

BARBOSA, Luís Miguel Ribeiro (2021) – *A cerâmica utilitária dos níveis de abandono de uma oficina de salga em Ossonoba (Faro)*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em Arqueologia Romana orientada pelo Professor Doutor Ricardo Costeira da Silva, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

BARROCA, Mário Jorge (2008-2009) – “De Miranda do Douro ao Sabugal - arquitectura militar e testemunhos arqueológicos medievais num espaço de fronteira”.

Portugalia, Porto, 29-30, p. 193-252.

CANOTILHO, Maria Helena Pires César (2003) - *Processos de cozedura em cerâmica*.

Instituto Politécnico de Bragança.

CASTELO-BRANCO, Manuel da Silva (1997) - *Duarte Darmas - Livro das Fortalezas*. 2.^a ed., Lisboa: Inapa.

CASTRO, José Osório da Gama e (1902) – *Diocese e distrito da Guarda*. Porto: Tipografia Universal.

CATARINO, Helena (1997-1998) – *O Algarve Oriental durante a ocupação islâmica: povoamento rural e recintos fortificados*. *Al'Ulyã*, n.º 6, 3 vols., Loulé: Arquivo Histórico Municipal.

COELHO, Maria Helena da Cruz; **RÊPAS**, Luís Miguel (2007) – *Um cruzamento de fronteiras. O discurso dos concelhos da Guarda em Cortes*. Campo das Letras.

CORREIA, Joaquim Manuel (1946) - *Terras de Riba-Côa. Memórias sobre o Concelho do Sabugal*. 3ª ed. Sabugal: Câmara Municipal.

COSTA, António Carvalho (1708) - *Corografia Portuguesa, e Descrição Topografica do Famoso Reyno de Portugal*. Vol. 2. Lisboa.

DE MAN, Adriaan (2006), *Conimbriga: Do Baixo Império à Idade Média*, Edições Sílabo, Lisboa.

DÓRDIO, Paulo (1998) – “Centros de povoamento: um percurso pelas Vilas medievais.” *Terras do Côa: da Malcata ao Reboredo. Os Valores do Côa*. Maia: Estrela-Côa, Agência de Desenvolvimento Territorial da Guarda, pp. 59-63.

GOMES, Rita Costa (1996) - *Castelos da Beira*. Volume I: Beira. Lisboa: IPPAR.

GONÇALVES, Iria (coord.) (2010) - *Tombos da Ordem de Cristo. Comendas da Beira Interior Centro*. Volume 6. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Universidade Nova de Lisboa.

JORGE, Carlos Gonçalves (1990) - *O concelho de Vila do Touro em 1758. Memórias Paroquiais*. Edição da Associação Recreativa e Cultural dos Forcalhos.

LIBERATO, Marco (2011) - *A cerâmica pintada a branco na Santarém Medieval. Uma abordagem diacrónica: séculos XI a XVI*. Dissertação de mestrado em Arqueologia, Lisboa:

LUÍS, Carlos Manuel; **LAJES**, Carlos dos Santos (1979) - *Memórias de Vila do Touro*.

Lisboa: Associação Cultural e Desportiva de Vila do Touro.

MALAFAIA, E. B. Ataíde (1997) – *Pelourinhos portugueses. Tentâmen de inventário geral*. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

MARQUES, A.M.J.R. (2021) – *O castelo de Salir: estudo das suas materialidades arqueológicas*. Relatório de Estágio do Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização de Arqueologia Medieval e Moderna, orientado pela Professora Doutora Helena Catarino e coorientado pelo Dr. Rui de Almeida, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

MARQUES, José (1998) – “Os municípios na estratégia defensiva dionisina”. *As relações de fronteira no século de Alcañices*. IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. [Revista da Faculdade de Letras. História. 15:1, II série]. Porto.

MARTÍN VISO, I. (2008) – “Leoneses e Portugueses en el território de Sabugal”. *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal, pp. 101-123.

MATOS, Artur (1980). “Transportes e Comunicações em Portugal, Açores e Madeira (1750-1850)”. 2 Volumes. Ponta Delgada: Universidade dos Acores.

MORENO, Humberto Baquero (1998) – “As relações de fronteira no século de Alcañices (1250-1350): o tratado de Alcañices”. *Revista da Faculdade de Letras: História* [Actas das IV Jornadas luso-espanholas de História Medieval], Porto, 15:1 (II série), pp. 641-654.

NAZARÉ, M. J. V. (2013) – *Cerâmicas medievais de Santa Olaia (Figueira da Foz) depositadas no museu municipal Dr. Santos Rocha*. Relatório de estágio no âmbito do Mestrado em Arqueologia e Território, na área de especialização em

David Clamote A cerâmica medieval do castelo de Vila do Touro: os sectores VI e VIII
Arqueologia Medieval, orientada pela Doutora Helena Catarino e coorientada
pela Dr.^a Sónia Pinto, apresentada ao Departamento de História, Arqueologia
e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

OSÓRIO, M. (2001) – “Metalurgia no povoado fortificado Alto-Medieval do Sabugal Velho (Sabugal, Guarda)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) – *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500)*. Palmela, pp. 791-794.

OSÓRIO, Marcos (2004) – “Novos contributos para o estudo dos Castelos Velhos (Guarda)”, *Praça Velha*, 15, Guarda, pp. 5-15.

OSÓRIO, Marcos (2010) – “Sabugal Velho e Caria Talaia – duas morfologias de povoamento, a mesma cronologia”. *Sabucale*, 2, Sabugal, pp. 61-78.

OSÓRIO, Marcos (2012) - *Sortelha: segredos por desvendar*. Sabugal: E.M. Sabugal+.

OSÓRIO, Marcos (2016) – “Fortificações, territórios e dinâmicas transfronteiriças no Alto Côa”. In VILAÇA, R. (coord.) *II Congresso Internacional de Arqueologia da região de Castelo Branco*. Castelo Branco: SAMFTPJ, pp. 93-112.

OSÓRIO, Marcos (2021) – “A Vila e o Castelo templário de Touro. A propósito dos 800 anos da atribuição do foral”. *Sabucale*, 12, Sabugal, pp. 31-58.

PEREIRA, Mário (coord.) (1988) - *Castelos Raia da Beira. Distrito da Guarda*. Catálogo da Exposição. Instituto Português do Património Cultural, Museu da Guarda.

PMH - *PORTUGALIAE MONUMENTA HISTORICA a saeculo octavo post Christum usque ad quintum decim - Leges et Consuetudines* (1863). Lisboa: Academia das Ciências. Vol. 1:3 e 1:4.

PONTE, Salete da; **VILAÇA**, Raquel e **OSÓRIO**, Marcos (2017) - “Duas fíbulas da I Idade do Ferro de Vila do Touro (Sabugal, Guarda)”. *Actas da Mesa Redonda «A Pré-*

David Clamote A cerâmica medieval do castelo de Vila do Touro: os sectores VI e VIII
história e a Proto-história no Centro de Portugal: avaliação e perspectivas de futuro». Viseu, pp. 135-145.

RÊPAS, Luís (2008) – “O Sabugal em tempos medievais (depois do Tratado de Alcañices)”. *Museu do Sabugal. Coleção Arqueológica*. Sabugal: Pró-Raia e Município do Sabugal, pp. 127-143.

RODRIGUES, Miguel A. (1994) – *Cerâmicas medievais da região de Moncorvo (Sécs. XI-XIII)*. Dissertação de Mestrado apresentado à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

RODRIGUES, Miguel A.; **REBANDA**, Nelson (1998) – “Cerâmicas medievais do povoado desertificado de Sta. Cruz da Vilarça”. In *2as Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*. Tondela: C. M. Tondela, pp.101-126.

RODRIGUES, Patrícia (2014) – “Cerâmicas medievais do Pátio do Museu Grão Vasco (Viseu): elementos para uma sistematização da cerâmica pleno medieval do espaço viseense”. In DE MAN, Adriaan e TENTE, Catarina (Coord.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - sécs. IX a XII*. Instituto de Estudos Medievais: Lisboa, pp. 141-159.

SILVA, A.M.F.M. (2019) - *As cerâmicas medievais dos antigos Armazéns Sommer, em Lisboa (Sécs. XIII-XIV)*. Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Catarina Tente, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

SILVA, A. M. S., & **SILVA**, M. C. (2018) - “Cerâmica medieval das escavações no Castelo de Arouca: ensaio de análise morfotipológica”. *Portvgalia*, pp. 69–88.

SILVA, Ricardo Costeira da (2014) – “A cerâmica dos níveis alto-medievais do fórum de *Aeminium* (MNMC, Coimbra)”. In DE MAN, Adriaan e TENTE,

David Clamote A cerâmica medieval do castelo de Vila do Touro: os sectores VI e VIII
Catarina (Coord.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - sécs. IX a XII*. Instituto de Estudos Medievais: Lisboa, pp. 79-97.

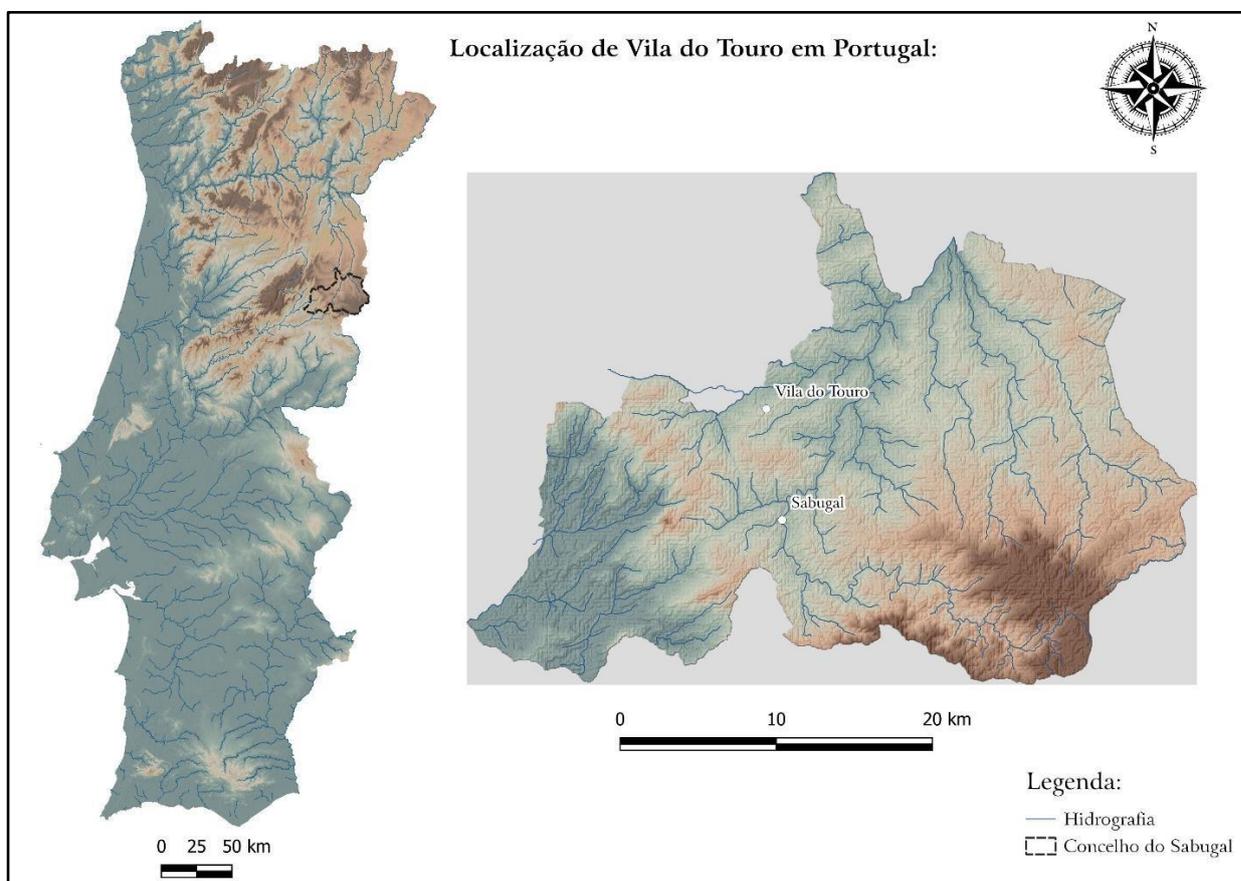
SILVA, Ricardo Costeira da (2015) - *O Museu Nacional de Machado de Castro – um ensaio de arqueologia urbana em Coimbra: do fórum augustano ao paço episcopal de Afonso de Castelo Branco*. Tese de doutoramento em Arqueologia, orientada pelo Professor Doutor Pedro C. Carvalho, apresentada ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

TENTE, Catarina (2010) - *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego. Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Tese de doutoramento em Arqueologia, orientada pela Professora Doutora Rosa Varela Gomes, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

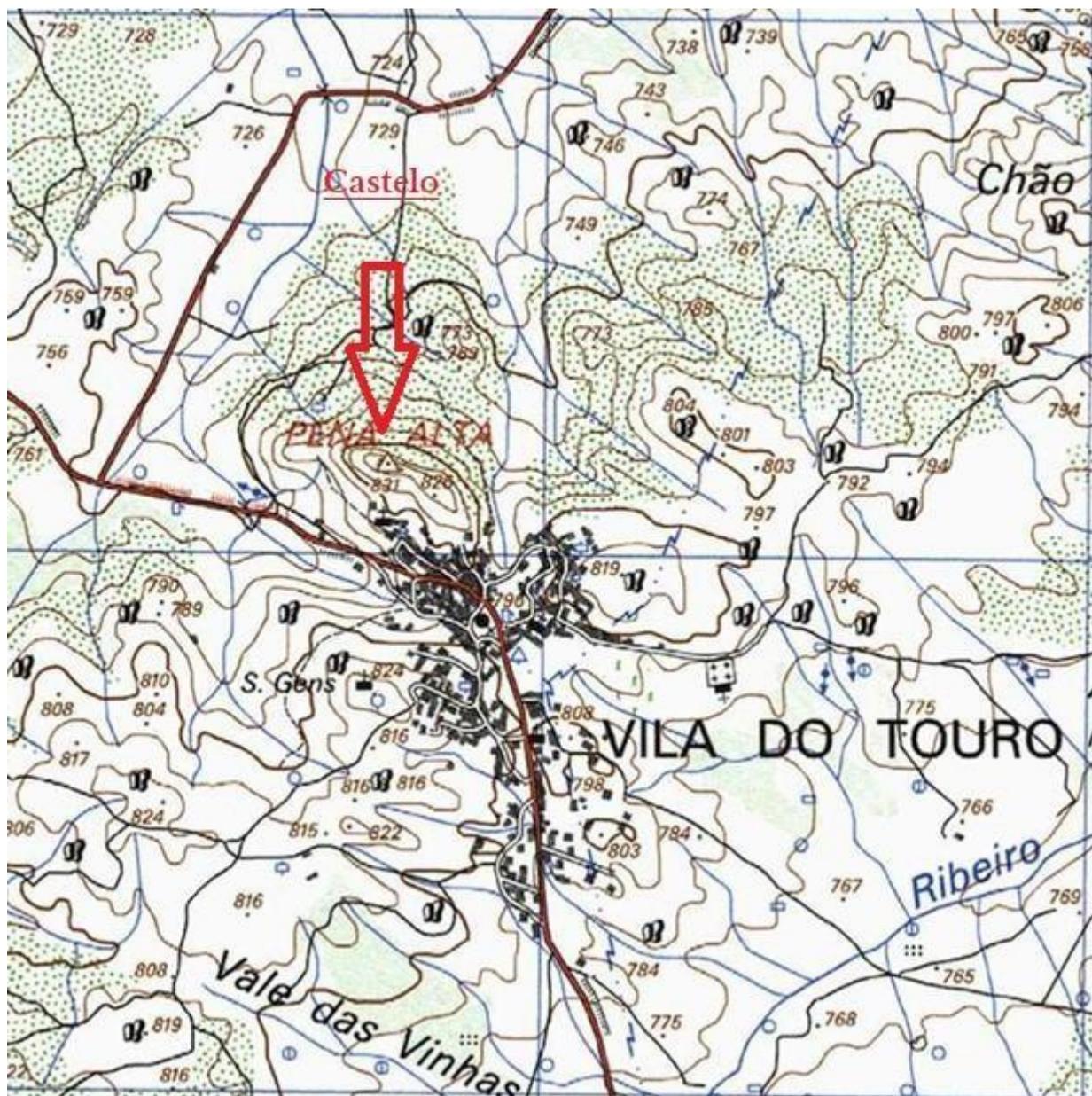
TENTE, Catarina; **LANTES**, Óscar; **PRIETO**, Pilar (2014) – “A produção cerâmica dos séculos IX a XI na Região do Alto Mondego (Portugal)”. In **DE MAN**, Adriaan e **TENTE**, Catarina (Coord.), *Estudos de Cerâmica Medieval. O Norte e Centro de Portugal - sécs. IX a XII*. Instituto de Estudos Medievais: Lisboa, pp. 109-139.

TORRES, C.; **Gómez**, S.; **Ferreira**, M.B. (1997) – “Os nomes da cerâmica medieval. Inventário de termos”. In *Actas das 3.^{as} Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, Tondela: Câmara Municipal, p.125- 134.

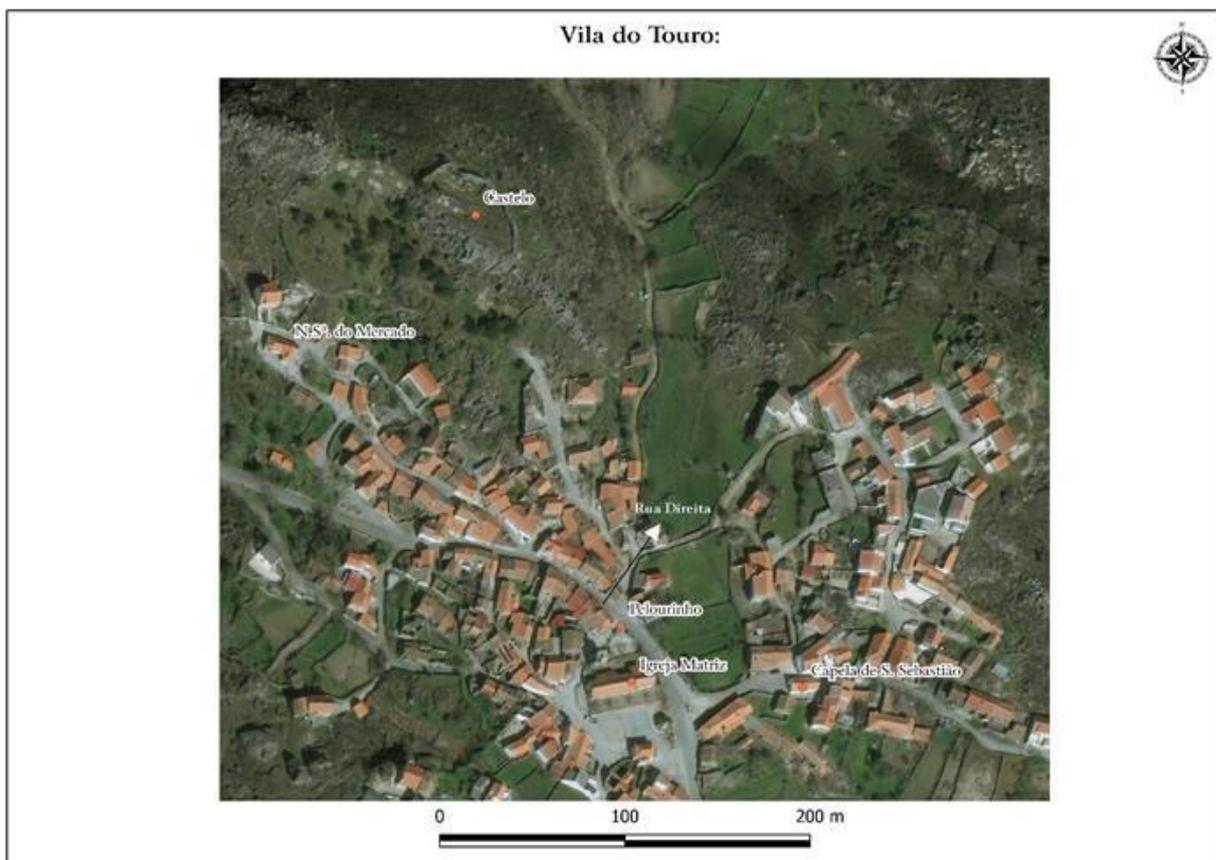
ANEXO I - (Estampas 1-35)



Estampa 1 – Localização da Vila do Touro a partir do MDT de Portugal



Estampa 2 – Localização da Vila e Castelo do Touro em excerto da Carta Militar de Portugal (1:25000) n° 215



Estampa 3 – Os principais pontos de Vila do Touro (Google maps)



Estampa 4 – Casa do barroco



Estampa 5 – Fonte de Paio Gomes



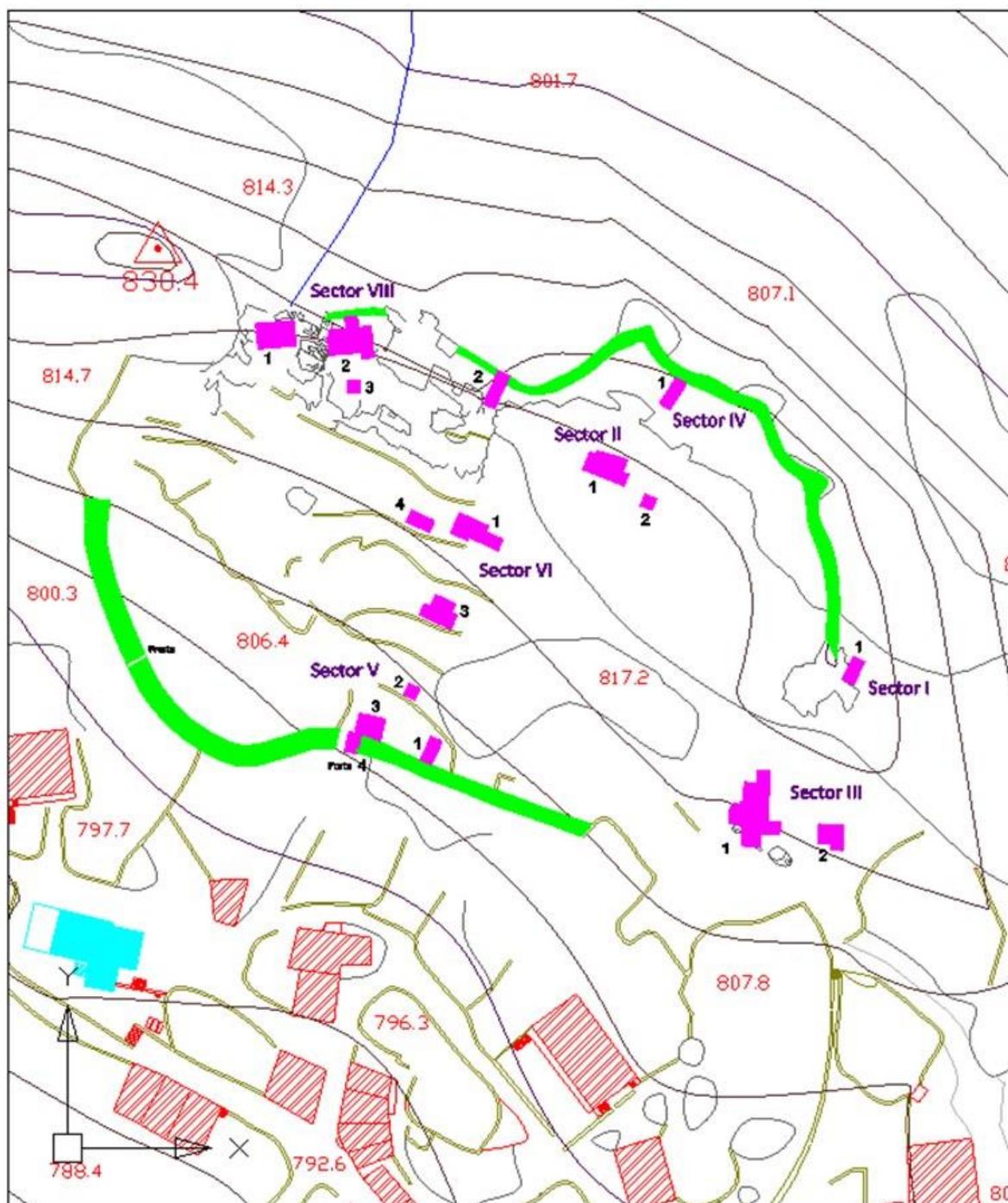
Estampa 6 – Ponte sobre a Ribeira do Boi



Estampa 7 – Porta do castelo de Vila do Touro, onde se vê o 1º módulo da escadaria



Estampa 8 – Degraus de acesso ao adarve da muralha



Estampa 9 – Localização dos sectores e sondagens abertas no interior do castelo. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



Estampa 10 – Sector VI, sondagem 1, 1º alargamento. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



Estampa 11 - Sector VI, sondagem 1 - Derrube de telhado e alinhamento pétreo. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



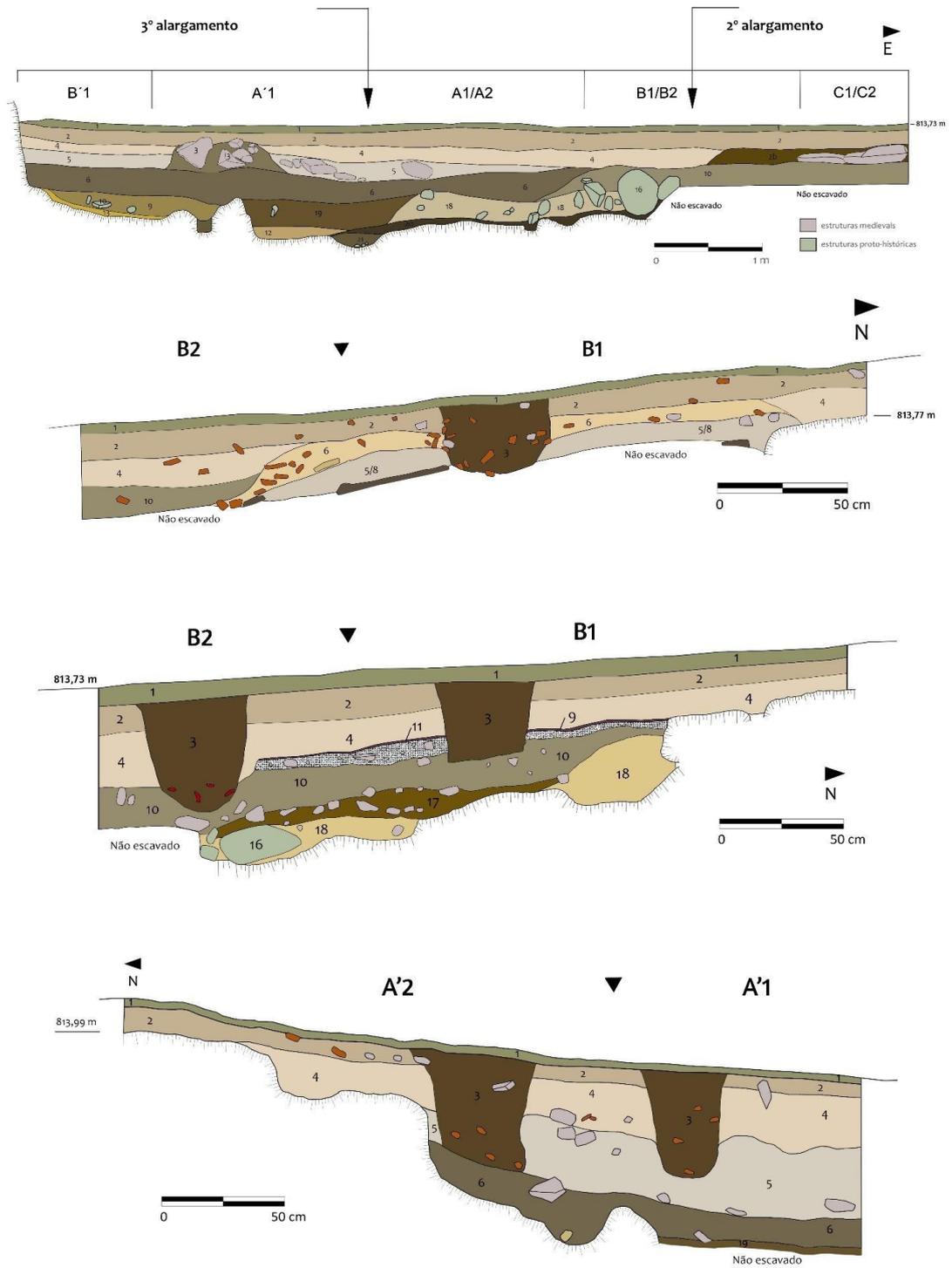
Estampa 12 – Nível de circulação medieval. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



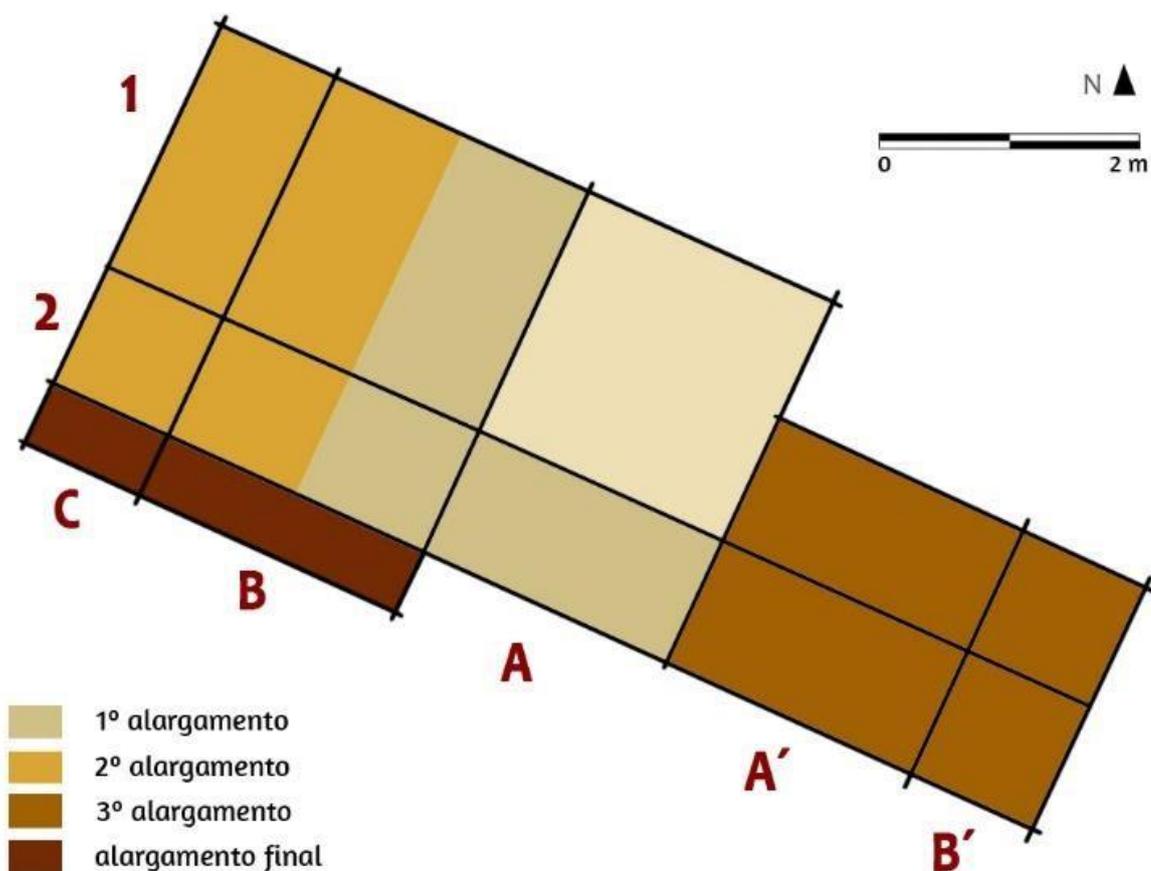
Estampa 13 – Sector VI, sondagem 1, 2º alargamento. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



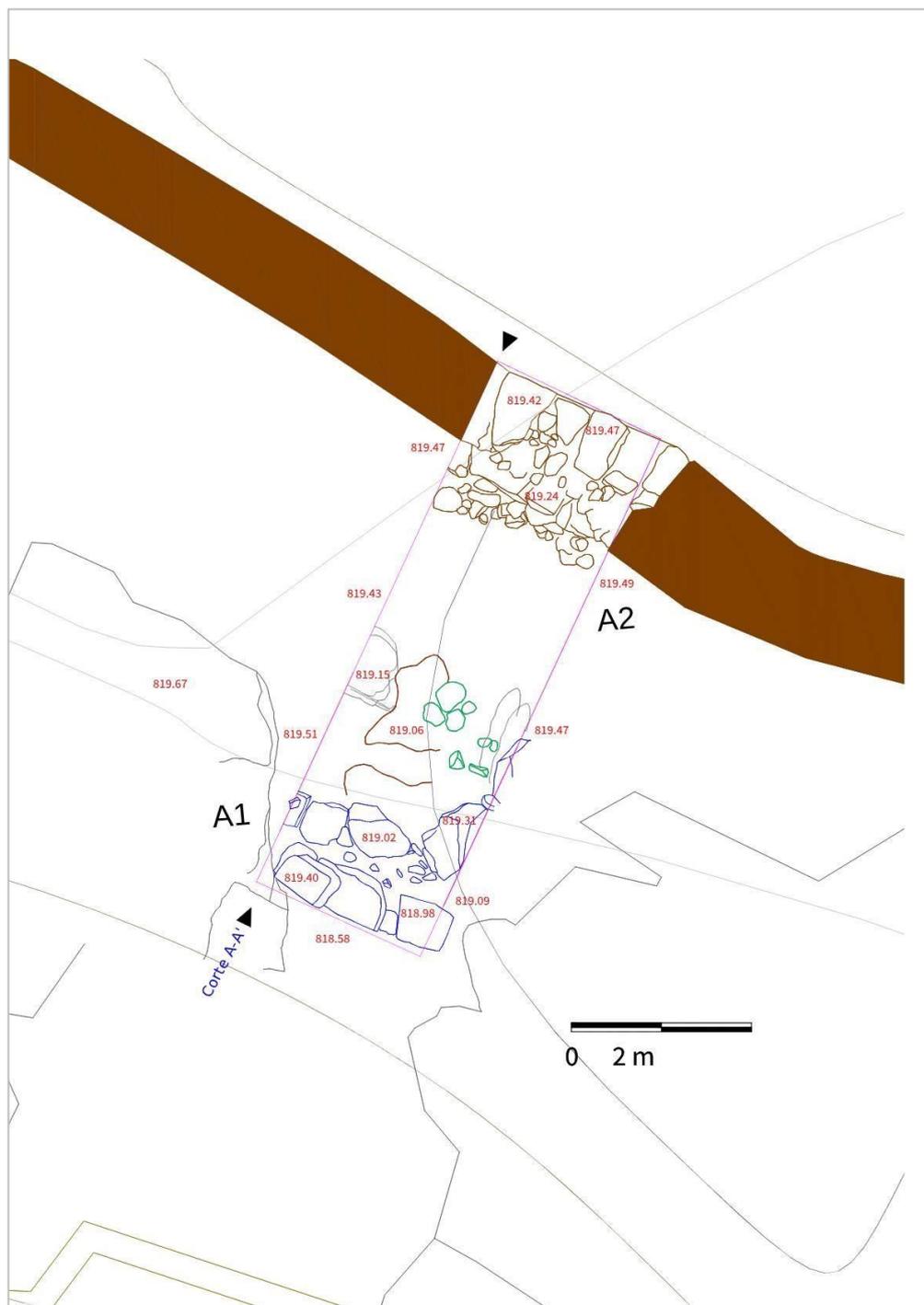
Estampa 14 – Sector VI, sondagem 1, 3º alargamento.
Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



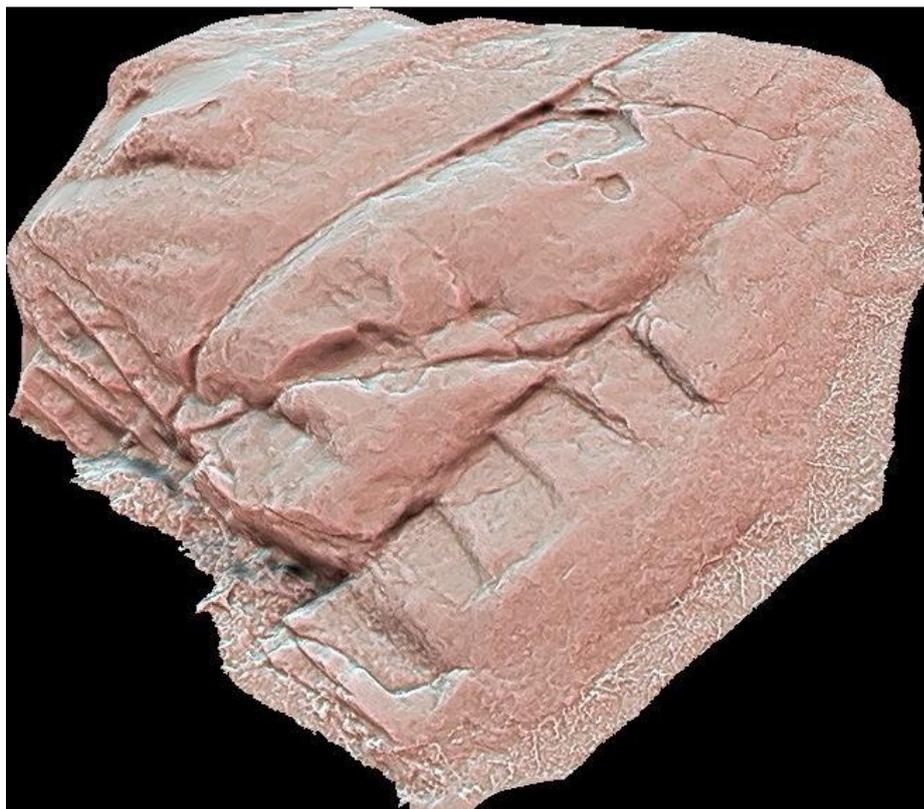
Estampa 15 – Cortes estratigráficos do sector VI, sondagem I. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



Estampa 16 – Esquema final da sondagem I do sector VI. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



Estampa 17 – Planta da sondagem 2 do sector VI. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



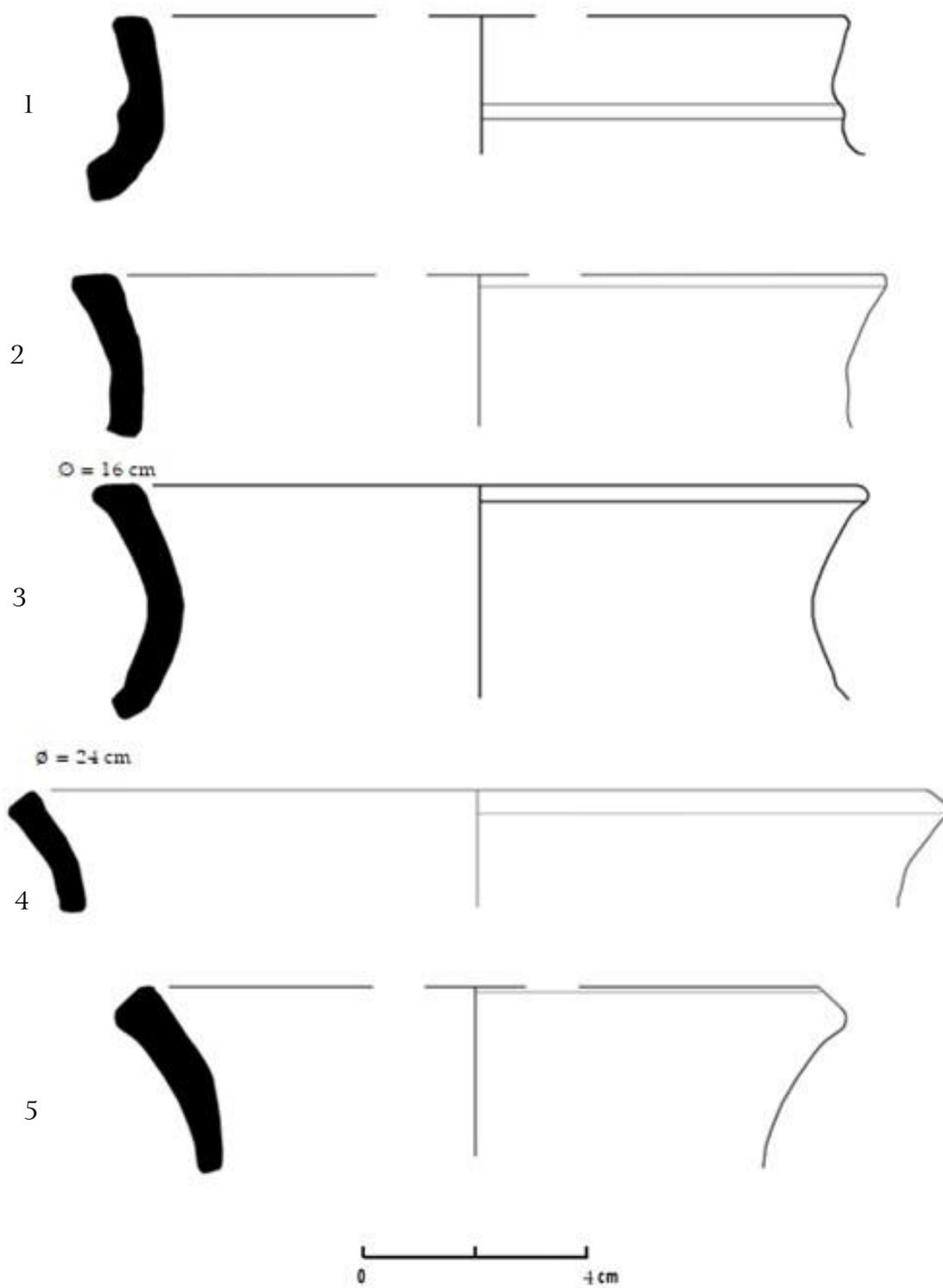
Estampa 18 - Escadaria no afloramento rochoso. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



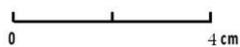
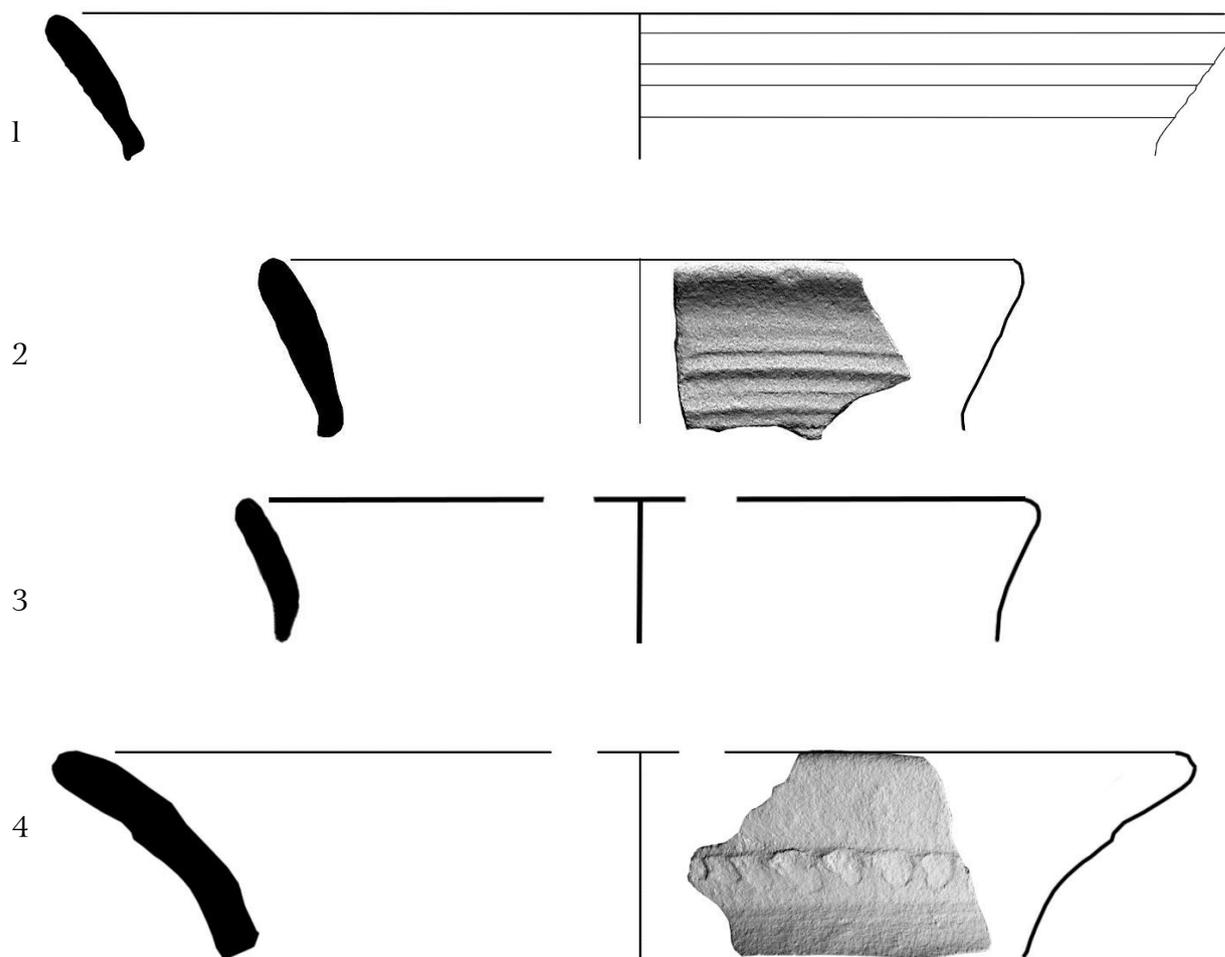
Estampa 19 – Planta do sector VIII, sondagem 1 (à esquerda) e 2 (à direita). Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



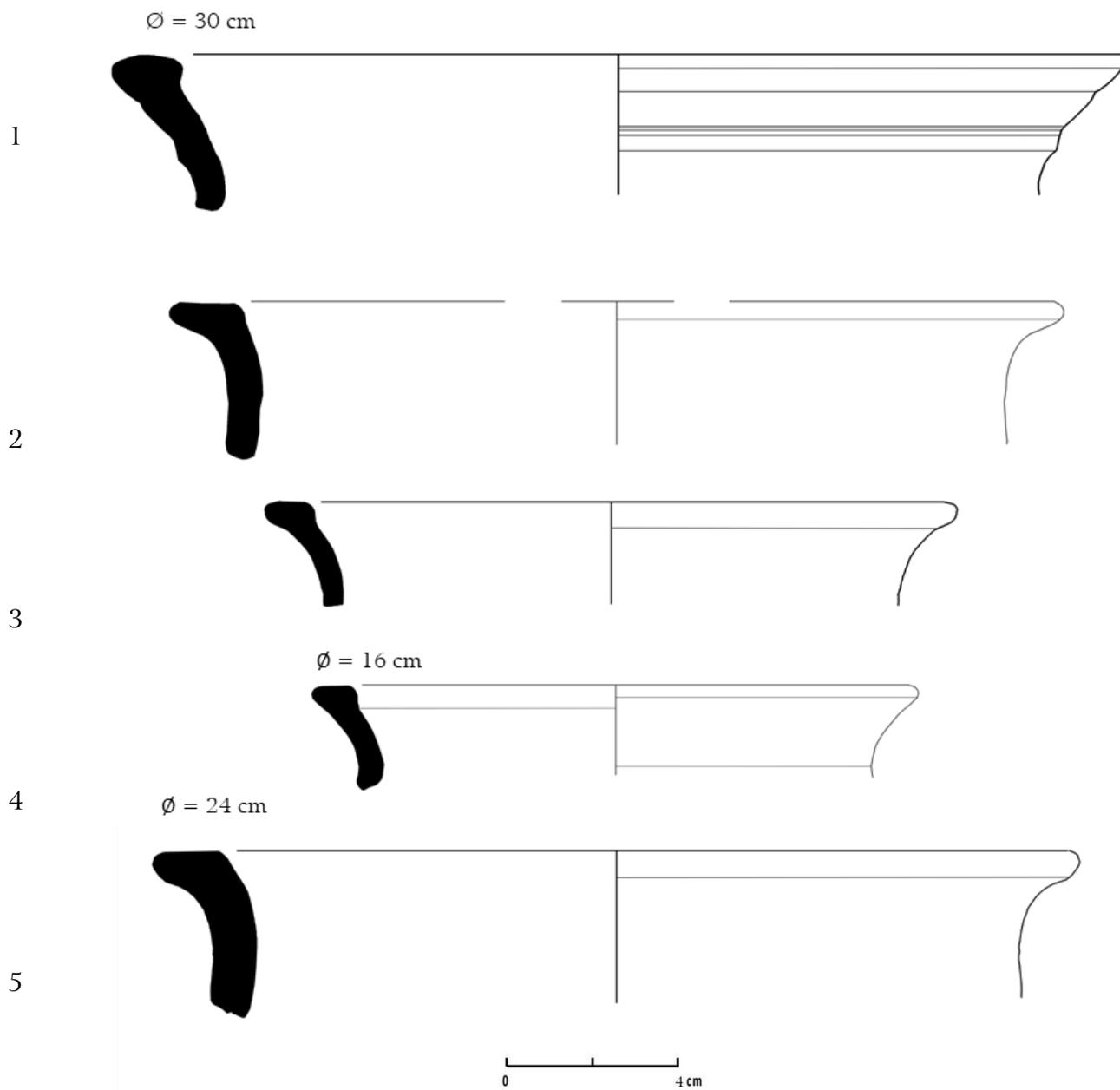
Estampa 20 – Fotogrametria da sondagem 2 do sector VIII. Fonte: Gabinete de Arqueologia do Sabugal



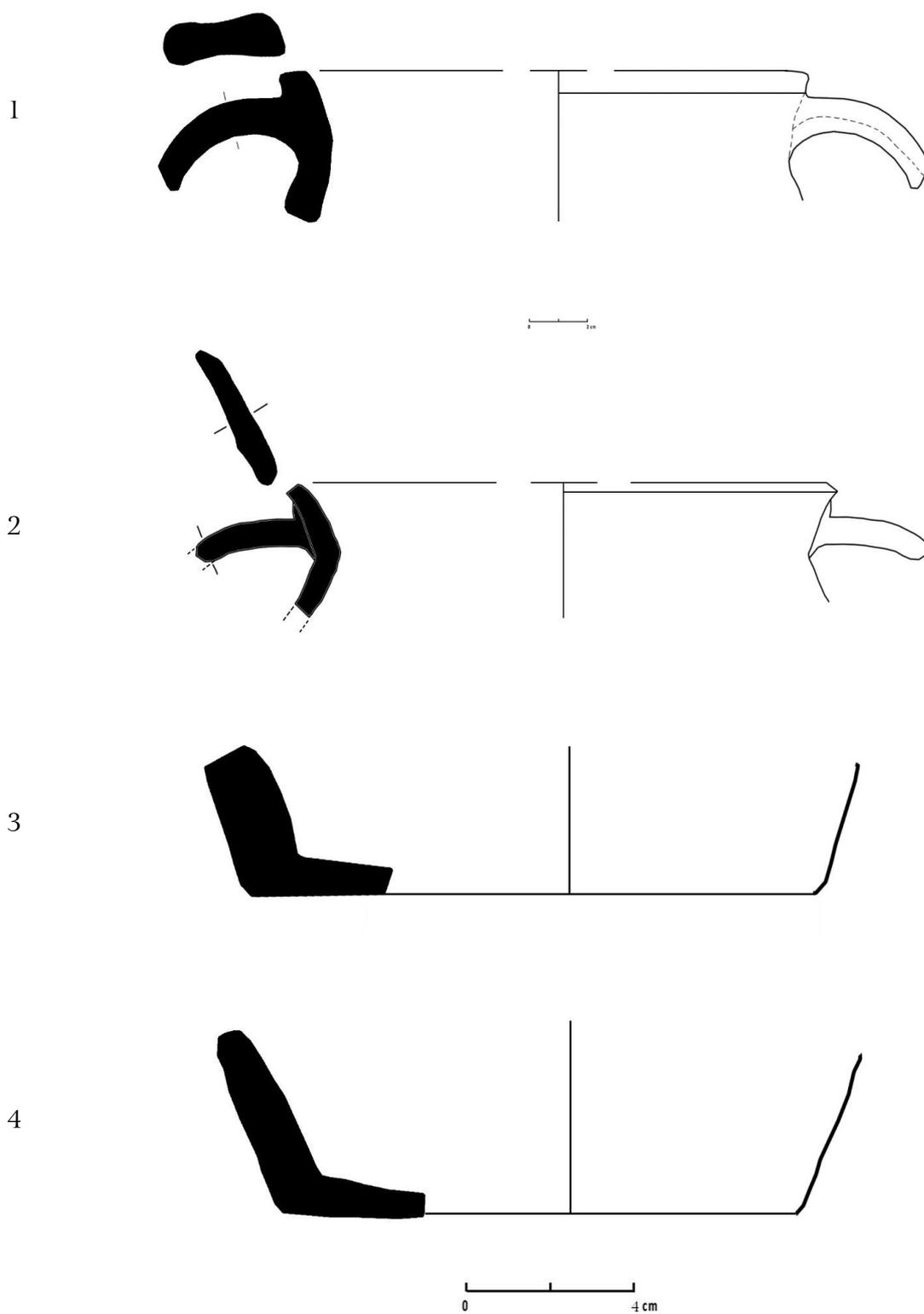
Estampa 21 – Panelas/potes



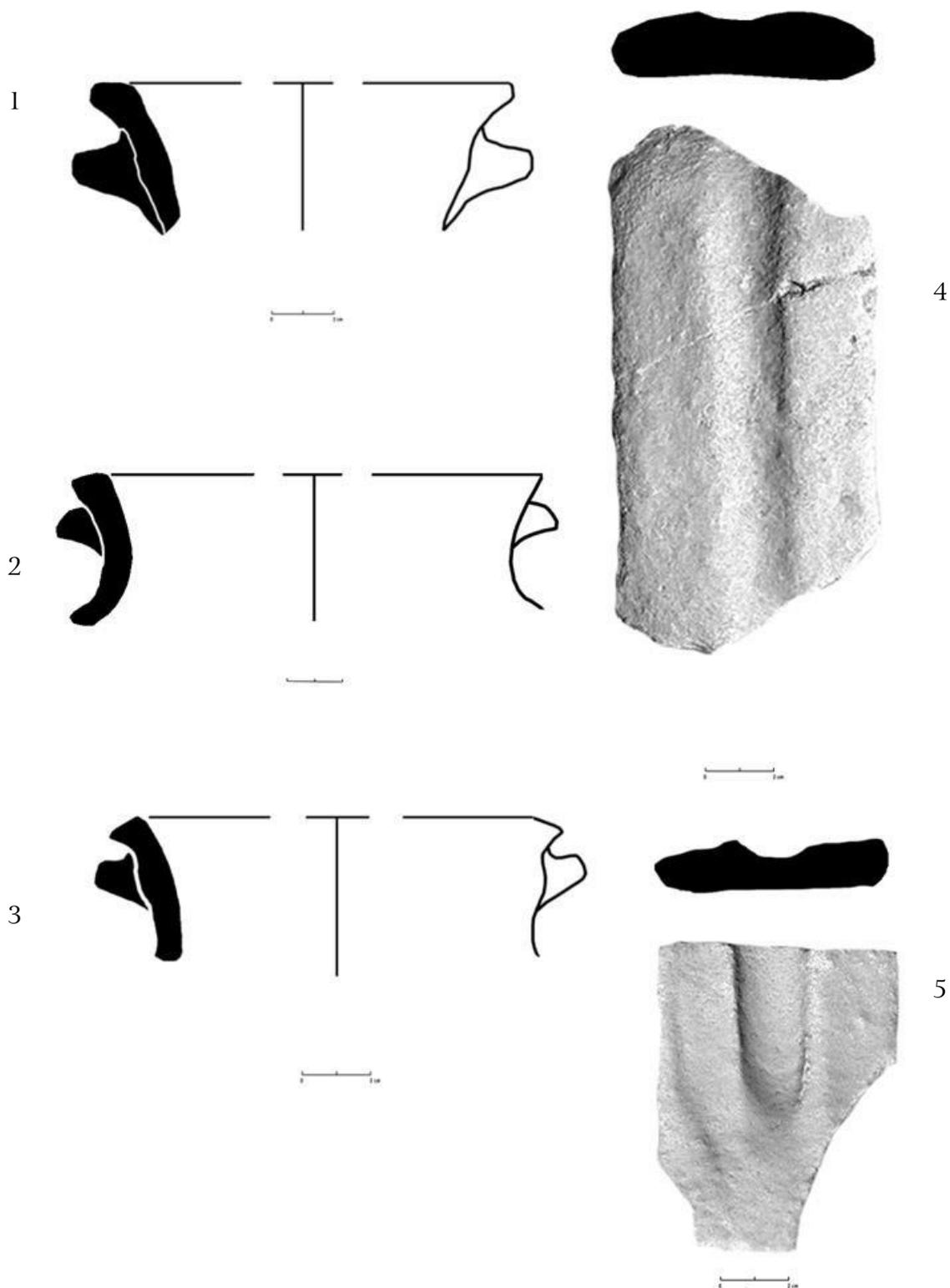
Estampa 22 – Panelas/potes



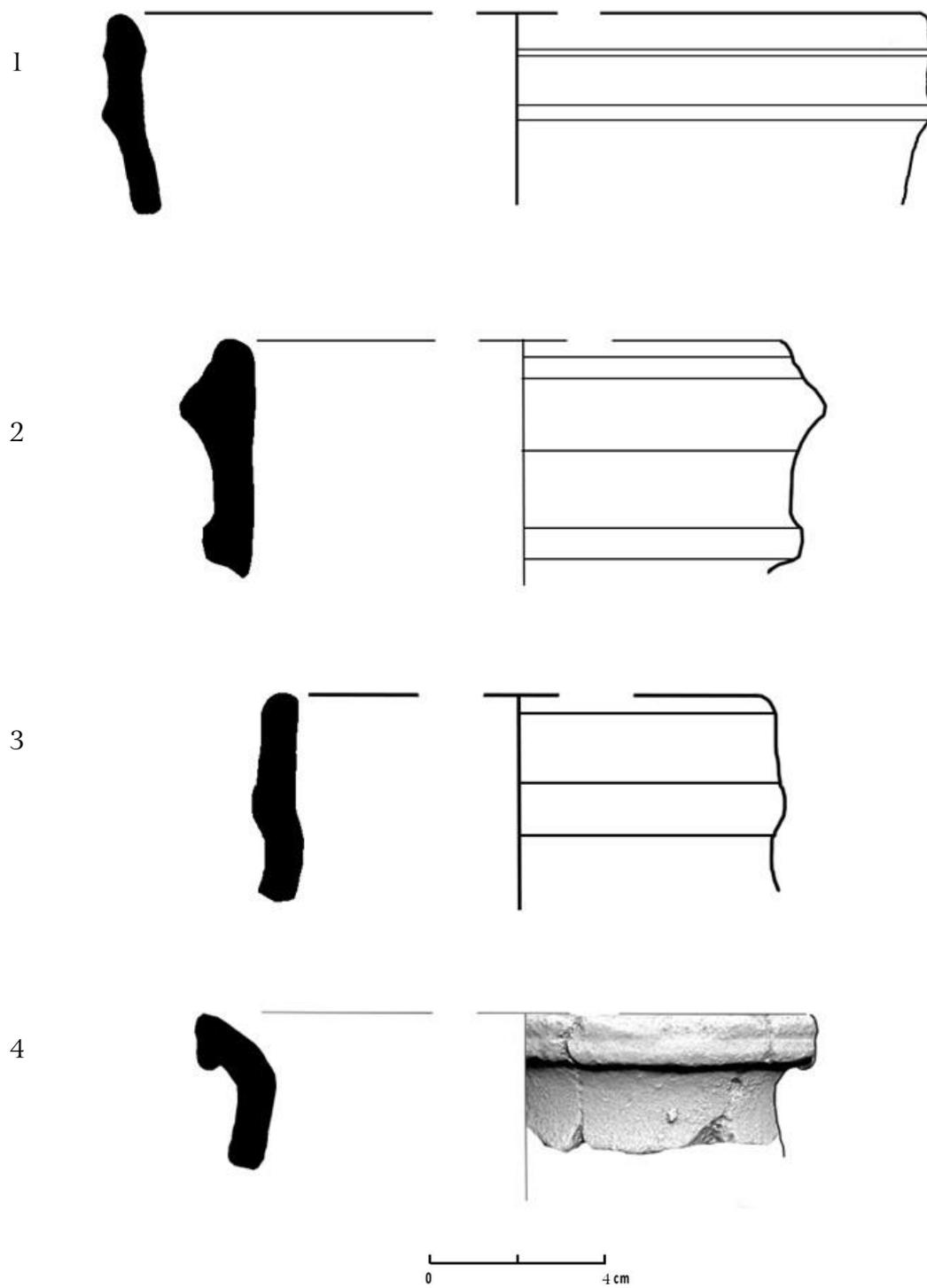
Estampa 23 – Painelas/potes



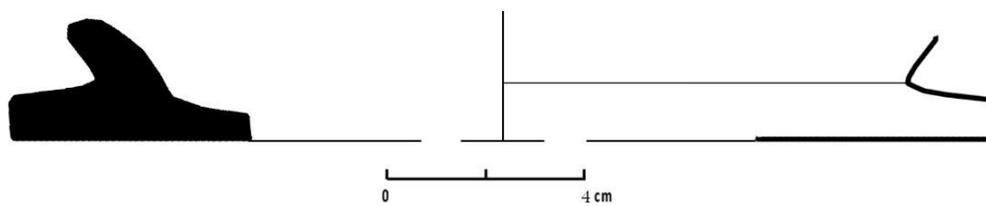
Estampa 24 – Panelas/potes e fundos



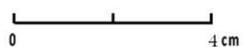
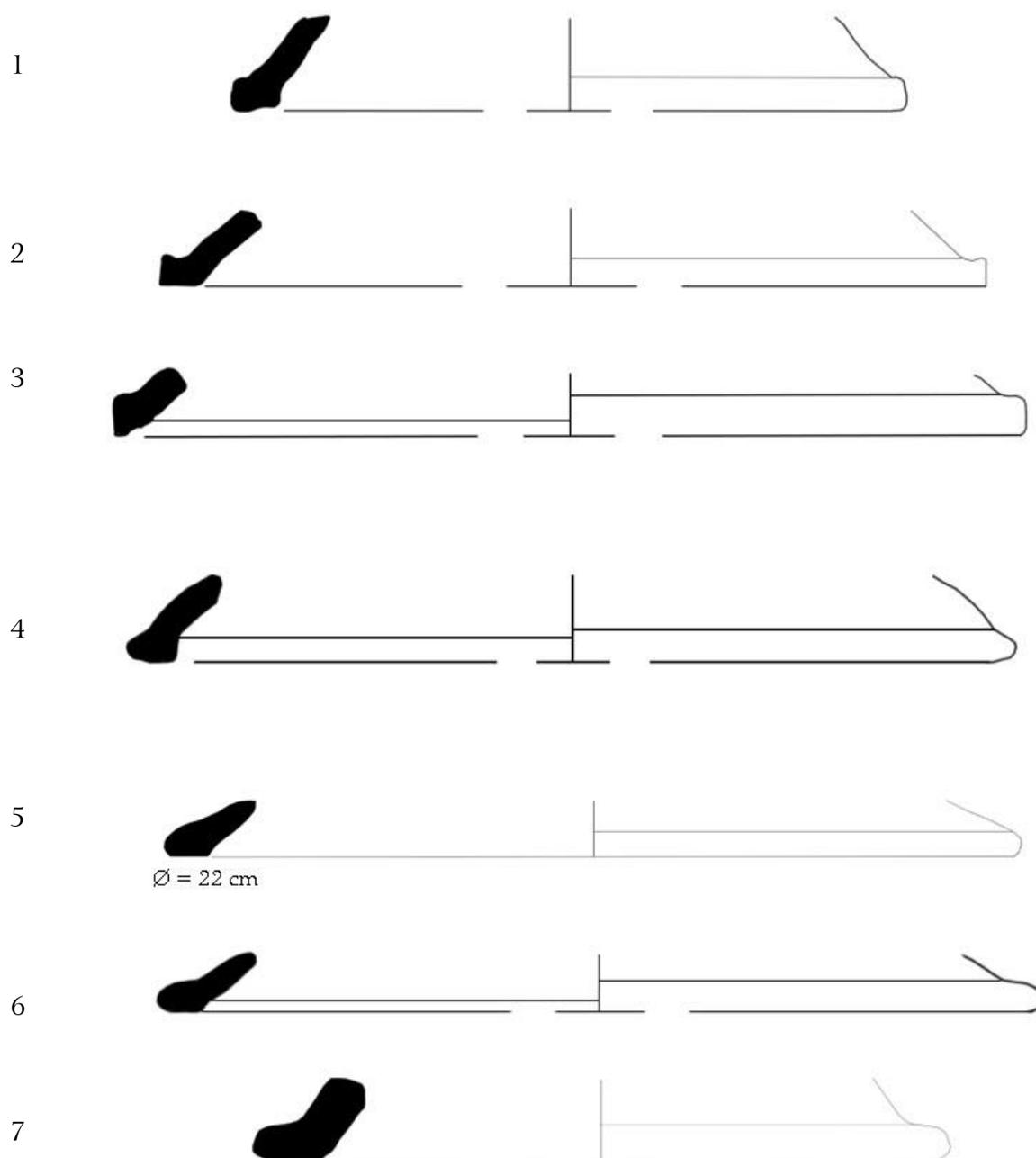
Estampa 25 – Cântaros



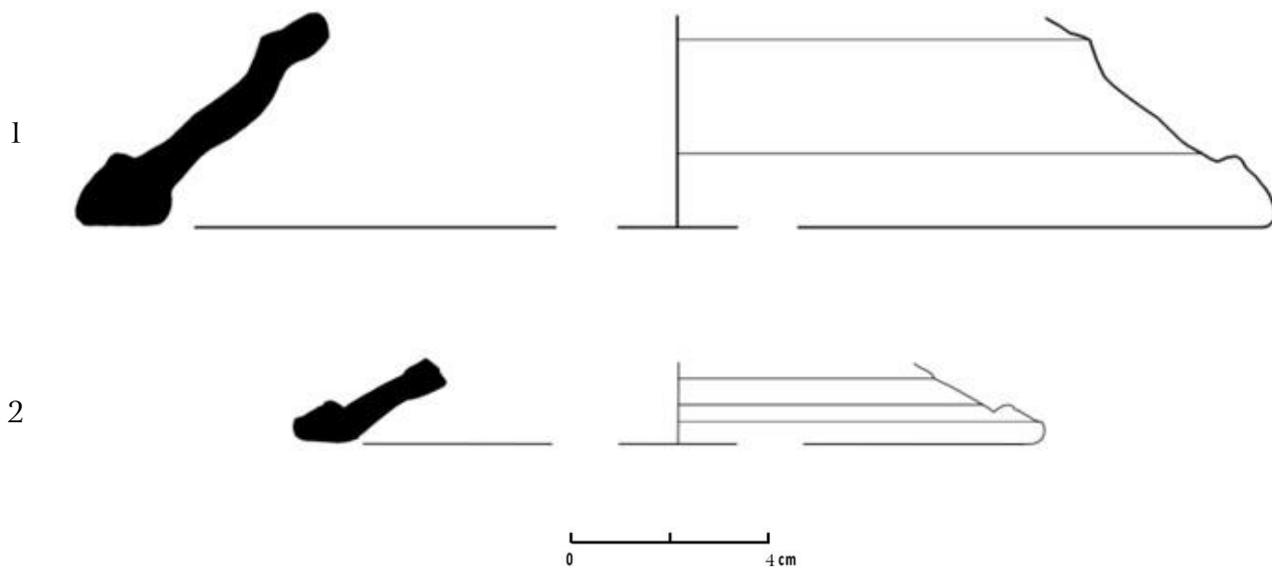
Estampa 26 - Pucarinhos



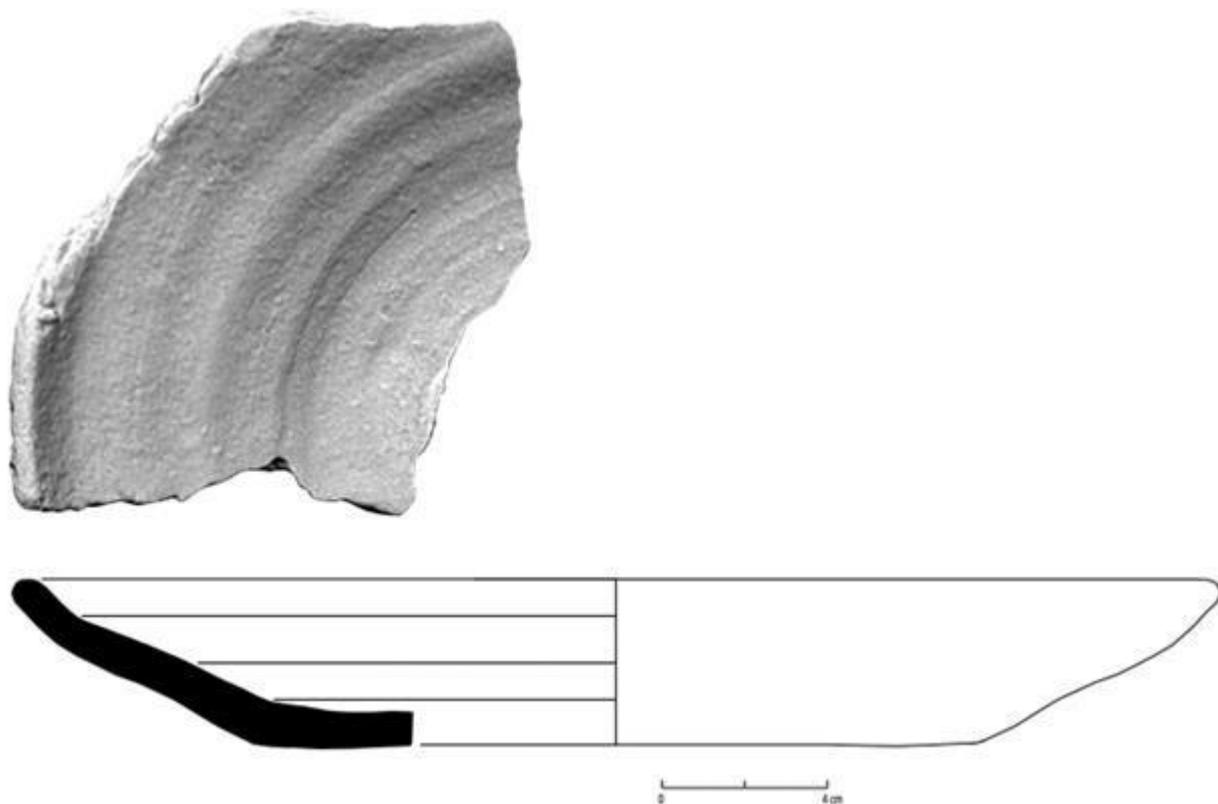
Estampa 27 – Base em disco



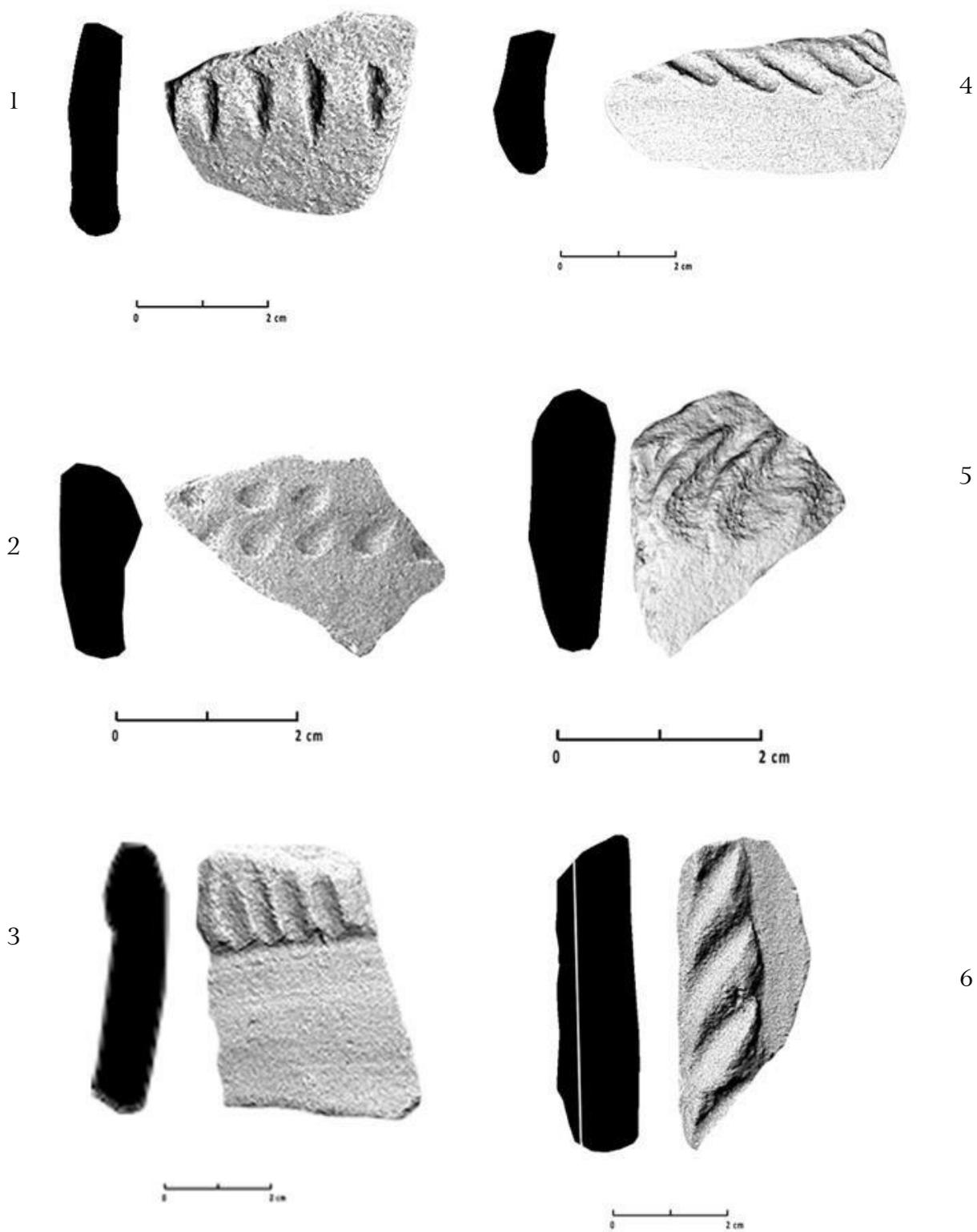
Estampa 28 – Tampas/testos



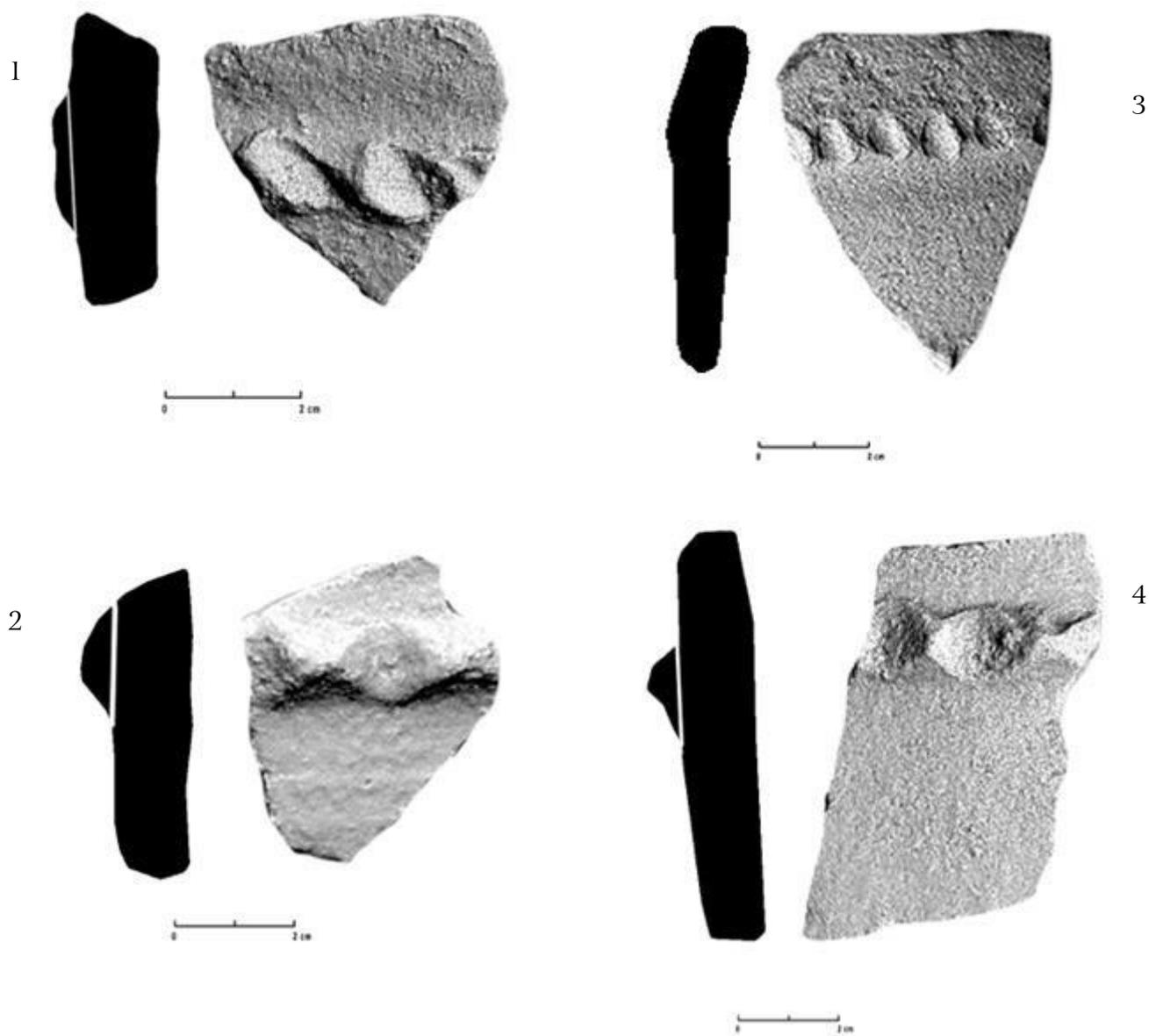
Estampa 29 – Tampas/testos



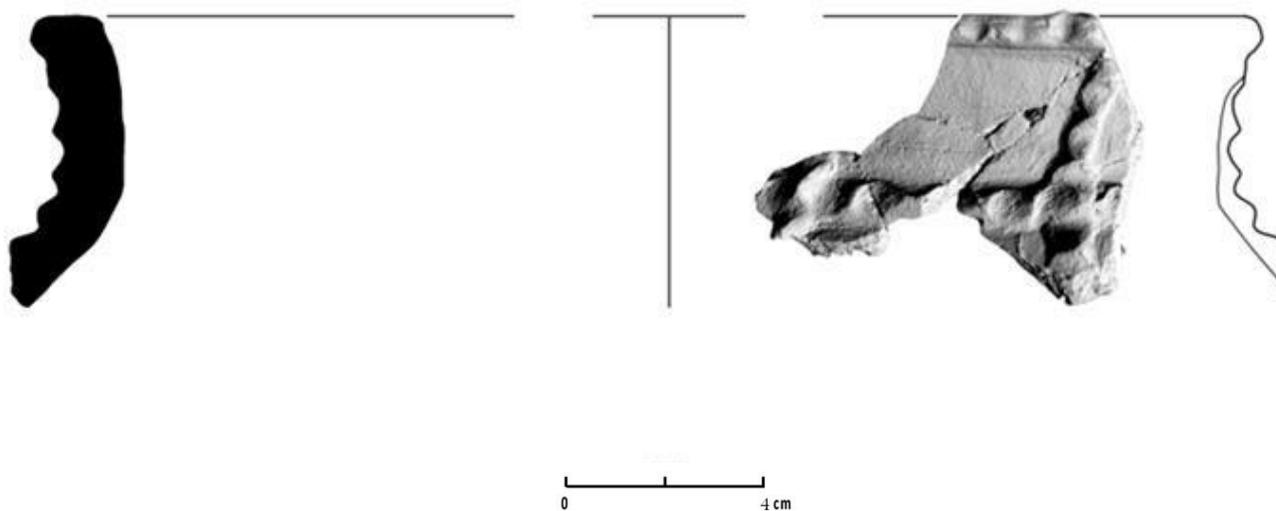
Estampa 30 – Prato. (Desenho de Marcos Osório)



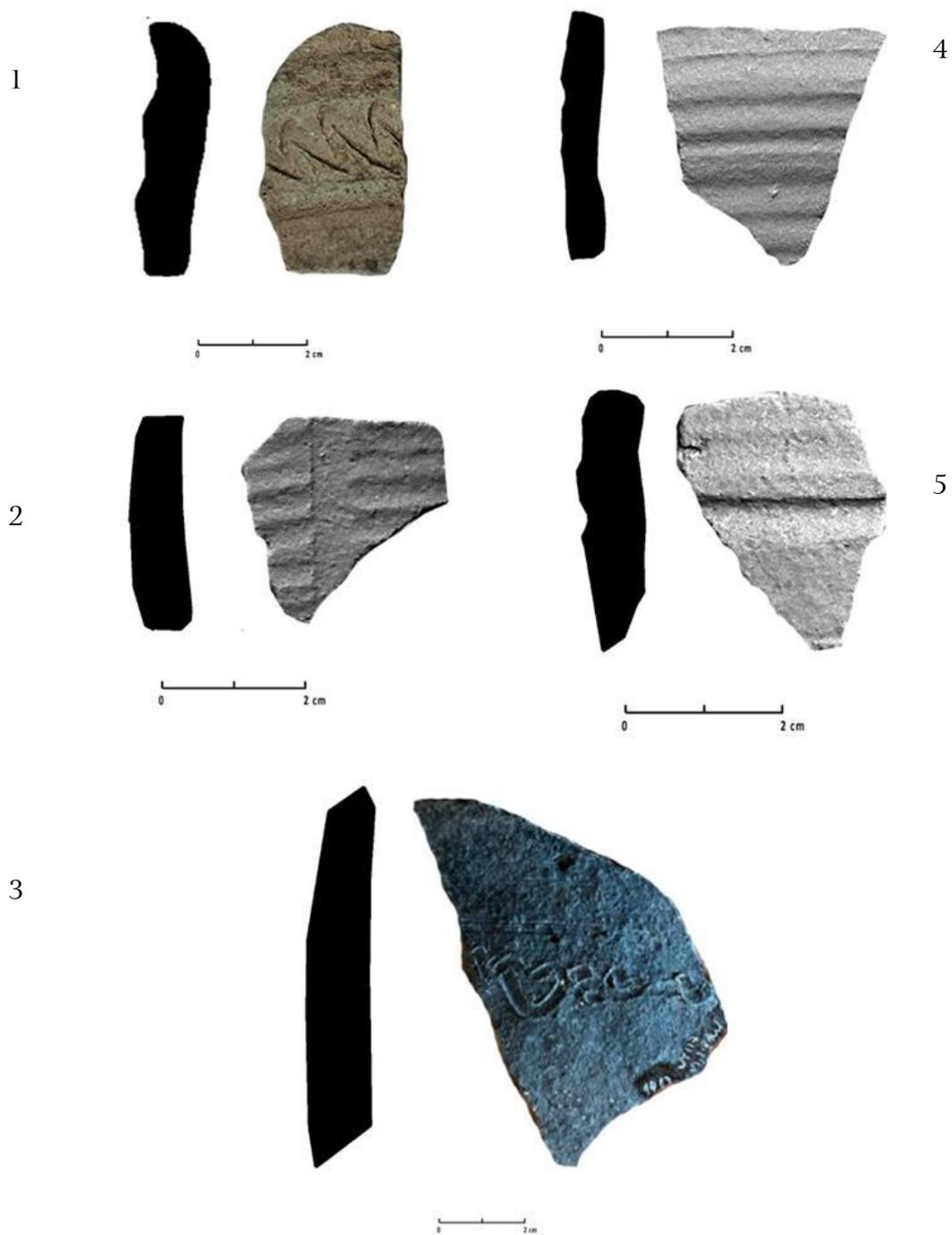
Estampa 31 – Decoração impressa



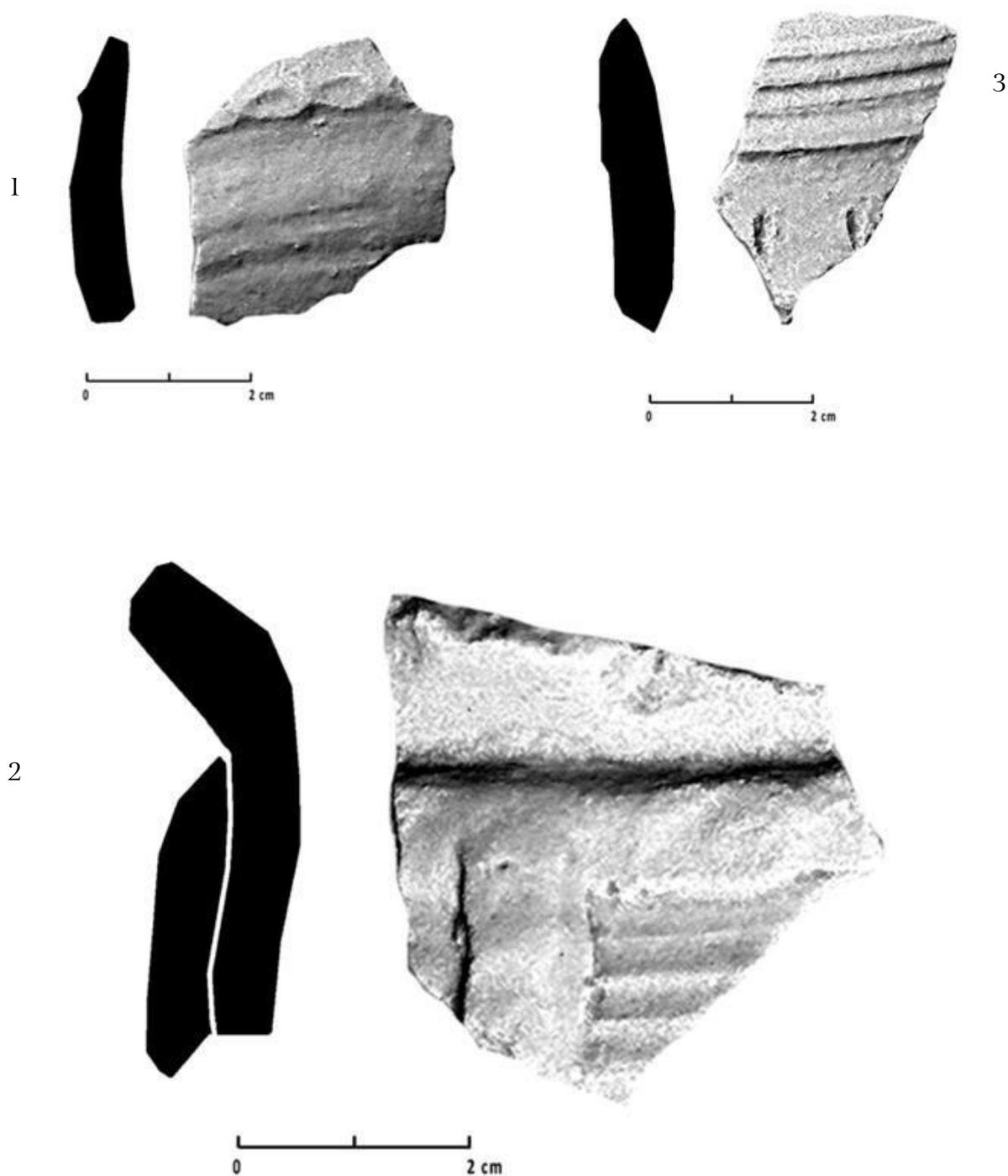
Estampa 32 – Decoração impressa



Estampa 33 – Decoração impressa



Estampa 34 – Decoração incisa



Estampa 35 – Decoração mista

ANEXO II - Inventário

Contagem	Nº de inventário	Sector	Sondagem	UE	Descrição	Decoração	Cozedura	Superfície
1	36	VI	1	1	Fundo		Redutora	Alisada
2	37	VI	1	1	Asa		Redutora	Alisada
3	38	VI	1	1	Bordo	Impressa	Oxidante	Alisada
4	40	VI	1	1	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
5	42	VI	1	1	Bojo		Redutora	Alisada
6	45	VI	1	5	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
7	46	VI	1	1	Tampa		Oxidante	Rugosa
8	47	VI	1	1	Bordo		Oxidante	Alisada
9	48	VI	1	1	Bordo		Oxidante	Alisada
10	64	VI	1	2	Asa		Oxidante	Alisada
11	74	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
12	76	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
13	81	VI	1	2	Bojo		Redutora	Alisada
14	83	VI	1	2	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
15	84	VI	1	2	Bordo		Oxidante	Alisada
16	85	VI	1	2	Bojo	CPD**	Redutora	Alisada
17	87	VI	1	2	Bordo	Incisa	Redutora	Alisada
18	93	VI	1	5	Bojo		Redutora	Alisada
19	96	VI	1	5	Asa		Redutora	Alisada
20	99	VI	1	5	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
21	107	VI	1	7	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
22	120	VIII	1	4	Bordo		Redutora	Rugosa
23	125	VIII	1	2	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
24	128	VIII	2	1	Asa		Redutora	Alisada
25	129	VIII	1	1	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
26	130	VIII	1	1	Bordo		Redutora	Rugosa
27	131	VIII	1	1	Bojo	CPI***	Oxidante	Rugosa
28	141	VIII	2	2	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
29	142	VIII	2	2	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
30	143	VIII	2	2	Bojo	CP*	Redutora	Alisada
31	144	VIII	2	2	Bordo		Redutora	Rugosa
32	145	VIII	2	2	Tampa		Redutora	Rugosa
33	146	VIII	2	2	Bojo	CPI	Oxidante	Alisada
34	147	VIII	2	2	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
35	148	VIII	2	2	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
36	150	VIII	2	3	Bordo	Incisa	Redutora	Rugosa
37	153	VIII	2	3	Asa		Redutora	Rugosa
38	154	VIII	2	3	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa

39	155	VIII	2	3	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
40	156	VIII	2	3	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
41	159	VIII	2	3	Tampa		Redutora	Alisada
42	160	VIII	2	3	Tampa		Redutora	Alisada
43	162	VIII	2	3	Bordo		Oxidante	Rugosa
44	165	VIII	2	1	Bordo		Redutora	Alisada
45	166	VIII	2	1	Bojo	CP	Redutora	Alisada
46	167	VIII	2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
47	169	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
48	170	VIII	2	1	Asa		Oxidante	Rugosa
49	171	VIII	2	1	Asa	Incisa	Oxidante	Rugosa
50	172	VIII	2	1	Asa		Redutora	Rugosa
51	173	VIII	2	1	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
52	174	VIII	2	1	Tampa		Oxidante	Rugosa
53	175	VIII	2	1	Bordo		Redutora	Alisada
54	176	VIII	2	1	Bordo		Oxidante	Rugosa
55	177	VIII	2	1	Fundo		Redutora	Rugosa
56	178	VIII	2	1	Bojo	CPD	Oxidante	Alisada
57	179	VIII	2	1	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
58	180	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
59	181	VIII	2	1	Tampa		Redutora	Rugosa
60	182	VIII	2	1	Asa		Redutora	Rugosa
61	184	VIII	2	1	Bojo	CPD	Redutora	Alisada
62	185	VIII	2	1	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
63	186	VIII	2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
64	187	VIII	2	1	Asa		Oxidante	Rugosa
65	189	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
66	190	VIII	2	1	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
67	192	VIII	2	1	Bojo	Impressa	Oxidante	Alisada
68	198	VIII	2	1	Asa	Incisa	Redutora	Alisada
69	199	VIII	2	1	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
70	200	VIII	2	1	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
71	202	VIII	1	6	Fundo		Redutora	Rugosa
72	880	VI	1	2	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
73	1031	VIII	B1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
74	1060	VIII	I4	1	Bordo		Redutora	Rugosa
75	1061	VIII	I4	1	Fundo		Redutora	Rugosa
76	1062	VIII	I4	3	Bojo	CP	Oxidante	Alisada
77	1063	VIII	I4	3	Fundo		Redutora	Alisada
78	1064	VIII	I4	3	Bojo		Oxidante	Alisada
79	1067	VIII	K3	1	Asa		Oxidante	Rugosa
80	1068	VIII	K4	2	Bordo	Incisa	Oxidante	Rugosa

81	1069	VIII	K3	1	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
82	1070	VIII	C3	1	Asa		Redutora	Alisada
83	1071	VIII	C3	1	Bordo		Redutora	Rugosa
84	1072	VIII	C3	1	Bojo	CP	Redutora	Alisada
85	1075	VIII	C3	1	Bojo	CPI	Redutora	Alisada
86	1076	VIII	C3	1	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
87	1077	VIII	C3	1	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
88	1078	VIII	C3	1	Fundo		Redutora	Rugosa
89	1079	VIII	3	1	Asa		Oxidante	Rugosa
90	1080	VIII	B3	1	Bojo	CPI	Redutora	Alisada
91	1081	VIII	C3	1	Bojo	CPI	Oxidante	Alisada
92	1082	VIII	C3	3	Asa		Redutora	Rugosa
93	1083	VIII	D2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
94	1084	VIII	D2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
95	1085	VIII	D2	1	Tampa		Redutora	Alisada
96	1086	VIII	D2	1	Tampa		Oxidante	Rugosa
97	1088	VIII	D2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
98	1089	VIII	D2	1	Asa		Redutora	Rugosa
99	1090	VIII	Superfície	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
100	1092	VIII	1	1	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
101	1170	VI	1	12	Bordo		Redutora	Rugosa
102	1171	VI	1	15	Fundo		Redutora	Rugosa
103	1172	VI	A1	15	Bordo		Redutora	Rugosa
104	1173	VI	A1	15	Bordo		Redutora	Rugosa
105	1174	VI	1	20	Bordo	CPD	Oxidante	Rugosa
106	1175	VI	2	19	Bojo		Redutora	Rugosa
107	1176	VI	1	20	Fundo		Oxidante	Rugosa
108	1177	VI	2	18	Fundo		Redutora	Rugosa
109	1178	VI	1	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
110	1180	VI	1	12	Fundo		Redutora	Alisada
111	1182	VI	2	10	Fundo		Redutora	Rugosa
112	1183	VI	2	18	Bordo	Impressa	Redutora	Rugosa
113	1184	VI	2	19	Bordo		Redutora	Alisada
114	1185	VI	1	5	Bordo		Oxidante	Rugosa
115	1187	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
116	1188	VI	2	19	Fundo		Redutora	Alisada
117	1189	VI	1	20	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
118	1190	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
119	1191	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
120	1192	VI	2	19	Bojo	CPI	Redutora	Alisada
121	1193	VI	1	20	Asa		Oxidante	Rugosa
122	1194	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa

123	1195	VI	2	6	Bordo		Oxidante	Alisada
124	1196	VI	1	20	Fundo		Oxidante	Alisada
125	1197	VI	2	19	Bordo		Redutora	Alisada
126	1198	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
127	1199	VI	2	6	Bordo		Redutora	Rugosa
128	1200	VI	2	19	Fundo		Redutora	Rugosa
129	1201	VI	2	19	Bojo	CPD	Redutora	Alisada
130	1202	VI	2	10	Fundo		Redutora	Alisada
131	1203	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
132	1204	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
133	1205	VI	1	20	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
134	1208	VI	2	19	Bordo		Redutora	Alisada
135	1209	VI	1	12	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
136	1210	VI	1	10	Bordo		Redutora	Alisada
137	1211	VI	1	20	Bordo		Redutora	Rugosa
138	1212	VI	A1	11	Bordo		Redutora	Rugosa
139	1213	VI	1	10	Bordo		Redutora	Rugosa
140	1214	VI	1	18	Fundo		Redutora	Rugosa
141	1215	VI	2	19	Bordo		Redutora	Alisada
142	1216	VI	2	10	Bordo		Oxidante	Alisada
143	1217	VI	1	10	Bordo		Oxidante	Rugosa
144	1218	VI	2	19	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
145	1219	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
146	1220	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
147	1221	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
148	1222	VI	1	15	Fundo		Redutora	Alisada
149	1223	VI	1	20	Fundo		Oxidante	Rugosa
150	1224	VI	2	10	Bordo		Oxidante	Alisada
151	1225	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
152	1227	VI	1	20	Bojo	CP	Oxidante	Rugosa
153	1228	VI	2	10	Asa		Redutora	Rugosa
154	1229	VI	2	20	Bordo		Redutora	Alisada
155	1230	VI	2	10	Bordo		Redutora	Alisada
156	1232	VI	2	19	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
157	1234	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
158	1235	VI	1	4	Tampa		Oxidante	Alisada
159	1236	VI	2	6	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
160	1237	VI	2	6	Bordo	Incisa	Oxidante	Alisada
161	1239	VI	1	10	Bojo	CP	Oxidante	Alisada
162	1239	VIII	C3	1	Fundo		Oxidante	Alisada
163	1241	VI	1	15	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
164	1243	VI	1	10	Bordo		Redutora	Alisada

165	1244	VIII	C3	2	Tampa		Redutora	Rugosa
166	1245	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
167	1246	VI	A1	15	Bordo		Redutora	Rugosa
168	1247	VI	2	19	Bojo		Redutora	Alisada
169	1248	VI	2	18	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
170	1249	VI	1	20	Fundo		Oxidante	Rugosa
171	1250	VI	1	15	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
172	1251	VI	1	20	Fundo		Oxidante	Alisada
173	1252	VI	2	18	Asa		Oxidante	Alisada
174	1253	VI	2	16	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
175	1255	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
176	1255	VIII	I3	2	Fundo		Oxidante	Alisada
177	1256	VI	2	19	Fundo		Redutora	Alisada
178	1256	VIII	C3	2	Bordo		Redutora	Rugosa
179	1259	VI	1	15	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
180	1260	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
181	1261	VI	1	12	Bordo		Oxidante	Rugosa
182	1262	VI	2	10	Bordo		Oxidante	Alisada
183	1263	VI	1	15	Fundo		Redutora	Alisada
184	1264	VI	2	19	Asa		Redutora	Rugosa
185	1265	VI	1	15	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
186	1266	VI	1	15	Asa		Redutora	Rugosa
187	1267	VIII	D2	1	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
188	1268	VI	2	19	Bojo		Redutora	Rugosa
189	1270	VI	1	15	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
190	1272	VIII	D2	1	Bordo		Redutora	Alisada
191	1274	VIII	D2	1	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
192	1276	VIII	D2	1	Bordo		Redutora	Rugosa
193	1281	VIII	D2	2	Asa		Redutora	Rugosa
194	1282	VIII	D2	2	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
195	1284	VIII	D2	7	Asa		Redutora	Alisada
196	1289	VIII	D2	2	Bordo		Redutora	Rugosa
197	1290	VI	1	15	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
198	1291	VIII	D3	2	Bojo	CPI	Oxidante	Rugosa
199	1292	VIII	D3	2	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
200	1293	VIII	D3	2	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa
201	1294	VIII	B3	2	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
202	1296	VIII	D3	2	Fundo		Redutora	Rugosa
203	1303	VIII	D3	2	Bordo		Redutora	Rugosa
204	1305	VIII	H4	1	Fundo		Oxidante	Alisada
205	1307	VIII	H	4	Tampa		Oxidante	Rugosa
206	1309	VIII	I2	1	Asa		Redutora	Rugosa

207	1315	VIII	I2	4	Asa		Redutora	Alisada
208	1317	VIII	I2	4	Bojo		Oxidante	Rugosa
209	1319	VIII	I2	4	Bordo		Oxidante	Alisada
210	1322	VIII	I2	4	Bordo		Oxidante	Alisada
211	1323	VIII	I2	4	Bordo	Incisa	Oxidante	Rugosa
212	1327	VIII	I2	3	Bojo		Oxidante	Rugosa
213	1329	VIII	I2	5	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
214	1330	VIII	I2	6	Fundo		Redutora	Alisada
215	1332	VIII	I2	5	Asa		Oxidante	Rugosa
216	1333	VIII	I2	6	Bordo	CP	Oxidante	Alisada
217	1337	VIII	I3	1	Bojo	CPD	Redutora	Alisada
218	1338	VIII	I3	1	Tampa		Redutora	Alisada
219	1340	VIII	I4	5	Bordo		Redutora	Rugosa
220	1341	VIII	I4	4	Asa		Redutora	Alisada
221	1342	VIII	I4	4	Asa		Redutora	Rugosa
222	1345	VIII	J3	2	Bojo		Oxidante	Alisada
223	1346	VIII	J3	2	Bordo		Redutora	Rugosa
224	1352	VIII	I4	1	Fundo		Redutora	Alisada
225	1353	VIII	J4	1	Bordo		Oxidante	Rugosa
226	1358	VIII	K3	1	Asa		Oxidante	Alisada
227	1361	VIII	K3	2	Bordo		Oxidante	Rugosa
228	1363	VIII	K3	2	Bordo		Redutora	Rugosa
229	1364	VIII	K3	2	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
230	1367	VIII	K3	2	Bordo		Oxidante	Rugosa
231	1368	VIII	K4	1	Tampa		Redutora	Rugosa
232	1371	VIII	K4	1	Fundo		Oxidante	Alisada
233	1376	VIII	J4	7	Tampa		Redutora	Rugosa
234	1378	VIII	I2	4	Asa		Oxidante	Alisada
235	1379	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
236	1380	VI	1	8	Bordo		Oxidante	Alisada
237	1381	VI	1	2	Asa		Oxidante	alisada
238	1382	VI	1	2	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
239	1383	VI	1	4	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
240	1384	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
241	1385	VI	1	2	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
242	1386	VI	1	4	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
243	1387	VI	1	6	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
244	1388	VI	1	6	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
245	1389	VI	1	6	Bordo		Redutora	Rugosa
246	1390	VI	1	6	Bordo		Redutora	Rugosa
247	1391	VI	1	4	Bordo		Redutora	Alisada
248	1392	VI	2	5	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa

249	1393	VI	1	4	Fundo		Redutora	Rugosa
250	1394	VI	1	6	Bojo	Incisa	Oxidante	Rugosa
251	1395	VI	1	4	Bordo		Oxidante	Rugosa
252	1396	VI	1	6	Bordo		Oxidante	Rugosa
253	1397	VI	1	7	Bordo		Redutora	Rugosa
254	1398	VI	1	6	Bordo		Redutora	Rugosa
255	1399	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
256	1400	VI	2	5	Fundo		Oxidante	Rugosa
257	1401	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
258	1402	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
259	1403	VI	2	2	Bordo		Redutora	Rugosa
260	1404	VI	1	2	Bordo		Redutora	Alisada
261	1405	VI	1	6	Asa		Redutora	Rugosa
262	1406	VI	1	6	Bordo		Redutora	Alisada
263	1407	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
264	1408	VI	1	4	Bojo	Incisa	Oxidante	Alisada
265	1409	VI	1	4	Bordo		Redutora	Rugosa
266	1410	VI	1	6	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
267	1411	VI	1	2	Bordo		Redutora	Alisada
268	1412	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
269	1413	VI	1	6	Bordo		Redutora	Rugosa
270	1414	VI	1	2	Bordo		Redutora	Alisada
271	1415	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
272	1416	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
273	1417	VI	Al	2	Bordo		Redutora	Rugosa
274	1418	VI	1	4	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
275	1419	VI	1	6	Bordo		Redutora	Rugosa
276	1420	VI	1	2	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
277	1421	VI	1	4	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
278	1422	VI	1	6	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
279	1423	VI	1	4	Fundo		Redutora	Rugosa
280	1424	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
281	1425	VI	1	9	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
282	1426	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
283	1427	VI	1	6	Bojo	CPI	Oxidante	Rugosa
284	1428	VI	1	4	Bordo		Oxidante	Alisada
285	1429	VI	1	6	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa
286	1430	VI	1	2	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
287	1431	VI	1	4	Tampa		Oxidante	Rugosa
288	1432	VI	2	3	Fundo		Oxidante	Alisada
289	1433	VI	2	6	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
290	1434	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa

291	1435	VIII	2	1	Bojo		Oxidante	Rugosa
292	1436	VI	2	3	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
293	1437	VI	2	14	Bordo		Redutora	Rugosa
294	1438	VI	2	13	Bojo	Impressa	Oxidante	Rugosa
295	1439	VIII	2	1	Bordo	Incisa	Redutora	Alisada
296	1440	VI	2	18	Asa		Redutora	Rugosa
297	1441	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
298	1442	VI	2	15	Bordo		Oxidante	Alisada
299	1443	VI	1	8	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
300	1444	VI	2	11	Bordo		Redutora	Rugosa
301	1445	VI	2	6	Bordo		Redutora	Alisada
302	1446	VI	2	3	Bordo	Incisa	Oxidante	Alisada
303	1447	VI	1	8	Asa		Redutora	Rugosa
304	1448	VI	1	8	Asa		Redutora	Alisada
305	1449	VI	2	0	Bojo		Oxidante	Rugosa
306	1450	VI	2	6	Bojo		Oxidante	Rugosa
307	1451	VI	2	13	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
308	1452	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
309	1453	VIII	2	1	Bojo		Oxidante	rugosa
310	1455	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
311	1456	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
312	1457	VI	2	13	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
313	1458	VIII	1	1	Asa		Redutora	Rugosa
314	1459	VI	2	14	Bojo	CPI	Redutora	Rugosa
315	1460	VI	2	14	Bordo		Redutora	Rugosa
316	1461	VI	2	6	Fundo		Redutora	Rugosa
317	1463	VI	2	13	Bordo		Redutora	Rugosa
318	1464	VI	2	15	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
319	1465	VI	2	15	Bordo		Redutora	Rugosa
320	1466	VI	2	19	Fundo		Redutora	Rugosa
321	1467	VI	2	13	Fundo		Oxidante	Rugosa
322	1468	VI	2	19	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa
323	1469	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
324	1470	VI	1	8	Asa		Redutora	Rugosa
325	1471	VI	1	5	Asa		Redutora	Rugosa
326	1472	VI	2	6	Asa		Redutora	Rugosa
327	1473	VI	1	8	Asa		Redutora	Rugosa
328	1474	VI	1	2	Asa	Incisa	Redutora	Alisada
329	1475	VI	1	5	Fundo		Redutora	Rugosa
330	1476	VI	1	8	Fundo		Redutora	Rugosa
331	1477	VI	1	3	Fundo		Redutora	Rugosa
332	1478	VI	1	5	Fundo		Redutora	Rugosa

333	1479	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
334	1480	VI	1	8	Fundo		Redutora	Rugosa
335	1481	VI	2	5	Asa		Oxidante	Rugosa
336	1482	VI	1	6	Bojo	Impressa	Oxidante	Alisada
337	1483	VI	1	8	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
338	1484	VI	1	2	Fundo		Redutora	Rugosa
339	1487	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
340	1488	VI	2	5	Bordo	Incisa	Oxidante	Alisada
341	1489	VI	1	4	Fundo		Oxidante	Rugosa
342	1490	VI	2	2	Fundo		Oxidante	Rugosa
343	1491	VI	1	4	Bojo	CPD	Oxidante	Rugosa
344	1492	VI	1	4	Bordo		Redutora	Rugosa
345	1493	VI	1	4	Asa		Redutora	Alisada
346	1494	VI	1	8	Bordo		Redutora	Alisada
347	1495	VI	1	5	Bordo		Redutora	Rugosa
348	1496	VI	2	5	Asa		Oxidante	Alisada
349	1497	VI	1	5	Fundo		Redutora	Rugosa
350	1498	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
351	1499	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
352	1500	VI	1	5	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
353	1501	VI	1	5	Bordo		Redutora	Rugosa
354	1502	VI	1	4	Fundo		Oxidante	Rugosa
355	1503	VI	1	8	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
356	1504	VI	1	3	Bordo		Redutora	Rugosa
357	1505	VI	1	14	Tampa		Redutora	Rugosa
358	1506	VI	B1	1	Asa	Incisa	Redutora	Rugosa
359	1507	VI	1	8	Bojo	CPD	Oxidante	Rugosa
360	1508	VI	1	5	Asa		Redutora	Rugosa
361	1509	VI	1	8	Fundo		Redutora	Alisado
362	1510	VI	1	5	Bordo		Redutora	Rugosa
363	1511	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
364	1512	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
365	1513	VI	B2	10	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
366	1514	VI	B1	1	Bordo		Redutora	Rugosa
367	1515	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
368	1516	VI	1	4	Tampa		Redutora	Alisada
369	1517	VI	1	4	Fundo		Redutora	Rugosa
370	1518	VI	1	8	Bordo		Redutora	Alisada
371	1519	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
372	1520	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
373	1521	VI	1	2	Bordo		Oxidante	Rugosa
374	1522	VI	1	8	Fundo		Redutora	Alisada

375	1523	VI	A1	5	Bordo		Redutora	Rugosa
376	1524	VI	1	2	Bordo		Oxidante	Rugosa
377	1525	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
378	1526	VI	2	6	Asa	Incisa	Oxidante	Rugosa
379	1527	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
380	1528	VI	1	8	Bojo	CPI	Redutora	Alisada
381	1529	VI	1	4	Asa		Oxidante	Alisada
382	1530	VI	1	2	Bordo		Redutora	Rugosa
383	1531	VI	1	9	Asa		Oxidante	Rugosa
384	1532	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
385	1533	VI	1	1	Bordo		Redutora	Rugosa
386	1534	VI	1	5	Bordo		Oxidante	Rugosa
387	1535	VI	1	5	Bojo		Redutora	Rugosa
388	1536	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
389	1537	VI	1	8	Bordo		Redutora	Rugosa
390	1538	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
391	1539	VI	1	4	Bordo		Redutora	Rugosa
392	1540	VI	1	8	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
393	1541	VI	2	19	Asa		Redutora	Rugosa
394	1542	VI	1	8	Bojo		Redutora	Rugosa
395	1543	VIII	C3	1	Asa		Redutora	Rugosa
396	1544	VI	1	8	Bordo	CPD	Redutora	Rugosa
397	1545	VI	1	12	Fundo		Redutora	Alisada
398	1546	VIII	C3	2	Bojo	CP	Redutora	Rugosa
399	1547	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Alisada
400	1548	VIII	C3	4	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
401	1549	VIII	C3	2	Asa		Redutora	Alisada
402	1550	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Alisada
403	1551	VIII	C3	2	Tampa		Redutora	Rugosa
404	1552	VI	1	18	Asa		Redutora	Alisada
405	1553	VI	1	8	Bojo	CPD	Redutora	Rugosa
406	1554	VI	1	15	Bordo		Redutora	Rugosa
407	1555	VI	2	19	Bordo		Redutora	Rugosa
408	1556	VI	1	5	Tampa		Redutora	Rugosa
409	1557	VIII	C3	1	Tampa		Redutora	Rugosa
410	1558	VIII	C3	1	Bordo		Redutora	Rugosa
411	1559	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
412	1560	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
413	1561	VI	2	19	Asa		Redutora	Rugosa
414	1562	VIII	2	1	Bojo	Incisa	Redutora	Rugosa
415	1563	VI	2	19	Bojo	Impressa	Redutora	Rugosa
416	1564	VIII	2	1	Bojo		Oxidante	Alisada

417	1565	VI	1	6	Bordo		Oxidante	Rugosa
418	1572	VIII	2	9	Bordo		Redutora	Alisada

*CP – Cordão Plástico

**CPD – Cordão Plástico Decorado

***CPI – Cordão Plástico Impresso